Hemeroteca/Arq. Pl/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu
Fundo APMDME/Hemeroteca

MINAS GERAIS

suplemento literário

AFFONSO ARINOS: CENTENÁRIO

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paraopeba
cód. 3182

ALGUMAS OPINIÕES SÔBRE O SUPLEMENTO LITERÁRIO

ABGAR RENAULT

«O só fato de estarem as suas colunas abertas aos moços que buscam ainda sua expressão é recomendação importante. Sente-se vivamente que o SL não tem preconceitos e procura tão sòmente oferecer à cultura mineira novos meios de exprimir-se e afirmar-se. Está de parabéns o Govêrno do Estado pela coragem de manter êsse órgão, de tão elevado nível material e intelectual, (não tenho notícia de coisa semelhante em parte nenhuma), está dc parabéns você porque o ilumina, orienta e comanda, está de parabéns o nosso Estado».

BILAC PINTO,

Embaixador do Brasil na França: «Venho agradecer-lhe a constante gentileza com que me tem presenteado com o Suplemento Literário do «Minas Gerais». Nêle encontro sempre matéria de grande interêsse intelectual e julgo mesmo poder dizer que o Amigo e sua admirável equipe estão editando o que há de mais dinâmico e de mais aberto como fôlha literária na atualidade brasileira. Mas devo agradecer-lhe, principalmente, o ar de Minas que o SL me traz e de que, acredite, as saudades são muitas.»

MÁRIO DA SILVA BRITO,

poeta: — «Gosto muito do Suplemento, de sua orientação a um tempo universalizante e mineirante, a busca de informação no campo do nôvo, o lado experimental conjugado à tradição do que temos ou vimos fazendo de uns tempos para cá. A mineirice (uso a palavra no seu melhor sentido) do Suplemento é um seu valor positivo: não desgarra vocês no novidadeiro, não desenraíza vocês de suas ricas, fecundas e fecundantes tradições».

GASTÃO DE HOLLANDA,

escritor pernambucano: — «O SL é excelente. Uma realização literária que não parece ser de província. O número de Aniversário me encheu de água à bôca».

E. M. DE MELO E CASTRO,

escritor português: — «O Suplemento do *Minas Gerais*, a que eu quase assisti ao nascimento, quando estive em Belo Horizonte em setembro de 1966, é um empreendimento impressionante, quer pela rigorosa organização de cada número, quer pela atenção viva ao que de mais avançado e criador existe na arte da escrita, como pelo que no seu conjunto constitui: uma imagem de uma inquietação e uma consciência criadora coletiva.»

LUIZ DE PAULA FERREIRA,

deputado federal: «Agradecendo ilustrado amigo a gentileza da oferta edição aniversário Suplemento Literário apraz-me felicitá-lo com o maior entusiasmo pelo extraordinário trabalho de engrandecimento que vem impondo à Imprensa Oficial nosso Estado, colocando-a mais alto padrão qualidade». (Telegrama dirigido ao Diretor da Imprensa Oficial).

SEBASTIÃO DE SANT'ANNA E SILVA,

Delegado do Tesouro Brasileiro em Nova Iorque: — "Quero enviar-lhe os meus sinceros cumprimentos pelo excelente e altamente meritório esfôrço do «Minas Gerais» e em particular do prezado amigo, divulgando e fazendo conhecidos os trabalhos dêsse punhado de jovens que têm ânimo de se dedicar à literatura em uma época de tão intenso e dominador materialismo».

LYGIA FAGUNDES TELLES,

escritora: «Tenho recebido regularmente os Suplementos. Excelentes, sem querer ser amável; não há dúvida de que é, no momento, o melhor suplemento literário que temos nesses Brasis.»

EMIL DE CASTRO,

poeta: — «Êsse SL é realmente um trabalho digno de encômios, e capaz de preencher uma grande lacuna da nossa literatura — a deixada pelo Suplemento Literário do «Jornal do Brasil». Creio mesmo ser mais atuante, porque se apresenta mais «penetrável», numa época em que a poesia sofre a influência das hipóteses críticas. Os dois últimos números do Suplemento, dedicados exclusivamente aos jovens, são prova capaz de que a arte (em seu sentido totalizante) continua um ofício deveras sério.»

ANTERO VIEIRA DE LEMOS,

escritor português: «Numa estada recente em Paris, tive ensejo de fazer uma pequena palestra na *Association Guillaume Budé* para a qual escolhi o tema de Tomaz Antônio Gonzaga. Êste assunto foi-me sugerido pelo excelente número dedicado ao 2.º Centenário de Marília de Dirceu do Suplemento Literário que me serviu de precioso guia e do qual li mesmo diretamente algumas

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 27 DE ABRIL DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III — Nº 87 — Preço NCr$ 3,00

APROXIMAÇÃO DE AFFONSO ARINOS

Rodrigo M. F. de ANDRADE

É justo que os responsáveis pelo Suplemento do *MINAS GERAIS*, órgão oficial dos podêres do Estado, assinalem, com a edição de um número especial, o transcurso do centenário do nascimento de Affonso Arinos. Não apenas por se tratar de escritor mineiro, nascido em Paracatu, mas sobretudo por ser grande parte de sua obra dedicada *às paisagens e populações, assim como à história e às tradições de Minas, cuja terra e cujo* povo êle amou de uma afeição profunda e comovida.

O espólio do escritor é escasso, porque as vicissitudes da vida breve que teve não lhe permitiram dar à produção literária e aos estudos de sua predileção o tempo suficiente.

Formado em Direito na Faculdade de São Paulo, em 1889, a conclusão do curso de Affonso Arinos coincidiu com a proclamação da República, à qual não quis aderir, por sua repulsa ao golpe militar que impusera as novas instituições à nação inerme e por ter convicção da superioridade do regime da monarquia parlamentar simbolizada no vulto venerando do Imperador Pedro II. Incompatibilizado, portanto, com a situação política que se tinha estabelecido no Brasil e infenso a exercer qualquer função oficial por favor dos homens que tinham ascendido ao poder na União e nos Estados, êle decidiu iniciar e levar avante sua carreira em Minas Gerais, na mais plena independência dos então dirigentes. Essa primeira fase, viveu-a em Ouro Prêto, exercendo a princípio sòmente a advocacia, mas depois lecionando História no Ginásio Mineiro, cadeira essa que obteve mediante concurso de provas, acumulada mais tarde com a disciplina de Direito Penal, na Faculdade Livre de Direito, ali fundada e que êle ajudou o Conselheiro Afonso Pena a organizar. Datam dêsse período os contos e poemas em prosa, que Affonso Arinos escreveu e publicou parcialmente em revistas e jornais da época, só vindo, porém, a reuni-los no volume intitulado *Pelo Sertão* em 1898. Foi a única obra de ficção que, em vida, fêz imprimir com seu nome, tôda ela composta bem antes de o escritor mineiro ter atingido os trinta anos.

Entretanto, desde os primeiros dias de 1895, senão os últimos de 1894, atendendo a um convite insistente de Eduardo Prado, êle se tinha transferido para São Paulo, a fim de secundá-lo na direção do jornal monarquista *O Comércio de São Paulo*, que se achava empenhado em uma campanha veemente contra os personagens e os costumes políticos do nôvo regime. Arinos relutara em aceitar o convite, transmitido por intermédio de seu amigo e colega de turma Paulo Prado, pois

AFFONSO ARINOS: CENTENÁRIO (I)

Número organizado por Laís Corrêa de Araújo

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

não desejava absolutamente sair de Minas em caráter definitivo, tanto pelo fundo apêgo à região natal, quanto pela satisfação moral e material que lhe davam as atividades exercidas ali e o aconchego da residência ouropretana, na rua do Paraná, onde se reuniam os homens de cultura e inteligência da cidade e os de passagem. Demoveu-o, porém, a instância honrosa da convocação, com o estímulo de combater por uma causa que o apaixonava, ao lado do polemista admirável de *Os Fastos da Ditadura Militar no Brasil* e da *A Ilusão Americana*. Iniciou assim a segunda fase de sua carreira e uma das primeiras contribuições expressivas que deu ao jornal consistiu no artigo alentado sôbre *O Passado de Minas e a Inconfidência,* publicado no transcurso de 21 de abril de 1895. Nesse período em que lutou bravamente pela causa monarquista, cercou-se de vários moços mineiros de talento, na sua redação, entre os quais Edgar Mata, Severiano de Rezende e Arduíno Bolivar. Casou-se então com uma das sobrinhas de Eduardo Prado, filha do Conselheiro Antônio Prado, tendo tido como seu padrinho de casamento o homem que fôra o presidente do último gabinete da monarquia, o Visconde de Ouro Prêto, ainda objeto de ataques acrimoniosos do jacobinismo republicano. Da produção jornalística de Affonso Arinos correspondente à fase aludida, êle selecionou a parte a seu ver mais significativa num volume a que deu o nome de *Notas do Dia,* porque os textos foram "escritos sob a impressão dos fatos do dia ou de sucessos históricos que a data evocava", segundo esclarece em nota preliminar. E o pequeno livro, publicado em São Paulo em 1900, faz jus à atenção dos estudiosos por motivo de conter, de par com a interpretação de ocorrências de relêvo da história nacional pelo jovem escritor, artigos vigorosos de polêmica em tôrno de personalidades e episódios políticos da época, inclusive um, muito característico, datado de 9 de outubro de 1897, sôbre o epílogo da campanha de Canudos, em que seus conceitos acêrca da luta tôrva e inglória recentemente concluída antecipam os que Euclides da Cunha, poucos anos depois, exprimiria nas páginas conclusivas de *Os Sertões*. Outra produção de Arinos, inspirada pelo drama de Canudos, foi um romance a que deu o título de *Os Jagunços,* impresso como folhetim de *O Comércio de São Paulo* sob o pseudônimo de Olívio Barros e depois saído em volume encorpado, conservando o pseudônimo. Pelas imperfeições decorrentes da composição apressada, o autor não quis nunca assumir-lhe a paternidade.

Pouco antes dessa publicação, as operações militares contra o reduto de Canudos tinham abalado a opinião nacional com o desbarato da expedição Moreira César e as arruaças deprimentes motivadas pelo episódio, passando do Rio a São Paulo, causaram o empastelamento das oficinas do jornal monarquista de Eduardo Prado, sob as vistas complacentes da Fôrça Pública, quando governava o Estado paulista o republicano histórico Campos Sales, que não tardaria muito a subir à presidência da República. Na ausência de Eduardo, Affonso Arinos comportou-se na circunstância com serena intrepidez, conseguindo que a publicação do jornal não sofresse solução de continuidade, mantida com firmeza a mesma linha combativa de orientação. Entretanto, a displicência do meio, em face da boçalidade da violência sofrida, terá principiado a desalentá-lo e quando, em 1901, Eduardo Prado faleceu inopinadamente, vítima da febre amarela, Arinos decidiu terminar sua atividade em São Paulo, talvez desenganado da viabilidade da causa monárquica num Brasil em vésperas de transformações sociais e econômicas mais profundas. Demorou-se ainda algum tempo na capital paulista, mas deliberou instalar-se no Rio de Janeiro, para tentar o exercício da profissão de advogado no fôro carioca.

Conquanto não tenha chegado a efetivar a nova mudança de domicílio, êle enceta uma terceira fase de sua carreira. Monta no Rio um escritório de advocacia, associado a seu amigo Pires Brandão, genro de um estadista do Império que permanecia duro no repúdio ao regime republicano, o Conselheiro Ferreira Viana. E consegue, à custa de trabalho, com sua extraordinária capacidade de adaptação, resultados apreciáveis da segunda incursão nos domínios forenses. Simultâneamente, escreve e publica na imprensa alguns de seus ensaios mais notáveis, como os dedicados a Ouro Prêto (que intitula *Atalaia Bandeirante*) e às *Tropas e Tropeiros*. Candidata-se e é eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Eduardo Prado, cujo elogio faz num discurso de posse memorável, que foi respondido por Olavo Bilac, freqüentador assíduo de sua casa ouropretana, quando exilado em Minas, na vigência das repressões florianistas ao jornalismo adverso. Desta mesma fase é a composição do drama histórico *O Contratador de Diamantes,* publicado pòstumamente, bem como de outros textos literários que Affonso Arinos manteve também inéditos ou não pôde concluir. Pouco posterior (só não erra na cronologia quem redige estas linhas) foi o belo discurso dêle em resposta ao proferido na Academia pelo Almirante Jaceguai, ao ser ali recebido. A produção do homem de letras não era, pois, prejudicada pela atividade do causídico, nem esta por aquela, tanto assim que seu colega Pires Brandão, costumava gabar em Affonso Arinos, como superior, o talento desconhecido de atrair clientes e defender causas forenses ao engenho já muito apreciado do escritor.

Tudo, com efeito, parecia ser-lhe propício no país. No entanto, apesar de as circunstâncias darem assim impressão contrária, êle não tinha disposição de espírito para desinteressar-se da vida pública brasileira e os impulsos do combatente monarquista, se conseguia contê-los, não os reprimia sem uma constante mortificação. Terá sido, provàvelmente, êsse sentimento de frustração, talvez agravado por se sentir em falta no cumprimento do que julgasse seu dever de civismo o motivo de Affonso Arinos expatriar-se. Motivo muito diverso e mais sério do que a atração dos deleites da vida na Europa, atribuído, pelos que não o conheceram, a seu afastamento do Brasil.

A quarta fase da carreira dêle se passou, portanto, no estrangeiro e durou cêrca de dez anos, aproximadamente de 1904 a 1914. Estabeleceu-se com um escritório comercial em Paris, — 99 rue des Petits Champs —, tendo um correspondente em Londres. Apoiado nas relações pessoais que fizera com firmas comerciais e industriais de São Paulo, bem como nas ligações de família de sua mulher com o mundo dos negócios de lá, principiou a labutar duramente num campo de atividade que lhe era até então quase estranho. Sua aptidão para ajustar-se a qualquer empreendimento compatível com seu critério moral valeu-lhe mais uma vez. Embora sujeito aos altos e baixos naturais na espécie de transações a que se propunha, o escritório firmou-se e prosperou, permitindo a Affonso Arinos manter-se e à sua mulher com largueza. Sòmente nessa época aproximou-se da família imperial e pôde manifestar a sua antiga veneração à Princesa Isabel, assim como seu grande aprêço ao Conde d'Eu e ao Príncipe Dom Luís, de quem procurou se acercar mais de perto e veio a se tornar amigo. Franqueada sempre cavalheirescamente aos compatriotas, sua residência parisiense era freqüentada por grande número de brasileiros em vilegiatura ou domiciliados na capital francesa. Lá se encontravam muitas vêzes escritores patrícios que lhe eram afeiçoados como Olavo Bilac, Martim Francisco, Graça Aranha, Tobias Monteiro e o próprio Príncipe Dom Luís. Arinos aproveitava as férias anuais que se concedia para breves viagens de negócios ao Brasil e, quando os recursos acaso os mais folgados lhe permitiam, para fazer certas excursões de recreio e instrução pela França ou a outros países. No decurso dêsse longo período, porém, êle quase nada pôde produzir como escritor, faltando-lhe, ao que se pode presumir, o estímulo da ambiência da terra natal.

Parece que a procedência de tal suposição foi comprovada na oportunidade de seu último estágio no Brasil, durante o qual retomou com interêsse renovado a atividade literária. Na segunda quinzena de julho de 1914, Affonso Arinos embarcou rumo a êste país, não pretendendo demorar-se aqui senão pouco mais de um mês, por motivo de compromissos de negócios que tinha na Europa. No próprio dia de sua chegada irrompeu, no entanto, a primeira conflagração internacional, que sustou as transações por êle ajustadas na área do conflito e o fêz permanecer dêste lado do Atlântico até fevereiro de 1916. Foi a fase final, muito breve, de sua carreira.

As circunstâncias, a despeito dos inconvenientes ou prejuízos comerciais que lhe terão causado, o puseram na melhor disposição de espírito. Êle restabeleceu ràpidamente as ligações de intimidade com os amigos de São Paulo, do Rio e de Minas e logo adquiriu novas amizades por tôda parte, despertando sem demora, especialmente, interêsse e admiração nos moços. Empreendeu, assim que pôde, uma viagem fluvial e a cavalo à sua longínqua e estremecida Paracatu, revendo as planuras do sertão, os cerrados e as veredas de buritis das memórias de sua infância e dos contos que escrevera na mocidade. Além dessa, realizou outras expedições pelo interior paulista e pela área rural mineira, estagiando em fazendas amigas, a uma das quais, em São Paulo, levou a companhia que prezava muito de Catulo da Paixão Cearense e de João Pernambuco. Hospedou-se na propriedade de seu velho amigo Coronel João de Vasconcelos (pai do Cardeal Mota), na Serra do Cipó. Peregrinou mais uma vez à ermida de sua devoção no alto da Serra da Piedade. Nas cidades, pôde se comprazer demoradamente no convívio com os pais e tôda a família numerosa, do seu lado e do lado da espôsa; reanimar-se no círculo muito extenso de suas amizades antigas e recentes; aproximar-se das novas gerações, no meio das quais não conhecia bem senão Alceu de Amoroso Lima, cujas aptidões admirava e viria a ser o autor do primeiro e valioso livro a seu respeito.

A produção de Affonso Arinos, na fase a que se alude, é das mais importantes, a despeito de reduzida. A primeira, cronològicamente, foi a conferência admirável, pronunciada no Teatro Municipal de Belo Horizonte em 1915, num espetáculo promovido em benefício dos flagelados da sêca famosa ocorrida no nordeste naquele ano. Intitulou-a *A Unidade da Pátria* e nela sustentou, num texto denso de observações e conceitos de alcance excepcional, a tese de que a unidade nacional se realizou muito mais pelo sofrido labor das classes populares ao longo do atual território brasileiro, do que por medidas governamentais inspiradas na intenção dos homens de Estado. A segunda e última produção do escritor correspondeu ao curso de alta qualidade que ministrou, meses mais tarde, em São Paulo, sôbre *Lendas e Tradições Brasileiras,* impresso em volume, já depois de sua morte, pela Sociedade de Cultura Artística local. Consistiu numa série de lições adequadas a dar uma noção suficiente e sensibilizar o mais possível, o público paulistano em relação à matéria visada. A última dessas conferências foi seguida de uma encenação de alguns dos autos e festejos populares mais expressivos de nosso folclore, organizada por Affonso Arinos com a assistência de Melo Morais Filho, cabendo a representação a um grupo luzido de senhoras, môças e rapazes da sociedade de São Paulo.

O escritor regionalista e o homem possuído do sentimento de ligação com o passado nacional estava no seu elemento. Impressionado com a indiferença que verificara perdurar no país, tanto de parte dos podêres públicos quanto da imensa maioria da opinião, para com a sorte das populações sertanejas, Arinos se dispunha a fixar-se no Brasil definitivamente. Chocado com a descaracterização progressiva e pretensiosa de nossas cidades e pressentindo qualquer coisa a atuar em profundidade para a desnacionalização do Brasil, a têmpera de combatente lhe fôra de nôvo intensamente despertada e êle aspirava a empreender uma grande campanha reivindicadora pela causa brasileira. Mas, a caminho de Paris, onde planejava preparar o escritório comercial para funcionar na sua ausência, sob a chefia de um auxiliar de confiança, êle faleceu em Barcelona no dia 19 de fevereiro de 1916, antes de completar 47 anos.

Agora, transcorridos 52 anos desde a sua morte, o interêsse pela obra de ficção que deixou diminuiu e quase desvaneceu inteiramente, sob o efeito da riqueza da produção regionalista ocorrida a partir da década de trinta. O volume, a variedade e o poder comunicativo dessa produção, que atraiu imenso número de leitores no país e alcançou o estrangeiro, fizeram-na ocupar um lugar tão grande na literatura brasileira, que o espaço deixado a Affonso Arinos ficou numa sombra exígua, onde o vão procurar apenas alguns estudiosos de nossa história literária.

Não obstante, o valor dos contos do escritor mineiro, cujo centenário êste ano assinala, não se funda apenas em sua condição de obras pioneiras, com as de Simões Lopes Neto e Valdomiro Silveira, do movimento regionalista que nos deu a torrente impressionante dos romances do nordeste e, mais tarde, o mundo criado pela memória, o engenho de fabulação e a invenção verbal de Guimarães Rosa. Dos contos de Affonso Arinos, *Pedro Barqueiro, Assombramento, Joaquim Mironga* e *A Garupa* têm a espontaneidade, a poesia e a fôrça das obras duradouras.

Quanto aos outros trabalhos do escritor, fora do domínio da ficção, — o elogio de Eduardo Prado e o discurso sôbre o sertão e o mar, na Academia, na posse do Almirante Jaceguai, o estudo sôbre tropas e tropeiros, a reconstituição histórica de Ouro Prêto e as conferências dedicadas à unidade nacional e às lendas e tradições populares revelam um dos intérpretes do Brasil mais compreensivos e originais de seu tempo.

DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu Affonso Arinos de Melo Franco em Paracatu, cidade do alto sertão mineiro, em 1.º de maio de 1868. Era o primeiro filho do Dr. Virgílio de Melo Franco que, ao tempo do nascimento da criança, exercia o cargo de promotor do município, e de D. Ana Leopoldina de Melo Franco. Sua família, do lado paterno, era ilustre, e êle contava entre os seus ascendentes o poeta Francisco de Melo Franco, autor de "O Reino da Estupidez", um dos únicos poemas satíricos que o gênio brasileiro jamais produziu.

Até os 9 anos, Affonso Arinos ficou em Paracatu, sendo levado nessa idade para a capital de Goiás. Aos 13 anos foi matriculado no Colégio do Cônego Costa Machado, em São João del-Rei, tendo sido argüido em latim por D. Pedro II, que ia àquela cidade inaugurar a estrada de ferro Oeste de Minas, demonstrando um sólido *conhecimento dessa língua, embora fôsse o mais môço dos alunos* da classe.

Em 1883, seguia para o Rio de Janeiro, para terminar os preparatórios no Ateneu Fluminense. Foi depois para São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se matriculou, tendo terminado o curso em 1889. Tinha 21 anos quando voltou para Minas Gerais, para se fixar em Ouro Prêto. Inscreveu-se então em um concurso que se abria no Liceu Mineiro, para professor de História do Brasil, tendo obtido a cadeira. Pouco depois, levantava, juntamente com outros amigos, a idéia da fundação de uma Faculdade de Direito em Minas, cabendo-lhe a cadeira de Direito Criminal. Foi êle também quem teve a idéia da criação do Arquivo Público Mineiro, organização que tantos serviços tem prestado a Minas e ao Brasil. Nessa época em Ouro Prêto, recebe êle alguns amigos que tinham ido por ali, fugindo às perseguições de Floriano Peixoto, amigos que se chamavam Olavo Bilac, Magalhães de Azevedo, Álvares de Azevedo Sobrinho, Leopoldo de Freitas, Emílio Rouède, Coelho Neto etc. Em sua casa reuniam-se êsses amigos todos os dias, e liam uns para os outros os trabalhos que escreviam. Foi nessas tertúlias que Affonso Arinos leu a primeira vez para os amigos os seus esplêndidos contos do sertão. Olavo Bilac evocaria o encanto dêsses dias no formoso discurso com que, na Academia Brasileira, daria mais tarde as boas-vindas ao escritor mineiro.

Tímido e desconfiado do seu próprio talento, êle apresenta os seus trabalhos como se fôssem de um amigo. Conta-se que, certa vez, estando a ler ao grupo uma dessas páginas, Coelho Neto o interrompeu: "Isto é seu, e de mais ninguém. É seu".

Arinos já era, a êsse tempo, aquêle homem de maneiras modelares, que tanto o aproximavam, como a figura humana, de Joaquim Nabuco. Suas idéias, seus hábitos, seu sistema de vida, suas convicções monárquicas, reveladas desde a época da Academia, tornam-no verdadeiramente um aristocrata. Bilac o definiu numa quadra, escrita para um dos jantares de Ouro Prêto:

"Ó Conde de Melo Franco,
Senhor de Paracatu,
Das tuas vinhas de baixo
Que belos vinhos tens tu!"

Sua obra literária, segundo a informação de Tristão de Ataíde, Affonso Arinos começou a construí-la quando ainda estudante, de 1885 a 1889. Em 1893, já está êle em contacto com o público carioca. É naquele ano, em "O País" de 4 de setembro, que aparece o seu conto "Manuel Lúcio" ("história do sertão") que êle assinou com o pseudônimo de "Affar".

Em 1894, teve Arinos um contacto mais saliente com o leitor carioca. Abrira a "Gazeta de Notícias" daquela capital um concurso de contos, e êle se inscreveu com o conto "A Esteireira". O conto obteve o segundo lugar, e Arinos veio a público, em corajosa polêmica, para discutir as razões do julgamento e da colocação obtida.

Fundada em 1895 a "Revista Brasileira", de José Veríssimo, aí êle publica várias de suas páginas: "Pedro Barqueiro", "Joaquim Mironga", "Assombramento". Colabora, igualmente, na "Revista do Brasil", então fundada por Cunha Mendes e Vale e Silva. Em 1896, quando aparece o "Pelo Sertão", já o nome de Affonso Arinos é um dos mais queridos e acatados da literatura brasileira.

Em 1893, realizava Affonso Arinos sua primeira viagem à Europa. Após essa viagem recebeu, por intermédio de Paulo Prado, o convite de Eduardo Prado, que desejava deixar a direção do "Comércio de S. Paulo", para que fôsse substituí-lo ali. Arinos aceitou o convite, e assumiu, em abril de 1895, a direção do órgão, onde tão brilhantemente revelou suas qualidades de jornalista, no manter a destemida campanha pela restauração do trono. O movimento de Canudos agita e convulsiona a alma popular paulista e, com a notícia da morte de Moreira César, a multidão empastela o "Comércio de São Paulo". O drama dos sertões baianos teve grande significação para o espírito de Affonso Arinos, e êle o estudou, não sòmente em graves e argutos editoriais da fôlha que dirigia, mas também em um romance curioso, "Os Jagunços" (publicado em 1898). Em 1900, apareciam as "Notas do Dia", volume formado principalmente dos artigos do "Comércio de São Paulo". São êsses três os livros que Affonso Arinos publicou. Os outros, que aparecem em sua lista bibliográfica, são de publicação póstuma.

Em dezembro de 1901, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Eduardo Prado. Teve como concorrentes Martins Júnior e Luiz Guimarães Filho. Eleito por 21 votos contra 7 dados a Martins, foi recebido por Olavo Bilac, em sessão de 18 de setembro de 1903, e recebeu o Almirante Jaceguai, em 1907.

Fixando-se em Paris, Affonso Arinos ali abriu um escritório comercial, e foi provàvelmente essa atividade que o impediu de dedicar-se com assiduidade e paixão à sua criação literária. Vinha freqüentemente ao Brasil, visitar os amigos e a família, rever as amadas paisagens da infância, os seus inesquecíveis sertões mineiros. Foi ao regressar de uma dessas visitas — em 1916 — que teve de desembarcar em Barcelona, para submeter-se a uma intervenção cirúrgica. Faleceu ali, no dia 19 de fevereiro daquele ano.

Affonso Arinos pertencia, como já vimos, à Academia Brasileira de Letras. Pertencia também a várias outras instituições, como o Instituto Histórico Brasileiro, que representou num congresso de americanistas realizado em Berlim, e ao Instituto Histórico de São Paulo.

* * *

(De *Autores e Livros*, v. II, n.º 19).

Affonso Arinos, acompanhado da mulher, do cunhado Antônio Prado Jr., a espôsa dêste e um amigo, na Cascatinha da Tijuca, Rio, cêrca de 1913.

Fundo APMQMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

AFFONSO ARINOS, MESTRE DO CONTO REGIONAL

Alípio SILVEIRA

Affonso Arinos de Melo Franco nasceu na tradicional cidade de Paracatu, Minas Gerais, em 1868, Paracatu do Príncipe foi uma vila colonial de grande renome, onde se descobriram riquíssimas jazidas de ouro. A região dêsse afluente do São Francisco se desdobra em vastos chapadões, nos quais as manchas escuras dos buritizais se destacam quais malhas no pêlo fulvo das pintadas. É o buritizal um dos mais belos ornamentos com que a natureza dotou as terras altas do Brasil Central. É, na vastidão da chapada, uma mancha arredondada, que assinala os pontos úmidos do chapadão ressequido. Nêle, no buritizal, há sempre boa água. É coberto em tôda a extensão por um tapête de fina relva, que faz lembrar um prado artificial. Lembra um oásis num mar de gramíneas.

O buriti, a *Mauritia Vinifera* dos botânicos, é uma bela palmeira de grossura média, com nove a dez metros de altura, coroada por um penacho de grandes fôlhas em forma de leque aberto. Mas o buriti não é apenas elemento paisagístico nos admiráveis contos de Affonso Arinos. Êle tem um significado econômico-social de primeira ordem: dêle tira o sertanejo inumeráveis proveitos — madeira para construir a palhoça, palmas para cobrila, fibras e palhas de esteiras e chapéus, fios para cordas, cocos, pôlpa para doce, um vinho fermentado.

Affonso Arinos, nascido e criado neste ambiente, proveio de uma família cheia de um comovente entusiasmo nativista. Seu pai, Virgilio Martins de Melo Franco, grande cultor das cousas brasileiras, deu a cada filho, junto ao nome de família, um apelido índio. Daí a designação de Arinos (uma tribo de índios) dada a Affonso, e que passou ao seu sobrinho, o eminente Professor e Parlamentar de mesmo nome.

Affonso Arinos tornou-se um notável escritor regionalista, que nos deixou livros cheios de contos magníficos, dos quais ressuma um saboroso e intenso realismo. Êle mesmo nos advertia, quando já atingira o zênite de sua carreira:

"Quando eu, muito longe de pensar em concursos literários e menos ainda em glórias provindas daí, praticava com distinto literato sôbre as minhas velhidades de outrora, mostrando-lhe impressões bebidas nas viagens pelo interior dêstes Brasis, o talentoso rapaz deixou perceber no bugalho do ôlho, à leitura, alguma cousa de surprêsa. Era a verdade *violenta* da narrativa. "Teus contos", disse-me êle então, "se algum dia os publicares, vão produzir uma impressão brutal naquele meio habituado à francesa". Disse-me muita coisa mais, que lisonjearia a qualquer escritor, por menos vaidoso que fôsse. Podia ser mesmo uma consagração. Exultei, confesso com franqueza, pois tinha feito alguma coisa, conseguindo transmitir a outrem um pouco das impressões colhidas na natureza alpestre, selvática e brutesca do grande planalto central do Brasil, um pouco do perfume da charneca, das paixões bravias dêsses homens que moram a duzentas léguas do litoral, sem lei nem grei, habitadores de tugúrios à beira dos rios ou de palhoças batidas de vendavais, penduradas em vales estreitos, sem outros tetos que não a fôlha do indaiá ou do baguaçu, sem outras paredes que não vigas de pau-a-pique, unidas, dormindo em jiraus sôbre couros de jaguares ou de lobos."

A muita gente que nunca saiu das grandes cidades, acrescenta Arinos, êste sertão parecerá violento, brutal, inverossímil, "como os sertanejos julgam inverossímeis as maravilhas do telégrafo, a velocidade dos comboios. Pois se o *Cardão*, dirá êle, cavalo vaqueano, comedor de milho, provado em mil refregas, precisa fazer bonito para me levar ao Buriti Perdido num dia, o *Cardão* que corre que nem um veado, o senhor quer me falar em viagens de cem léguas em tão pouco tempo?"

Depois de referir-se a várias obras da literatura universal que se distinguem justamente pelo brutal, pelo violento, pelo inverossímel, conclui Arinos:

"Se não houvesse verdade no meio dêsse vórtice de idéias e de fatos, não seriam obras literárias, não seriam monumentos da civilização de cada povo, porque quando a obra literária não transluz um estado d'alma, não reflete um ciclo da vida de um povo ou não toma a natureza no fato, jamais será obra d'arte, mas sòmente uma impostura de burlão."

Já Platão conceituava o belo como sendo o esplendor do verdadeiro. A verdade e a vida são elementos dessa síntese que é a obra de arte. Os modernos estetas não se cansam de afirmá-lo, como reação ao convencionalismo literário. A brilhante escritora, Senhora Lúcia Miguel Pereira, ao discorrer sôbre o sentido da obra de Marcel Proust, destaca-lhe o traço predominante — a obediência a "uma verdade que não indaga nas nossas preferências e nos proíbe de nelas pensar". Sem tergiversar, obedecer ao austero apêlo, porque "é tão sòmente se a seguirmos (a verdade) que alcançamos por vêzes encontrar aquilo que abandonamos."

O cintilante cronista Genolino Amado, ao prefaciar a edição portuguêsa de "A Cidadela", de A. J. Cronin, exalta-lhe justamente a ausência de convencionalismo: "Não se ouve um só instante a voz em falsete, fria e medida, da literatura. É sempre a voz verdadeira da vida, grossa e ardente. E o extraordinário valor do romance está exatamente nisso. Parece mais ditado pela vida do que composto pelo autor. Se tem defeitos, são os defeitos esplêndidos, tocantes, irredutíveis, e até mesmo indispensáveis, da própria vida."

Um eminente escritor contemporâneo, Aldous Huxley, acentuava que "a literatura é também filosofia, é também ciência. Enuncia verdades por meio da beleza. As "belas verdades" das melhores obras clássicas possuem, como vimos, uma certa universalidade algébrica de significação. As obras naturalistas contém as "belas verdades" mais pormenorizadas da observação pessoal. Estas "belas verdades" da arte são verdadeiramente científicas. Por exemplo — tudo o que fizeram os psicólogos modernos foi sistematizar e *desembelezar* os vastos tesouros de conhecimentos relativos à alma humana, contidos em novelas, dramas, poemas e ensaios. Escritores como Blake e Shakespeare, Stendhal e Dostoiewski, ainda têm muito que ensinar ao moderno profissional de psicologia."

Saudoso professor de filosofia nos dizia em classe, antes de Huxley, o que existe mais psicologia em boas obras literárias do que em muitos compêndios sôbre a matéria...

Voltemos a Arinos. Seus contos têm um admirável poder descritivo, de que é exemplo êste trecho de a *"Feiticeira"*:

"E pouco a pouco, batendo pausadamente as alpercatas no chão duro, foi entrando no mato, em demanda de sua palhoça. O taquari vicejava à sombra do arvoredo, carregando o verde escuro dos troncos e espalhando as hastes por todos os lados, numa rêde emaranhada. Das árvores anciãs caíam, em solenidade hierática, de patriarcas das selvas, longas barbas de musgo. Daqui e d'acolá, em pontes pênsis de cipós, corriam caxinguelês e saguis davam gritozinhos brejeiros.

A palhoça do negro estava suspensa do barranco de uma grota, ao fim da mata. No fundo resplandecia o cascalho, umedecido sempre por um ôlho d'água que chorava...

Pequenas trilhas de cotia desciam ao lacrimal; e um cheiro forte de mata-virgem envolvia a cabana encoberta de baguaçu escurecido de fumaça. Dentro, na meia luz, jacás afilados, cônicos, armadilhas contra os ratos silvestres, pendiam no teto, ou formavam cantoneiras lôscas nas paredes de barro sêco, áspero, ouriçadas de pontilhas de capim. Cabaças e cuités de todos os tamanhos, facões quebrados, arcos velhos de barril, penas de diferentes pássaros, insetos secos, couros e peles, cascos de tatu e cágado, cousas de mil formas — tudo aclarado pela luz fumarenta de um fogacho, numa trempe de pedras sôltas ao fundo."

Entre as fontes profundas da inspiração de Arinos está, em primeiro lugar, o amor à sua terra, ao seu sertão. Tão intenso era êle, que muitas vêzes se transmudava em mística veneração, como neste episódio narrado por Miguel Couto, em seu discurso de recepção na Academia de Letras: "Uma vez, numa das suas romarias de longas jornadas, acompanhado de rapsodos e tocadores, deparou já ao cair da noite um enorme jequitibá — a que chamava a catedral das florestas — em cujo tronco se abrira uma grande cava; então o bardo Catulo, nela penetrando, declarou plangentemente uma ode heróica à natureza-mater, enquanto o violeiro Pernambucano — entre todos os da fama, famosíssimo — dedilhando as primas e o bordão, improvisava um hino à lua, que vinha tímida, esquiva, vagarosa, se esgueirando por trás das frondes do arvoredo. Era demais; descobrindo-se e pedindo silêncio, Arinos caiu numa espécie de êxtase, que durou enquanto não se perdeu além das serranias o último eco do improviso cerimonial."

(In "O Diário", Belo Horizonte, 23/10/55)

O MÔÇO AFFONSO ARINOS

Mário CASASANTA

A rebusca de velhos jornais pôs-nos em contato com a inquieta Ouro Prêto de 1892 e, nela, com uma de suas figuras mais encantadoras, o ilustre Affonso Arinos de Melo Franco.

Devia de andar, então, pelos seus vinte e quatro anos e, como quatro anos depois, sacasse à luz *"Pelo Sertão"*, podemos asseverar que andava às voltas com as suas criações nobres e comoventes.

Seria êsse um jovem que, por algum tempo, se afastasse do vulgo profano, para encher as horas de silêncio com uma humanidade simples e forte que só os criadores têm o dom de distinguir e estimar...

O Affonso Arinos que ressalta, de corpo inteiro, dos velhos jornais, é muito outro.

Professor do Ginásio Mineiro, cabem-lhe as missões árduas, para que se exigem energia, lucidez, seriedade. Trata-se de fazer ponderações ao govêrno acêrca do nôvo regulamento? Arinos é o homem. Como proceder contra um aluno que agradou o diretor? Ponha-se Arinos na comissão.

Vê-se que êle não tirava o corpo às dificuldades, antes topando-as clara e abertamente, sem olhar as conseqüências.

Gosta de festas, e nas recepções da família Joquiriçá, lá nos vem êle, um tempo autor e ator, participando das representações e escrevendo peças para as crianças. Evidentemente, homem da casa, não se limitava a escrevê-las. Deveria ensiná-las e ensaiá-las, com afeição e paciência.

Ativo e diligente, ao contrário dos que costumam enterrar-se nos livros, nada mais natural que, cogitando-se da fundação da Faculdade de Direito, aparecesse entre os seus fundadores. Pois lá está êle. Destinaram-lhe a cadeira de Direito Criminal e, para a sessão de inauguração, o discurso oficial em nome do corpo docente.

Não fêz o discurso, porque o orador foi Gonçalves Chaves, mas não se leve a mal a modificação do programa; Affonso Arinos era um menino perto de Gonçalves Chaves, e êste, pelo prestígio e pela cultura, ficava bem entre os maiores homens do país.

Se alguém levou a mal a substituição, êsse não foi evidentemente o generoso cronista de nossos sertanejos, porque a êle é que coube a organização das festas, e o fêz com mão de mestre.

Quer para a sessão de dia, quer para o sarau de noite, arranjo das salas, bandas de música, composição de orquestra, iluminação, enfeites, convites, propaganda, teve de dar todos os pulos, incansável e solícito.

Affonso Arinos possuía a justa noção do acontecimento, bastando registrar que, além do trabalho imenso, se viu obrigado a arcar com as despesas, pois, passadas as festas, a Congregação houve por bem indenizá-lo delas.

Na fundação de nossa Faculdade, observa-se um veemente anseio de cooperação entre todos os mineiros, sem distinção de idéias nem de partidos. Dois espíritos, porém, a todos sobrelevam, pela determinação, e êsses diferentíssimos. Dois Affonsos. Affonso Pena, presidente do Estado, saía do mundo das coisas exatas e práticas em que se acostumara a viver, desde môço, para cuidar da criação do mais vigoroso foco de idéias e ideais de nossa terra, e Affonso Arinos, habitante da região dos ideais, metido em cheio na parte prática da fundação, da instalação e da organização. Devia haver, certamente, entre ambos, algum vínculo poderoso. Apraz-nos imaginar que mais de uma vez, no calor das discussões, os olhares de ambos se encontraram, por cima das cabeças dos companheiros, entendendo-se, quando os demais se desentendiam...

Fundo APM0MG/Hemeroteca/Arm. 01/Cád. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

VERDADE E IDEALISMO EM AFFONSO ARINOS

Alceu Amoroso LIMA

Possuia (...) o sertanismo de Affonso Arinos um caráter peculiar e livre, como o de tôdas as obras que saem do estalão comum. E foi êsse caráter pessoal do autor e da obra, que a esta conquistou situação particular e independente, marcando por sua vez um momento especial na evolução do nosso sertanismo. Não era um caráter uno, senão duplo — e podemos chamá-lo de *verismo idealista* para empregar uma terminologia puramente empírica, que permitiu colocar-se a obra em período de transição muito particular entre duas eras literárias — a do idealismo romântico e a do realismo contemporâneo.

Êsse foi o elemento individual característico da obra de Affonso Arinos. Possuia êle muito vivos, em sua personalidade, êsses dois elementos essenciais: a sedução pela vida ativa e a tendência inata à contemplação. Era, como vimos, um espírito simples, de sentimentos puros, de ingenuidade natural, sem requintes de cultura ou complicações psicológicas. Encarava a realidade de frente, sem fugir a ela, seduzido pelo espetáculo das coisas, sem a inquietação da dúvida nem o mal da essência.

Era um visualista forrado de um visionário. Não se limitava ao espetáculo das coisas: comprazia-se com o calor da imaginação, provocado por êsse espetáculo no nôvo mundo interior que daí nascia. Era a realidade que o interessava, era a consideração do mundo exterior que o prendia, mas era o sonho que se continha no âmago dessa verossimilhança. Foi por isso, além de animador de tipos reais e de diálogos flagrantes de verdade, um descritivo, um apaixonado da natureza, sem tentar a descrição pela descrição, como apetecia aos naturalistas, mas descobrindo a relação da natureza à alma, não para escravizar aquela a esta, como pretendeu o simbolismo, mas para fundir as duas num só todo, em que a dependência era recíproca: a natureza impressionando a alma, que por sua vez a transfigura.

A imaginação completa a natureza, mas esta a desperta. Assim foi a obra literária de Affonso Arinos, e êle próprio mostrou que assim compreendia a arte — espontânea, natural, sentida, mas idealizadora, animando a realidade, e conseguindo uma verdade superior pela transfiguração daquela. Sua intenção literária era — "transmitir a outrem um pouco das impressões colhidas na natureza alpestre, selvática e brutesca do grande planalto central do Brasil, um pouco do perfume da charneca, das paixões bravias dêsses homens que moram a duzentas léguas do litoral". Isto é, sua literatura era sentida e bebida na fonte, de impressões diretas da natureza e do homem, conservadas, como vimos, no subconsciente, tanto assim que só estilizou aquilo que viu, que tocou, que apreendeu com os sentidos, em suas longas viagens pelo interior. Mas não pretendeu com isso negar a fantasia, a ascensão acima dessa realidade, ou aceitar a descida abaixo dela para procurar no naturalismo a verdade minuciosa. Censura mesmo, com energia — "êste fim de século, em que o ideal foi banido dos templos literários como mentira, e a narração sêca do crime, da infâmia e da miséria substituiu as formas obsoletas que a alma do artista engenhara".

Havia, portanto, em seu espírito, harmonia profunda entre essas duas formas de temperamento idealista e realista, que se tem pretendido isolar, mas que de fato se confundem, ao menos em suas raízes, como o clássico e o romântico em quase todos os espíritos. Não era tanto a confusão dêsses caracteres, senão o equilíbrio íntimo entre êles, que existia em Affonso Arinos.

Equilíbrio também havia, em sua obra literária, entre o elemento natural e o elemento humano. Sendo, como vimos, um visualista, deixou-nos quadros soberbos da natureza e descrições de cenas sertanejas, palpitantes de vida e pitoresco.

1913: a bordo de um navio inglês, rumo ao Brasil.

Êsse elemento de paisagem, tão importante na obra de Arinos, não tem nêle a precisão concisa dos modernos sertanistas. A descrição é larga, ampla, minuciosa, sem excesso nem retórica, mas ainda com certa estilização literária, na transposição da realidade à ficção. Um exemplo basta para indicar o seu processo descritivo. Havia em Paracatu, como em geral nas vilas do sertão, determinado sítio, a certa distância da cidade, até onde os habitantes iam montados levar os filhos da terra que partiam ou os viajantes que retomavam a jornada interrompida. Havia nesse ponto, em Paracatu, velho jatobá, objeto de uma lenda local. A essa árvore anciã, chamado o povo, com grande exatidão, de Pau do Chôro, tais os prantos que havia testemunhado. Arinos escreveu a lenda dêsse velho tronco sertanejo, mas julgou prosaico o apelido que a tradição lhe havia dado, e novamente o crismou de *Árvore do Pranto*. Não compreendemos hoje como não sentiu Arinos o sabor do nome primitivo, mas devemos guardar o fato como característico de sua maneira, que ainda não era a dos realistas modernos e já estava longe da dos românticos.

Se êsse elemento descritivo ainda o prendia à velha escola, foi no elemento humano que indicou a nova orientação sertanista. Na parte humana dêsses contos, há três elementos principais: o amor, a superstição e a violência. Nêles se agitam sempre sentimentos simples e profundos, levados à paixão. Em tipos rústicos e elementares do sertão não cabem estudos psicológicos, nem isto estava nas cordas e na preferência de Arinos. Tôda a sua literatura era paisagem, emoção e ação. Seus contos são rápidos, mas cheios, apaixonados, mas sem cerebralismo, de interêsse violentamente humano, mas sempre situados no seio de uma natureza opulenta, que amorosamente descreve com abundância de têrmos locais mas sem dialetação excessiva, com frescura extraordinária de expressões, mas com o maior domínio da palavra. Não era o tédio da roça que o impressionava, nem a natureza mirrada ou áspera, nem a indolência do fatalismo sertanejo, como se já fôra um puro realista, — mas o desalinho das paixões irreprimidas, o imprevisto trágico da vida, os ímpetos bravios dessa gente sem lei, e sobretudo êsse elemento supersticioso tão peculiar — temor irresistível do homem simples perante o mistério, em contraste com a sua coragem perante a vida e os outros homens.

As três obras-primas de sua pena, *Assombramento*, *Joaquim Mironga* e *Pedro Barqueiro* marcam exatamente a introdução dêsse elemento humano primordial, geralmente até então desdenhado ou superficial no sertanismo. Possuem todos três a grande objetividade das obras de arte, que vivem por si, possuindo todo o espírito do autor. Essa transmissão de emoções é flagrante no *Assombramento*, que revela uma profunda sinceridade de impressões, para alcançar a espontaneidade poderosa e impressionante que possui, sem artifício nem desalinho.

Residem a importância e o interêsse dêsse elemento humano em sua verdade essencial. Não procura Arinos tipos médios, figuras modelares que venham exprimir *o sertanejo*. Toma de *um* sertanejo, mostra-o no seu meio habitual, em suas ocupações triviais, mas visando apenas, com isso, preparar a ação para o golpe decisivo, para uma explosão violenta de paixões, que mostrem êsse homem em seus momentos típicos. Isso o distingue inteiramente dos seus antecessores e dos seus sucessores no sertanismo. Visavam aquêles revelar *o homem do sertão* e para isso fabricavam, por assim dizer, uma figura simbólica, que possuía todos os caracteres essenciais do sertanejo, mas à qual faltava o principal, que era *a vida*. Êstes, pelo contrário, tomam do homem em qualquer momento de sua existência no cotidiano insignificante ou nos momentos agudos, sem prévia escolha, deixando que o animal humano se manifeste livremente em sua verdade total, dessaborido ou violento, apaixonado ou indolente. Afastava-se Arinos das duas correntes: — nem o homem típico, nem o homem insignificante, mas o homem em seus momentos característicos. Não julgava que tudo fôsse arte na natureza, mas que tudo era material para isso. O segrêdo estava em aproveitar e transformar. E o fato é que todos os tipos humanos de seus contos, ainda os mais inverossimelmente verdadeiros, são reais, são vivos, transitam por essas páginas tão naturalmente como no lombo da ruana, pelos trilhos do sertão.

***

(De "Affonso Arinos", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1922).

Fundação Arquivo Público de Paracatu/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. DI/Cód. 3182/Acervo Público de Paracatu

JOAQUIM MIRONGA

(Tipo do Sertão)

Conto de Affonso Arinos

O sol estava querendo sumir, quando eu encostei a porteira. Pulei da sela e amarrei no moirão o ruço pedrês — bicho malcriado, reparador, mas de espírito. No lombo dêsse pagão eu comia doze léguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, pus a mira no alpendre e não vi ninguém.

— Uai, Joaquim, aí tem coisa! — Entrei bem sutil, reparando d'uma banda e outra.

"Patrão velho, na hora em que eu estava arreando o pedrês, tinha chegado perto de mim, dizendo: — Olha lá, Mironga, não me vás sair um perrengue!

"— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê há de ver, com o favor de Deus."

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa — disse um caboclo meão, de chapéu de couro e sujigola. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o líquido.

Na varanda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso nôvo, uma chifrada de marruá, uma passagem bem feita com algum garrote bravo. A varanda era comprida, defendendo-a do mau tempo a grande cimalha, apoiada em colunas de madeira lavrada. Prêsas a estas, duas ou três rêdes, tecidas de sêda de buriti, embalavam o sono da camaradagem, que ruminava o jantar depois de um dia fatigoso, em que o gado na verdade dera que fazer.

Demais, êsse gado de beira de Rio Prêto não era caçoador. E nesse dia, no cerrado do Periquito, os vaqueiros toparam uma rês alevantada, que fêz o diabo.

Mas o Joaquim não era homem quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiu ao sol. Era preciso animar a rapaziada na véspera de qualquer trabalho mais difícil.

Para o dia seguinte, o patrão tinha marcado uma campeação no cerrado do Garapa, onde havia um cambaubal de meter mêdo. E as reses velhacas sovertiam-se lá dentro, que só mesmo o capeta podia com elas.

Quando ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro chegava para a banda de fora, atiçava o fôgo e pegava a contar casos, a passar em revista os sucessos da vida de cada um.

Mironga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por sua justa fama e pelo conceito de que gozava junto do patrão.

"— Como ia dizendo, encostei a porteira ao batente e entrei sutil. O pátio estava soturno. Nem viva alma. Isso no tempo das guerras bravas da era de quarenta e dois. Patrão velho andava amoitado. Amoitado é modo de dizer, porque êle dormia, lá de vez em quando, num rancho de palmito no meio do mato, mas zanzava de uma banda para outra o dia inteiro, sem perder de vista a casa do retiro onde estava a família. Eu não lhe deixava a costela: vivia rente com êle para o que desse e viesse, porque, Deus louvado, nunca me desprezou, e nós da família servimos até à morte à gente do patrão, isso desde meus velhos.

"Quando entraram lá na cidade as fôrças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Êle era homem de opinião e não fugia assim com dois arrancos. E demais disso, a patroa estava chegadinha a ter menino, êsse pedação de môço que vocês vêem aqui hoje — Sô Néco.

"Um dia, nós já tínhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que vem da Barra da Égua, olhando pelo caminho afora, eu enxerguei uns cavaleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o lugar e desconfiava de alguma coisa. Subi arriba e mostrei os cavaleiros ao patrão.

"— Aquilo não é senão escôlta e é para prender vossemecê.

"Para que falei, meu Deus! foi uma trabusana levada em casa. A patroa tomou um susto muito grande e desandou a chorar; as mucamas trançavam pelos quartos, correndo.

"Com pouca dúvida, acenderam o círio bento junto da imagem do Menino Jesus e a patroa tirou reza, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não saiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

— "Hoje é dia! — pensei eu cá comigo.

"Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte saiu para fora. Qual, gente! eu nem gosto de lembrar dêsse tempo!

"Sô môço, Sô Juca, filho mais velho do patrão, ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espigadinho e animado. Eu sei quanto me custava ter mão nesse menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote que êle não quisesse esperar na ponta da vara, nem cavalo chucro de que êle não quisesse tirar a nica. Ia já beirando pelos dezesseis anos, mas não mostrava.

"Oh! meu São Sebastião, advogado dos aflitos! quando me acode à lembrança essa era amaldiçoada, sinto a modo de um travo na bôca."

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita do chapéu, bateu fogo, puxando fumaça.

A camaradagem, mudando de posição e consertando-se nos lugares, murmurava:

— Esse Joaquim é da pele, é da pele do diabo! Êle já tem visto coisas!

"Vocês sabem, continuou o Joaquim, que a frente da fazenda, além dos muros de pedra, tinha o cercado feito com toradas de madeira de lei. Aquela segurança tôda era por não deixar o gado romper, quando investisse, na arrancada. Valeu-nos Deus que era assim. Estivemos engambetando a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo do fogo. A soldadesca era tôda de cavalaria, mas não era gente curraleira e, por isso, não conhecia nossas batidas. Não foi custoso mitrar àqueles diabos. E êsse Rio Prêto — bem eu gosto dêle! — foi a nossa salvação. Êle passa nos fundos da fazenda, fechando uma manga de potros separados das éguas.

"Anoitecemos e não amanhecemos na fazenda. Com o escuro, ganhamos uma trilha pela manga abaixo — eu, patrão, patroa, meninos, mucamas, tôda a gente de dentro; os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesca, rebentando as pipocas a tôda a hora.

"Você lembra, Pio, daquela canoa em que o patrãozinho caçou anta rio abaixo?"

— Ora! pois então!?

"— Foi nela mesmo que estivemos passando o povo para a outra banda, eu no varejão e Bazílio no remo. Quando chegamos do outro lado, adeus escolta! Não havia ponte, nem vau. Se êles quisessem nos perseguir haviam de atravessar o rio a nado, ou, quando não, rodear as cabeceiras, porque as nossas canoas ficaram muito bem escondidas do outro lado.

"Ganhamos, sem maior novidade, a barranca fronteira e pousamos num retiro da outra banda, a duas léguas do rio.

"Até êles passarem também, temos tempo — dizia comigo.

"Sô môço, sô Juca, desde a hora da saída, ficou meio estúrdio, sempre de cara fechada. Êle tinha teimado muito com o patrão velho, querendo ficar. Dizia que aquêles demônios de caramurus não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dois tiros e meio. Mas o patrão ficou brabo com êle e não lhe tirou mais os olhos de cima até passarmos o rio. O patrão sabia que o mocinho não era brinquedo e que, se não lhe tivesse mão, era bem capaz de voltar para a fazenda e puxar briga com os caramurus da escolta.

"Arranchamos no retiro, e a família tôda acomodou-se como Deus foi servido. O patrão estava acostumado a lidar sempre e aproveitou o tempo para cuidar da criação empastada naquela redondeza.

"Nisto, as coisas principiaram a apertar.

"A gente que tinha ficado do outro lado do rio tomou conta da fazenda, depois de uma resistência grande. Quem pôde fugir, fugiu; o restante que não morreu na briga ficou agarrado pela escolta. Os ladrões do inferno já tinham carneado muita rês boa da fazenda e acabado com a capadaria do chiqueiro. Essas coisas chegaram ao co-

nhecimento do patrão e o fizeram ficar irado. A patroa ia tendo mão nêle todo o dia, porque êle virava, mexia, daqui prali, e falava sempre em acabar com aquilo de uma vez, morrendo ou dando uma lição àqueles excomungados.

"Há muita gente traiçoeira neste mundo, como vocês sabem. Um desalmado dêsses, que Nosso Senhor chamou a si — Deus te perdoe! — deu denúncio do retiro onde estava o patrão. Com pouca dúvida, nós soubemos que na Tapera, a umas quatro léguas do retiro, estava se ajuntando um magote de caramurus para virem prender o patrão. Êsses diabos tinham uma sêde na gente do patrão, porque diziam que êle fôra o rebelde mais destemido destas beiradas.

"Patrão ficou desatinado de raiva. Quis por tôda lei dar caça aos caramurus, mas a patroa ficou de tal modo, que nós estávamos vendo a hora em que ela caía para trás, morta. Por isso, o patrão não teve outro remédio senão ir tenteando, como Deus ajudava. Vendo que nós éramos cercados de uma hora para outra e que uma desgraça ia acontecer, êle me chamou a um canto e disse:

— "Joaquim, eu fiz tenção de não cair nas unhas daqueles diabos e não ia parar na cadeia. Mas as coisas estão muito feias. Se não fôsse a dona... Olha: disfarça de qualquer jeito e entra na Tapera, assim como quem vai de passagem. Assunta bem e apanha as atenções dêles. Vê quantos são, se estão bem armados... Tu não és tolo e sabes bem o que eu quero. Precisamos saber o que êles pretendem, para nós podermos desmanchar a esparrela...

"— Vossemecê me conhece, meu amo. Fique sossegado, eu arranjo as coisas.

"A conversa ficou aí.

"Comigo não se precisa de muita explicação. "Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha. Pus dentro dela pólvora, chumbo grosso e uma bucha de paulista. Num bolsinho de dentro, guardei um pedaço de fumo e palhas. — "Estou pronto" — ia dizer, quando dei com os olhos no Moisés, meu clavinote, que dormia enferrujado no canto. Pareceu-me que o pau de fogo falava. — "também quero ir, Joaquim." — eu lhe fiz a vontade.

"Areei a arma bem areadinha, limpei-lhe os ouvidos, pus uma pedra nova embaixo do cão e carreguei-a. Ali por perto havia um jambeiro com frutas; apanhei uma e, depois de escorvar bem a arma, joguei o jambo para o ar. Lá em cima, meti a arma à cara e fiz fogo; a fruta espatifou-se tôda.

"— Esta bem, sô Joaquim, disse comigo, você está meio turuna na pontaria! Isto é que serve.

"Amarrei o clavinote nos coldres da sela, apertei bem o pedrês, corri os olhos no peitoral e na retranca, passei por cima da sela um pelego bom e apertei de nôvo o pedrês com a sobrecincha.

"De arma de fogo eu não gosto muito, mas minha vara de vaqueiro, minha vara de derribar, pior do que uma azagaia, essa eu não deixo! Desembainhei o ferrão da ponta e dei uma chuçada num portal. O ferro estava firme e amolado.

"Êsse arranjo todo pouco durou.

"Apalpei, por último, meu rosário do pescoço e pulei no lombo do pedrês.

"— Êta mundo! Chegou a hora!

"Sô môço, sô Juca, andava farejando êsse negócio e me atormentou muito para eu contar a conversa que tive com o patrão. Rondou sempre por perto de nós, para ver se apanhava qualquer coisa. O menino mordia os beiços, arrancava os cabelos, esbravejava, fazia tudo para saber, porque êle queria ter uma embarruada com os caramurus. Eu nunca vi mocinho assim.

"Uma coisa me dizia que êsse menino ia fazer alguma — "Hei de ir! hei de ir!" — falava êle, com os dentes cerrados, batendo com a mão direita fechada na palma da mão esquerda.

"— Hei de ir!

"— Vossemecê não vai, nhonhô, porque meu amo não quer.

"Êle desconversou e sumiu.

"Quando eu já estava longe, ouvi um tropel de cavalo atrás de mim. Era sô môço que vinha num cavalinho castanho careta, corredor que nem um veado. O mocinho vinha debruçado pra frente, de rédea bamba e o cavalo parecia que roçava a barriga no chão na corrida.

"No eu sair, sô môço já tinha o cavalo pronto, escondido. Ganhou o rasto e bambeou as rédeas. Não foi preciso mais nada.

"— Ora já se viu! Virgem Nossa Senhora, como é que está para ser?

"— Não tem nada, Joaquim, vamos embora. Eu te mostro que já sou duro.

"Cá dentro, o coração me pulou de alegria, de ver a disposição do menino. Carreguei-o nestes braços e era a minha menina-dos-olhos. Ora! lá se avenha! o que há de ser tem muita fôrça, pensei eu; não tive culpa da vinda dêle. Se êle veio, é porque gosta deveras dêste mulato velho.

— "Está bom nhonhô, vossemecê agora me há de ouvir. Quando chegarmos à Tapera, quem entra primeiro sou eu. Vossemecê fica amoitado ali por perto. Se os homens me prenderem ou me matarem, vossemecê percebe logo, porque isso não demora. Então, vossemecê dá de redeas pra trás e toca a bom tocar até chegar à casa, para avisar a meu amo.

— "Hás de ver que eu já sou duro, Joaquim. Vamos embora.

"Com pouca dúvida entramos em terra da Tapera.

— "Pode ter algum espia por aí, meu patrãozinho. Vamos cortar pelo cerrado afora e ganhar a estrada que vem da Boa-Vista; enganamos os diabos, porque êles ficam pensando que somos viandantes saidos do Vão.

Assim fizemos.

"Antes de confrontarmos com a fazenda da Tapera, eu fiz sô môço entrar num capãozinho de mato e ficar aí amoitado. De lá êle via a casa e o curral da frente.

"Entrei, como já contei, sem ver ninguém. Subi a escada e gritei: — "Ó de casa!" — Uma porta abriu-se e um caboclo de beiço rachado apareceu, respondendo: — "Ó de fora! Entra e vem tomar congonha, que está no cuité".

"Entrei e vi, na sala de fora, passante de vinte pessoas; uns agachados, outros de pé, os homens estavam resmungando baixo. Pelas paredes havia muita arma dependurada nos tornos. Os homens me repararam de baixo pra cima, de cima pra baixo, me estudando.

— "Ainda que mal pergunte, quem é você, rapaz? Disse com mau modo um sujeitinho bexigoso, com os cabelos já pintando".

— "Eu sou Manoel João, para o servir. Assisto no Vão, perto do arraial de Morrinhos e vou buscar um sal à cidade. Venho vindo escoteiro, mas o carro vem atrás e deve chegar nestes dois dias.

— "Você não sabe que estamos em guerra e que aqui não passa gente sem minha licença?

— "Mas, meu patrão, manda quem pode. Não estou fora disso".

— "E se eu te segurar aqui?

— "Pode que fique seguro; mas hei de porfiar por sair e — quem porfia mata caça".

"Eu fiquei ativo, correndo os olhos nos homens e chegando devagarinho para a porta. Já tinha na mente o jôgo que havia de fazer com aquêles diabos".

"O homem estêve, estêve, estêve... Depois encruzou as pernas em riba do banco onde estava sentado e disse:

— "Tu sabes alguma coisa dêsses chimangos por aí?

— "Meu patrão, eu sou de longe; estou muito fora disso. Tenho ouvido rosnar uma coisa e outra, mas não ponho sentido em falas e ditos do povo.

"Mal tinha acabado de dizer isso, quando apareceu um fula magricela, por nome Anselmo. Êsse desavergonhado tinha trabalhado junto comigo uns dias, numa arribada de gado, que eu fui levar uma boiada do patrão à Pratinha. O diabo me encarou um bocado, depois disse:

— " Aqui, Joaquim? Você já largou o sargento-mor (era meu patrão)? Que diabo de coisa traz você cá?

"Não foi preciso mais nada. Sô Chico Duarte, capitão daqueles jagunços, gritou logo:

— "Então, maroto, tu querias me lograr, hein? Pega êsse cabra aí, minha gente!

"A coisa ferveu logo.

"Anselmo fêz menção de me agarrar num pulo.

"Eu tinha deixado meu clavinote amarrado nos coldres e a vara de ferrão encostada lá fora. Voei logo à porta. Quando Anselmo me quis abotoar, juntei-o pelos peitos e num empurrão mandei-o à parede. Isso tudo foi assim — zás! Pulei pela escada abaixo e ganhei a sela do pedrês. O matungo estremeceu debaixo dos arreios e, bufando forte, largou na carreira. Curvei-me sôbre o pescoço do animal e gritei-lhe ao ouvido: — "Upa, meu pedrês! salva teu dono!" Bichinho fiel! A porteira não era alta e êle voou por cima dela, caindo do outro lado.

"Nisto, as pipocas rebentaram da frente da casa. A noite ia fechando, e os homens, atirando das janelas e do alpendre em meu vulto que fugia, erraram fogo. Eu virei a cara para trás e acenando-lhes com a mão, gritei: — Até logo, meu povo!

"Aí uma buzina tocou forte da banda da casa, dando alerta. Os caramurus tinham gente na tocaia, pela redondeza, vigiando; acudiram logo.

"A lua, na barra do céu, alumiou um vulto de cavaleiro que crescia para mim, na carreira. E mais outro e outro.

"Um cavaleiro, cruzando na minha frente, gritou:

— "Pára, ladrão, que eu te faço comer terra já!

"Eu torci o cavalo, colhi a vara de ferrão e peguei o homem pela volta da pá. Êle deu um urro e escangotou. Seu cavalo, desgovernado, correu prá uma banda. Não vi se o homem caiu, mas gostou pouco da chuçada. Cheguei as esporas no vazio do pedrês e joguei-o para a frente, à disparada. — Que é do sô môço? Que será dêle? Onde estará agora? — Topei um redemoinho de cavaleiros diante de mim. Chegando mais perto, vi que eram só dois que pelejavam e ouvi a voz de sô môço, sô Juca, dizendo: — "Cheguem, caramurus do inferno!" Meu cavalo passou rente do dêle e eu piquei com o ferrão a anca do castanho careta, que estendeu por ali afora com sô môço, na horinha mesma em que ecoava um tiro de bacamarte.

"No meio do tropel da corrida, me pareceu ouvir perto de mim um gemidozinho. Olhei para os lados e vi sô môço emparelhado comigo. — "Não é nada" — pensei. E corremos e corremos obra de meia légua.

"Adiante, num escampado — ninguém nos perseguia mais — eu olhava sô môço e reparava que sô môço estava calado Não estranhei muito...

"A lua subia, e pela beira dos capões, os peixes-fritos cantavam...

"Mais adiante na descida, de um córrego, eu voltei para sô môço e disse em tom de brinquedo:

— "Estêve feia a coisa, hein? Mas nós não somos caçoada de ninguém.

— "É — disse êle co'a vozinha sumida.

"No subir um tope, me pareceu que êle esbarrou o cavalo.

— "Que é que vossência tem?

— "Nada.

— "Então, toque o animal.

"E fomos indo...

"Daí a pouco, êle andava penso pra um lado, meio envergado, como quem estava curtindo uma dor muito grande.

"Eu, achegando-me para êle, disse:

— "Conta, meu sinhôzinho, conta a seu mulato velho o que vossemecê está sentindo.

"Êle endireitou o corpo logo, respondendo:

— "Nada, Joaquim. Eu não te disse que era duro?

"Fomos embora.

"Com pouco, alcançou-nos um pé de vento bravo. As fôlhas e os gravetos do chão subiam em revoada; nossos cavalos, abicando as orelhas pra frente, levantaram as cabeças e rincharam forte.

"Tínhamos de dobrar um serrote por uma ladeira esperta; no meio, um murundu fazia a trilha acotovelar para dar passagem aos cavaleiros. Quando o animal de sô môço torceu de repente, para voltear o murundu, eu vi sô môço cambalear. Dei um arranco e amparei-lhe o corpinho franzino, puxando-o fora dos arreios e sentando-o no cabeção de minha sela. O castanho, sôlto, correu na frente.

"Quando sô môço debruçou sôbre mim, falou-me com uma voz que nunca mais me saiu dos ouvidos e me corta até hoje o coração: — "Está doendo, Joaquim!..." Eu me apeguei com Senhora da Abadia do Muquém e bradei alto:

— "Santa do céu! tem dó de nós!

"Sô môço deu mais um gemidozinho, muito fraco. Parecia um carneirinho nôvo, sem mãe, que vai querendo morrer por falta de leite e de calor...

Neste ponto, a voz do velho campeiro tornou-se profunda como a das enxurradas que tombam, goela abaixo, nos socavões da serra.

Nenhum campeiro mais recostado.

Todos, de pé, apertavam-se ao redor do Mironga, estendidos os pescoços, os semblantes mal assombrados pintando-lhes os sentimentos da alma.

— "Quando eu segurei sô môço por baixo dos braços para tirá-lo da sela, senti as mãos molhadas. Apalpei e reconheci que não podia ser suor. Tirei fogo e vi minha mão direita vermelha de sangue!...

Ereto no meio dos companheiros, o capataz daqueles homens bravios tinha o semblante demudado e a voz entrecortada pelos ofegos do largo peito hirsuto.

O fogareiro aceso avermelhava aquêles rostos, que formavam círculo ao redor do Mironga; todos mudos, atentos, como os guerreiros das tribos bárbaras ouvindo ao chefe valente as peripécias dolorosas da peleja recém-ferida.

— "Excomungados, malditos caramurus! Ficaram satisfeitos os demônios e não buliram mais com o patrão..."

Fôra, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, no meio da sombra.

O velho campeiro não falava mais.

Às interrogações de tantos olhares, de tantas bôcas semiabertas, Joaquim Mironga respondeu com estas últimas palavras, apontando para o céu recamado de estrêlas:

— "Lá, naquele campo azul, junto com os anjos, pastoreando o gado miúdo...

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cod. 807/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

AFFONSO ARINOS, UMA VISÃO CRÍTICA

Rafael Souza SANTOS

O homem vive num mundo onde cada ocorrência está impregnada de reminiscências de fatos anteriores, nos quais cada evento se vincula à rememoração de outros eventos. As rememorações raramente conseguem refletir a complexidade das coisas. O tempo passado é constantemente evocado não devido ao seu valor intrínseco e sim pelo que acrescenta ao momento presente. O efeito da recordação, portanto, tem todo o excitamento das lutas diuturnas sem os seus perigos ou as suas ansiedades. Ela é uma experiência artificial, com todos os valôres emocionais da experiência real, sem as suas tensões, suas vicissitudes ou suas perturbações.

Pela representação literária, é raro verificar-se que seja descrita uma realidade imediata. Trata-se, em geral, de uma lembrança, de uma realidade rememorada. A própria existência do escritor está submetida a uma contradição constante. Apaixonadamente vinculado ao real, êle o observa, ao mesmo tempo, dentro de um contexto de participação. E sua obra, por isso mesmo, persegue sempre representar uma realidade vivida.

Conseqüentemente, a experiência da lembrança do escritor é uma constante em sua *postura literária*. Através dela é que êle consegue criar uma permanente textura de imaginação. Inversamente, no entanto, a sua experiência original consiste em uma espécie de futura lembrança. E cada momento vivido se encontra, por conseguinte, transposto ao *passado, sepultado no subconsciente*, para servir de material à obra futura.

Dentro dêsse contexto teórico é possível inserir-se a obra literária de *Affonso Arinos de Mello Franco* (1), o contista, o narrador de estórias, o regionalista. Nascido em Paracatu (1868), bacharel em Direito pela tradicional Escola de São Paulo (1889) e falecido em Barcelona (1916), sua experiência original remonta, entretanto, aos bancos escolares mineiros e goianos, durante a fase de sua aprendizagem primária. Mas é necessário, porém, situá-lo no ambiente literário brasileiro para que seja inferida sua influência regionalista no panorama das letras nacionais. Sua expressão literária requer, portanto, uma análise de profundidade.

Ao fim do século passado, o ambiente literário brasileiro estava, ainda, inserido na instabilidade um tanto gratuita da influência francesa, cujas conseqüências produziram sintomas extremamente indesejáveis na cultura brasileira. O fenômeno era arbitrário porque não dispúnhamos, ao tempo, de uma experiência capaz de ministrar o caminho a perseguir entre o romantismo, o naturalismo e o realismo.

A transplantação cultural de que fôramos vítimas envolvia o estetismo e o ecletismo dos escritores brasileiros. A literatura era uma sublimação dos fatos e nunca uma fusão dos aspectos reais da sociedade. O galantismo, o requintamento e o beletrismo inconseqüente predominavam no campo da ficção brasileira. Do romantismo de *José de Alencar* ao naturalismo de *Aluísio de Azevedo*, passaria a literatura brasileira à simples repetição do que ocorria no universo cultural europeu.

Daí o grito de emancipação que envolve a obra *machadiana*, a partir de 1880, quando os primeiros capítulos do *Memórias Póstumas de Brás Cubas* começam a ser publicados. Era a rejeição das normas estabelecidas pelas escolas literárias; surgia um psicologismo ainda fragmentário, a despeito do seu renomado esfôrço de universalismo.

Paralelamente, entre a decadência do romantismo, a efervescência do parnasianismo e a ascensão do simbolismo, uma nova corrente de idéias — confusas e mal assimiladas — começa a emergir nas regiões geoeconômicos brasileiras. Uma plêiade consistente de escritores desponta, com avalanche, no cenário da literatura brasileira: *Franklin Távora, Xavier Marques, Vicente de Carvalho, Alberto Rangel, Waldomiro Silveira*, e tantos outros, são expressões verazes de um regionalismo literário, no Brasil.

Affonso Arinos integra essa corrente literária. Os elementos de onde emergiram o caráter esquemático de sua produção ficcionista configuram-se geográficamente nas áreas dos chapadões de Minas e de Goiás. São figurativos, reais, plenos de temores e de esperanças, feitos de fantasias e sugestões, representantes, no entanto, de fatos objetivos e comprovados.

O que realmente caracteriza a obra literária de *Affonso Arinos* é a sua extraordinária habilidade para a incorporação do regional dentro de um ambiente literário todo êle voltado para a dispersão, para o universalismo. Seu regionalismo nada mais é senão que uma visão globalizada de sua experiência original, da qual soube *tão bem recolher os estímulos* necessários ao desenvolvimento íntimo de sua imaginação criadora.

À experiência original conseguiu êle incorporar a experiência cultural. Partindo daí, pôde investigar os fatôres das fôrças centrífugas e desagregadoras dos grupos sociais daquela região. Língua, religião, organização econômica, modos de vida, através da diversidade e da riqueza dos elementos sociais, com o seu folclore próprio, musical, mitológico, e mesmo econômiço, pela multiforme atividade do artesanato e da indústria caseira, em tôdas as suas poliédricas manifestações, estão contidos em sua obra literária.

A épica existência dos vaqueiros, campeões de couro a varar a vegetação rasteira dos *gerais;* a poesia, o drama e a melancolia bucólica das grandes fazendas agropastoris bem como as manifestações dos rituais e das normas morais, espirituáis e religiosas, com os seus duendes, as suas crendices e as suas legendas, pululam nas páginas que elaborou, dando-nos uma síntese regional de vida e da natureza que a circundava.

Longe de fugir — como o fizera *Machado de Assis*, em relação à sua experiência original — *Affonso Arinos* removeu na memória os fatos e os elementos de um contexto social e, pela fixação, deixou nítidas as características de grupos humanos até então relegados pela literatura brasileira. Êle não se limitou à revelação estética de uma imagem concebida nos livros. Voltou-se profundamente para o campo, para a região onde adquirira os primeiros traços emotivos de sua vida. Daí, o seu estilo fundamentar-se em uma linguagem específica, sem se deixar envolver pelo convencionalismo lingüístico, que é exterior, mas procurando sempre dar às palavras o significado que tinham na formação regional.

Forjou *Affonso Arinos* um estilo próprio, porque entendia, antes de tudo, que não é com palavras que êste se forma. Foi à procura de condicionantes internas e as externas e as encontrou no ambiente social onde recebara as primeiras correntes emotivas que lhe impregnaram as sutilezas de sua sensibilidade. Não se fêz paladino da propaganda vinda de fora, que avassala, nem muito menos se acomodou com a corrupção literária em vigor, que deprava, pelo lado de dentro. Ao contrário, assentou as bases de um regionalismo que fêz escola e ainda hoje penetra no universalismo, com *Guimarães Rosa* e *Mário Palmério*, sem perder as características fundamentais do homem e seu meio.

Daí, sua posição de relêvo na literatura brasileira. Significativamente, *Affonso Arinos* é um pioneiro do regionalismo, não porque o seu aparecimento tenha coincidido com a renovação de idéias no Brasil, mas, sobretudo, pela sua constante em narrar realmente os fundamentos de uma verdaderia *ilha cultural*. Certo, era uma tendência da época valorizar a temática brasileira, numa demonstrativa afirmação precoce do nacionalismo cultural. Daí, a busca para fixar-se o ambiente selvático do planalto central, à custa de uma técnica realista que receberia sua cristalização no movimento *modernista de* 1922.

A narrativa de *Affonso Arinos* caracteriza-se pela verossimilhança, pela fidelidade, ao *contrário de muitos escritores* românticos que estilizam o sertão. Seu regionalismo deriva de profunda vivência, acumulada na alma desde a infância, num íntimo contato com o meio: o homem, os costumes, as matas, as serras, os rios e as paisagens. Assim espelha-se em sua obra, com nitidez, a realidade sertaneja dos *gerais,* através de tipos e paisagens, sentimentos e emoções. Muitos dos seus personagens — Manuel Alves, Flor, Joaquim Mironga, Lúcio, Benedito Pires — são de tal modo vivos e atuantes, dentro de sua concepção de vida, que ficam para sempre na memória dos leitores.

Apesar de suas inúmeras viagens pelos países europeus, *Affonso Arinos* jamais perdeu o contato com o sertão nativo. Seus livros, como espelho de sua experiência, estão impregnados dos sentimentos sertanejos. Justamente por isso é necessário distinguir-se a *postura literária* de *Affonso Arinos* do regionalismo anteriormente cultivado pelos ficcionistas românticos. As elevadas qualidades estéticas de *Pelo Sertão* fazem dêsse livro um modêlo para os autores que se orientaram na mesma senda. E essa distinção se afirma ainda mais necessária pela conjugação literária que êle conseguiu realizar, isto é, ao lado da experiência de cultura êle conseguiu incorporar, como homem do seu tempo, a experiência original de sua vida, transformando-se no expoente mais lídimo e sincero do regionalismo brasileiro, de então.

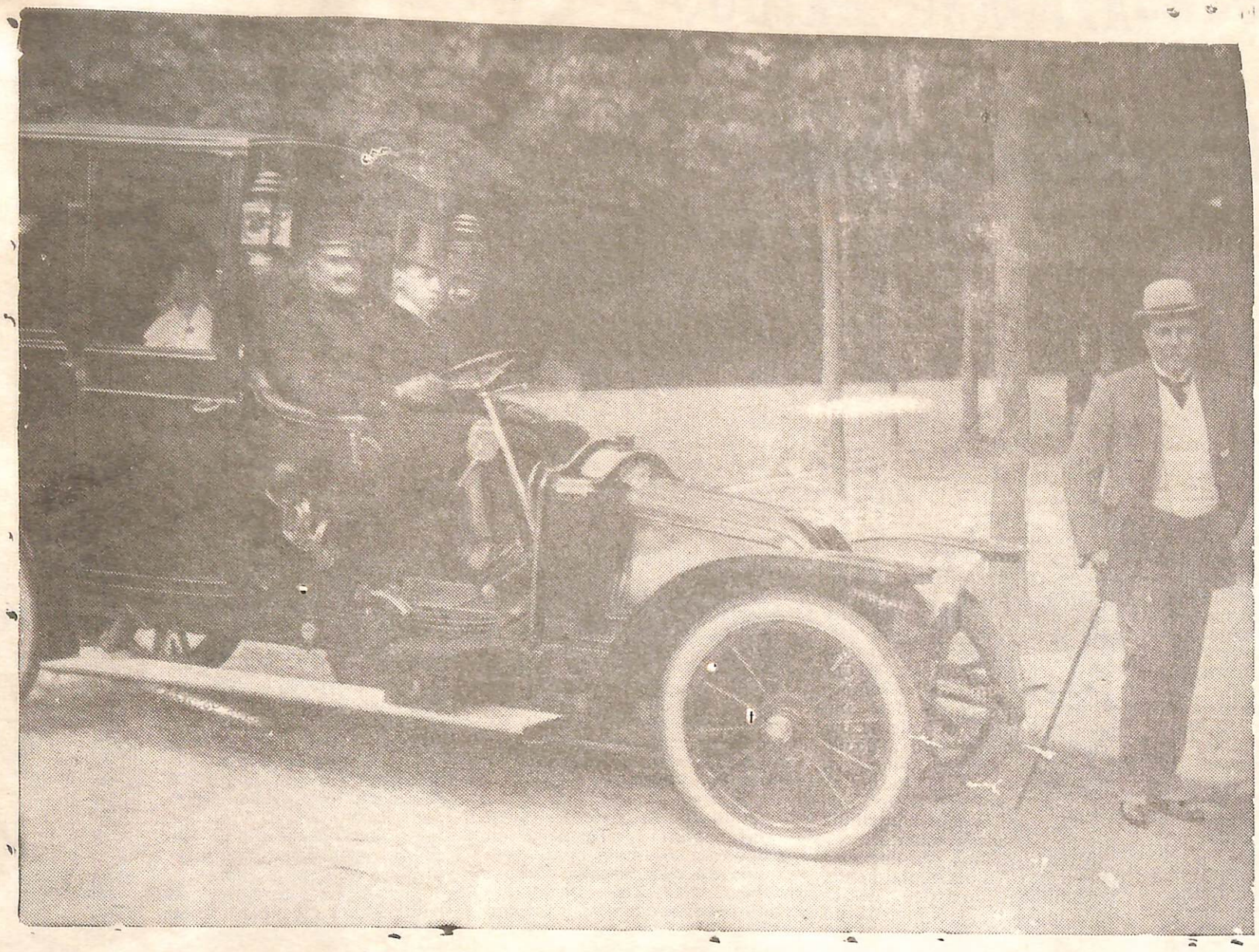
1) Obras: *Pelo Sertão* (1898); *Notas do Dia* (1900); *Os Jagunços* (1908); e as obras póstumas: *O Contratador de Diamantes* (1917); *A Unidade da Pátria* (1917); *Lendas e Tradições Brasileiras* (1917); *História e Paisagens* (1921).

O SERTANEJO AFFONSO ARINOS

Olavo BILAC

Conheci-o, a princípio, em Ouro Prêto, na austera Vila Rica; ali vivi com êle, no silêncio e na poeira dos arquivos; e ali comecei a admirar o profundo brasileirismo orgânico que forrava o seu espírito. Conheci-o depois, e melhor, na Europa, no tumulto de Paris, em longas viagens, romarias a catedrais e a castelos, passeios por cidades e campos. Na Europa, Affonso Arinos era ainda mais brasileiro que no Brasil. Alto, robusto, elegante, de uma estatura e um ar de gigante amável, em que se aliavam a energia e a graça, conservando no olhar e na alma o nosso céu e o nosso sol, êle era como uma das árvores das nossas matas, exilada nas frias terras do velho continente. Nos boulevards, nos salões, nos teatros de Paris, e ainda nas geladas galerias de Rambouillet e Versalhes, onde erravam os espectros da côrte de Francisco I e Luís XIV, Affonso Arinos conservava, sob a polidez de suas maneiras de fidalgo, o andar firme, um pouco pesado, o jeito reservado, um pouco tímido, o falar comedido, um pouco hesitante, de um sertanejo forte, andeiro e cavaleiro, caçador e escoteiro, sempre ousado.

Ainda hoje o vejo, e me vejo, claramente, num dia de fevereiro de 1909, quando visitamos juntos a Catedral de Chartres. Era duro o inverno. Quando chegamos à velhíssima cidade episcopal, caía neve. De pé, insensíveis às lufadas cortadas dos flocos brancos, quedamos na praça, admirando a maravilhosa fábrica do templo, a sua caprichosa ossatura de contrafortes e botaréus, diante da fachada, a um tempo leve e severa, com a graciosa majestade da primeira fase da arquitetura ogival; as três portas baixas, sobrecarregadas de estátuas, a grande rosácea fulgurante em côres múltiplas, e as duas tôrres, uma lisa, e outra rendada, esguias e longas. — preces de pedra num surto para o céu... Dentro, na misteriosa cripta, na ressoante nave, nas capelas cheias de sombras, passamos duas horas, esmagados pela grandeza da catedral, anciã de sete séculos, em que vivem, numa vida muda, mais de dez mil pinturas e esculturas, entes de sonho e terror, — santos, apóstolos, bispos, anjos, demônios, animais e monstros fabulosos, grifos, dragões e quimeras. Ao cabo da longa conversação, em que nos haviam preocupado tantos aspectos da história e da arte do Cristianismo, houve um momento em que, por não sei que vaga associação de idéias, Affonso entrou a dizer-me episódios de uma das suas recentes caçadas no Distrito Diamantino, nas cercanias do Sêrro. Estávamos no centro do cruzeiro, entre o côro e as naves colaterais. Sabeis que a arquitetura gótica, reação contra a frieza geométrica da arquitetura românica, inspirou-se imediatamente das impressões da natureza... Do ponto em que estávamos, o nosso olhar abrangia um trecho fantástico de sombria floresta de pedras: as colunas, em duas filas, rodeavam-nos, esbeltas estirpes de palmeiras, misturando em cima, na abóbada, as suas palmas em leques, entre lianas, entre fôlhas e flôres, lódão e vinha, hera e nenúfar. Milagre da palavra... A voz de Affonso animava-se, exaltava-se, e sacudia a catedral. Dizia as brenhas, as escarpas, os valados, a mata, e os relinchos dos cavalos, e os estampidos dos tiros, e a alegria dos caçadores, e as cantigas dos camaradas, — e o sol mineiro. E a floresta gótica transformava-se em floresta tropical: a pedra negra verdecia; a abóbada frondejava e sussurrava; a trava alagava-se de luz ofuscante; e um verão brasileiro incendiava o inverno europeu. Já não estávamos em Chartres: estávamos no Brasil...



Affonso Arinos junto ao seu automóvel, no Bois de Bologne, em Paris. 1912.

VILA NOVA DA RAINHA

Affonso ARINOS

Enquanto, ao descambar do dia, quase todos os soldados tinham desaparecido pelos quatro cantos da vila, deixando apenas a guarda no aquartelamento, o alferes Gonçalo aprontava-se para o jantar — que o havia lauto — em honra sua, em casa do guarda-mor. Êste fôra o único a ter aviso, de véspera, da chegada da tropa e dispusera-se a receber o comandante e oficiais. Mas, dêstes só veio o alferes, que era o comandante. Já se sabe que não faltaria a nobreza, representada pelos oficiais das milícias, os camaristas com seus juízes ordinários e procurador. Vinham também os almotacés, o padre doutor Antônio Tavares Barros, eclesiástico e advogado na vila, o coadjutor, reverendo Francisco Gonçalves Rosa, no impedimento do vigário da vara, e, para que os três estados estivessem representados como convinha numa festa a um oficial das fôrças d'El Rei, vieram também os juízes do povo, um dos quais era desde muitos anos, quase tradicionalmente, o crioulo Paulo Villar.

Se o guarda-mor conhecesse bem o alferes não teria a má lembrança de convidar para o festim o juiz do povo Barbosa Villar, nem o outro, o mulato Antônio, ferreiro de ofício, conhecido, por isso, pela alcunha de Tonico Ferreiro. Mas *quem havia de adivinhar as nicas do alferes?*

Demais, Vila Nova da Rainha não era o que foi e não estava mais em posição de se apurarem muito as classes e o sangue. A mineração de ouro decaíra de uns anos para cá: muita gente boa já tinha saído da vila e têrmo, para outras terras. Lavrava-se ainda, é certo, mas só um ou outro é que tinha sorte, como êsse mesmo Villar, prêto, sim, na côr, mas branco no tratamento e rico como ninguém mais em tôda a redondeza.

A opulência fugira, mas *muitos dos seus restos e alguns dos seus hábitos persistiam em certa gente.* Valha a verdade, ainda havia gente rica dentro da vila; o que havia de mau, porém, é que a metade do povo daí vivia, ou na mais completa malandragem, ou passando o tempo a faiscar ali pelas abas da serra. Mal dessa gente se não foram os roceiros das freguesias de fora, que surtiam a vila de mantimentos!

Era de ver no entanto o estadão das mulatas fôrras e das crioulas de parte nas missas do dia! Arrecadas d'ouro nas orelhas, longos trancelins, grossas contas ao pescoço, lenços de sêda vistosos à cabeça, sapatos de cordovão, entremeios de rendas finas, cambraias e bretanhas, sem contar as bugiarias de França — tudo ostentavam nas ruas da vila, ou no meio da nave da matriz, aos olhos namorados dos rapazes casquilhos.

E como ficassem tantas saudades da opulência, o povo não perdia pé para festa; em achando pé, festava mesmo. Tinha razão, porque os divertimentos andavam muito vasqueiros na época. Até a Semana Santa, que se celebrava sempre com tanta devoção e esplendor, passava alguns anos sem solenidades, porque os mesários e o provedor não tinham com quê. A procissão de *Corpus Christi*, que incumbia à Câmara fazer cada ano, continuava, felizmente, com o antigo aparato e esplendor. O secretário da Câmara, Manuel da Silva Leão, ainda o ano antecedente, oficiara ao coronel Manuel da Câmara e Noronha, ao sargento-maior do regimento da nobreza e a mais pessoas gradas, para pegarem as varas do pálio.

Todos clamavam contra a exaustão das minas e não se esqueciam — era recente ainda — da desusada pompa e magnificência dos festejos com que o padre Dr. Henrique Pereira, na era de 65, solenizou a *auspiciosa trasladação dos santos para a nova matriz*, dedicada a Nossa Senhora do Bom-Sucesso, por ministéria da Qual obteve êle a reabilitação de um crime, aleivosamente imputado ao seu caráter sacerdotal e à sua pessoa.

Esta época marcou o auge da prosperidade do Caeté, ou Vila Nova da Rainha. Daí para cá, é o que se estava vendo: de mal a pior.

Na mente do povo até já se tinha implantado a abusão de que pesava sôbre a vila uma praga terrível de Santa Frutuosa. E contavam que, havia tempos, mais ou menos pelos festejos da matriz, passaram por lá uns frades conduzindo uma imagem da santa. Pediram licença para recolhê-la ao nôvo templo; mas o povo muito soberbo com a nova matriz, inaugurada em 1757 e concluída sòmente pelas contribuições dos fiéis e fregueses, oito anos depois, em 1765, negou-se a consentir no pedido. Então a santa, agravada no seu melindre, declarou que enquanto não se lhe erigisse aí um templo, não iria por diante a vila.

Voltando de nôvo ao caso, estava certo que ao jantar não faltariam bôcas. Demais, o alferes era alguém: gozava da confiança do general e já fôra louvado por zêlo no serviço d'El Rei. Sua promoção não poderia tardar.

Devia ser à tarde o jantar, como de costume, antes do pôr do sol. A casa do guarda-mor ficava no largo da matriz, a pequena distância desta e da cadeia.

Os camaristas, avisados na manhã dêsse dia, deviam chegar incorporados, como nas solenidades oficiais. Não era caso disso, mas, ou êles não tinham sempre ocasiões de mostrar-se e quiseram, então, fazê-lo, em todo o brilho da posição, ou tinham o secreto intuito de desdobrar, diante de um agente direto do poder real, a fôrça do poder oposto, nascido do povo, por seus homens bons, nas eleições de pelouro. Não lhes foi necessário escogitar para descobrirem excelente pé para isso. Com efeito, caía justamente naquela data o aniversário da solene inauguração da vila, no tempo de D. Braz Baltazar, na era de 14, já lá vão bons cinqüenta e seis anos. O procurador da Câmara, homem de idéias prontas e de resolução, decidiu logo obter do vigário a celebração de um *Te Deum* pelo faustoso acontecimento. Foi-lhe fácil obtê-lo e facílimo anunciá-lo pela cidade, por meio do sino grande.

Assim teriam pretexto de passar incorporados pela casa do guarda-mor, revestidos das insígnias, para, depois do jantar, comparecerem solenemente ao *Te Deum* na matriz que ficava defronte.

A vila tomava ares de festa. Já se preparavam luminárias desde as tôrres às casas das pessoas mais graduadas.

Roqueiras e bombardas estrugiam em vários pontos. O povo, curioso e animado, dava largas à fantasia, inventando mil coisas por explicar a festa. Cada qual, com mais entusiasmo, pugnava por suas razões.

Em tôrno dos mais loquazes ou dos mais ladinos formavam-se grupos escutando com atenção: ora era a chegada de um príncipe à Vila Rica, em visita às Minas Gerais, para o que se mandavam arautos a fim de se prepararem as vilas por bem receberem Sua Alteza; ora era a descoberta de uma lavra riquíssima, recentemente denunciada; ora, finalmente, era a chegada do ouvidor, saído da Vila Real do Sabará em correição pela Comarca e punindo certos abusos de que se falava escancaradamente. E outras vozes corriam ainda, absurdas e inverossímeis. Não faltou quem dissesse que o destacamento vinha escoltar, como guarda de honra, o prêto Villar, convidado pelo capitão-general a sentar-se a seu lado na governança como rei dos negros, a fim de acabar de vez com os quilombos e os quilombolas e os muitos danos daí advindos a todo o comércio e ao povo da capitania. E confirmavam isso com a chegada, aliás, casual de Villar, naquela manhã. Quem apresentava tal conjectura firmava-a nos antecedentes desta capitania, onde os negros, desde os primeiros tempos do povoamento, tinham costume de eleger um rei que os governasse, tanto que, no govêrno de D. Pedro de Almeyda, conde de Assumar, houvera uma ameaça de insurreição por motivo da rivalidade entre os pretos da Mina e os de Angola, querendo cada parcialidade eleger pessoa de sua nação.

No adro da matriz, nas sacadas dos sobrados, nas janelas, atrás das gelosias, nas lojas, nas tavernas e aqui-acolá, estacionados no meio da rua, viam-se pequenos grupos a olhar, cochichando e comentando. Era um zum-zum por tôda a parte, umas olhadelas furtivas e desconfiadas, e um ouvido sempre alerta ao primeiro alarma.

A gente de côr, que compunha a maioria dos curiosos, passava como gato escaldado ao pé do pelourinho do largo, reparando-o de soslaio, à lembrança dos tratos de polé e dos açoites.

E o patrão da vila, hirto e ereto defronte da cadeia, parecia olhar duramente todo aquêle povo.

***

(In "O Mestre de Campo — Romance do Século Dezoito", S. Paulo, Liv. Francisco Alves, 1918, pág. 17/24).

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

AFFONSO ARINOS -

Lendas e tradições do Brasil

Medeiros e ALBUQUERQUE

Não é possível, para quem tenha conhecido Affonso Arinos, escrever sôbre qualquer dos seus livros sem evocar-lhe a figura. Êle era, aliás, uma dessas figuras radiantes de vida, um belo exemplar de homem, que poderia figurar entre os tipos apolíneos, no gênero de Joaquim Nabuco e poucos outros.

Era um gigante meigo. Pela sua alta estatura, dominava sempre as multidões no meio das quais estivesse. Juntava a isso, ser airoso e simples. De uma grande elegância natural de gestos, sabendo trajar com a mais apurada correção, simples e sóbrio, êle atraía naturalmente a atenção. Atraía, encantando. Tinha uma voz cheia, grave, um pouco velada. Se fazia gôsto vê-lo, não menor era o agrado em ouvi-lo.

Affonso Arinos tinha a paixão do patriotismo. Tendo vivido muito tempo nos sertões do Brasil, que conhecia palmo a palmo, guardava dessa época uma inesquecível recordação. De mais, preocupava-se muito com as coisas do seu País.

Habitando ùltimamente na Europa, êle parecia ter requintado essa preocupação.

Affonso Arinos sofreu muito a influência do peregrino e anárquico espírito de Eduardo Prado. Foi o próprio Arinos que o confessou, revelando, aliás, que em Eduardo Prado se inspirava Eça de Queiroz, ao traçar o tipo do Jacinto, da *Cidade e as Serras*.

Nem Eduardo Prado, nem Arinos, acabaram, porém como Jacinto. Êste foi ao comêço ávido das últimas descobertas da civilização, só podendo viver no centro de uma grande capital européia, com os requintes do luxo e do confôrto. Acabou, entretanto, preferindo a simplicidade da vida aldeã. Arinos e Prado inverteram essa ordem. Começaram na simplicidade dos campos, no interior dos nossos sertões e terminaram no luxo, no confôrto, no bem-estar de Paris.

E, diante disso, fica-se com o desejo de saber bem de que era feito o patriotismo dos dois... Era realmente "patriotismo" ou apenas uma atitude artística?

Eça de Queiroz, Afrânio Peixoto e vários outros já têm feito alusões a êsse estranho estado de espírito de alguns estetas, que acham muito bonita a conservação das velhas ruas tortuosas de antigas cidades mal calçadas, mal alinhadas, mal iluminadas, finos artistas que têm ironias mordazes para todos os requintes do Progresso e, no entanto, só se ajeitam bem, só sabem viver nos focos mais intensos da civilização moderna.

Arinos era assim. O Sertão do Brasil lhe parecia uma maravilha. Ninguém contasse com o seu apoio à menor transformação do aspecto das nossas velhas igrejas, de tudo quanto fôsse tradicional em nossa terra. Mas, pessoalmente, podendo viver aqui ou em Paris, preferia Paris... E', aliás, uma preferência fácil de compreender.

O que parece é que as pessoas nessas condições não se analisam bem a si mesmas. Isso as impede de sentir a contradição entre as suas vidas e suas opiniões. Para qualquer país mais valem os que nêle vivem, labutam, e se esforçam para fazê-lo progredir, embora declarando-o sempre a mais insuportável das nações do mundo, do que os patriotas ferventes que a declaram uma nação admirável, não permitem que se lhe interrogue a menor acusação, mas vivem longe, sem contribuir para o seu adiantamento.

Affonso Arinos era um temperamento fundamentalmente, integralmente artístico, dêsses para quem tudo o que há no mundo se divide apenas em coisas belas e coisas destituídas de beleza. O Verdadeiro e o Falso são categorias que não os interessam. Se pudessem, deixariam o povo mergulhado na ignorância, só para que êste conservasse tais e quais tradições antigas, que se lhes afiguram muito bonitas.

O livro de Arinos sôbre *Lendas e tradições do Brasil* é uma prova dêsse estado de espírito.

O autor dessa obra nunca figurou entre os cinzeladores meticulosos da forma. Se deixou numerosos trabalhos, que são belíssimos, foi porque tinha realmente o temperamento de um grande escritor. Via com olhos de um grande artista. Via bem. Dêle só se pode dizer como de si mesmo disse Théophilo Gautier, que era um homem para quem o mundo existia. Porque não faltam aquêles que passam por entre as cenas mais belas sem quase lhes prestar atenção. Arinos sabia descrever com intensidade prodigiosa de colorido. O que a sua pena evoca, aparece nitidamente diante de nossos olhos. Mas tudo é nêle um dom natural; não é o meticuloso trabalho de polimento e cinzeladura artística. Êle sempre foi um improvisador.

As *Lendas e Tradições do Brasil* não desmentem êsse modo de ver. Valem menos como um livro definitivo de que como a indicação de uma obra que deve ser tentada. Já depois da publicação dêsse volume Olavo Bilac fêz uma conferência sôbre o mesmo assunto. Mas a tarefa está ainda pedindo novos trabalhadores.

Quando alguém se decide a colecionar lendas, tradições, poesias populares, o que se chama *folclore*, precisa ver bem que programa quer executar.

A reunião, por assim dizer, grosseira, de todo o material que fôr encontrando é apenas a primeira parte do trabalho. Não é a melhor. O colecionador tem só dificuldades de ir de lugar em lugar colhêr nas boas fontes, bem fielmente, o que se pode apurar.

Mas o essencial está em fazer a seleção dessa colheita, buscando-lhe as origens e explicando-lhe a formação e a evolução.

Pensem, por exemplo, nas coleções de quadras populares. Em regra, os colecionadores procuram sobretudo as que lhe parecem mais bonitas, as que exprimem pensamentos elevados, embora sob uma forma singela.

Ora, não é isso que se deve buscar no folclore. Se um homem do povo ignorante exprimiu um pensamento muito elevado, muito acima da mentalidade dos que os cercam, êle deixou de ser *representativo*. E' uma exceção individualmente curiosa e interessante; mas que não traduz o espírito do povo que faz parte.

O estudo do *folk-lore* deve servir para a descoberta da psicologia coletiva. O interessante, em uma coleção de quadras populares, não é a estrofe rara, que revela um grande poeta, a quem falta apenas cultivo, no homem simples do povo que a compôs. O essencial é a quadra que se parece com muitas outras e que, por isso mesmo, na sua banalidade, revela um sentimento generalizado.

Os sentimentos que talvez mais se encontrem expressos nas quadras populares brasileiras são a saudade e o receio da traição amorosa, pelo esquecimento dos ausentes.

Trata-se, é certo, de velhos temas líricos muito explorados em tôdas as literaturas, mesmo as mais cultas. Mas na nossa literatura popular isso talvez ressalte mais do que em qualquer outra, porque é, sobretudo, à passagem dos grupos sertanejos em viagem que se faz em narrações, em que se entoam descantes. E como aquêles são os sentimentos naturais nos que se separam — saudade e mêdo do esquecimento — êles voltam com uma freqüência extraordinária.

Não há meio mais eficaz de chegar ao conhecimento da psicologia natural de qualquer povo do que o balanço de seu *folk-lore*.

Classificando o material do nosso, vários pesquisadores à frente dos quais o mais laborioso foi talvez Sílvio Romero, procuram indagar o que provinha da origem portuguêsa, africana e aborígene.

Affonso Arinos alude a isto e mostra como é, às vêzes, difícil remontar até à primeira aparição de uma lenda em qualquer povo, seguindo-lhe as transformações. Mas aí exatamente é que está o grande mérito da tarefa. Mérito científico e mérito patriótico. Quando alguém toma uma lenda, oriunda da nação que povoou um território, e vai acompanhando suas metamorfoses através do tempo, o estudo das causas dessas transformações permite conhecer em que direção está evoluindo o povo, quais os sentimentos que tinha e não tem mais e em compensação quais os que não tinha e tem agora.

O livro de Affonso Arinos é uma boa coleção de lendas e tradições brasileiras. Boa não porque seja muito abundante; mas porque a escolha foi muito feliz. Não há, porém, nenhum estudo sôbre essas lendas e tradições.

E' certo que, ao princípio, Arinos indica as classificações possíveis pela origem ou pelo assunto. Mas não se demora nisto.

Cita, ao começar, algumas lendas de origem portuguêsa, como, entre outras, a *Nau Catarineta*. E' a história de uma nau que, estando em viagem há 20 (vinte) anos, e um dia, acabara por esgotar todos os mantimentos. Os marujos pensaram primeiro em satisfazer-se com pedaços de sola; mas como isso fôsse impossível, decidiram tirar à sorte quem teria de ser assassinado e comido. A sorte designou o comandante. Felizmente, porém, um marinheiro avistou terra e pôde assim salvar a vida do seu "capitão-general". Êste, como recompensa, lhe deu a própria *Nau Catarineta*.

Arinos assevera que esta lenda ainda é cantada, dançada e até representada pelo povo em vários pontos do Brasil.

O que, porém, êle não nos diz é se a letra que reproduz se conservou, tal qual. Isto seria da mais alta inverossimilhança.

Faz vinte anos e um dia
Que andamos n'ondas do [mar,
Botando solas de môlho,
Ó tolina!
Pra de noite jantar
A sola era tão dura
Que a não pudemos rilhar.
Deitam sortes à ventura
Ó tolina!
A ver quem se há de matar!
Os dados rolam todos
Sôbre as ondas do mar
Logo foi cair a sorte
Ó tolina!
No capitão-general!
Capitão: — Sobe sobe, meu [gajeiro
Meu gajeirinho real,
Vê se vês terras de Espanha
Ó tolina!
Areias de Portugal...
Gajeiro: — Não vejo ter-[ras de Espanha,
Areias de Portugal...
Vejo sete espadas nuas
Ó tolina!
Tôdas para te matar!...

Basta ler êstes versos para notar que a linguagem é genuinamente portuguêsa. Portuguêsa de Portugal. Ninguém pode crer que, tratando-se de uma composição que já tem alguns séculos, transplantada para um país distante, nela não se hajam feito diversas alterações.

Sílvio Romero dá uma variante ouvida em Sergipe e outra no Rio Grande do Sul. Tôdas duas já são mais brasileiradas, sendo que a última tem um final da terra e que se chama Chiquito, e cai ao mar:

— Alvíçaras, meu capitão,
Alvíçaras, vos quero dar:
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal;
Também vejo três meninas
Debaixo de um laranjal.
— Tôdas três vos dera a ti:
Uma para vos lavar,
Outra para vos engomar,
A mais bonita de tôdas
Para contigo casar.

Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu ao mar.

O texto riograndense é mais humano que o primitivo português. Lá se diz que o resultado da sorte, recaindo no capitão, penalizou os marinheiros:

A maruja era tão boa,
Que o não queria matar.

De qualquer modo, porém, essa história é das que não tem nenhum fundo brasileiro. Pode ter durado pelo que há nela de dramático, mas não corresponde a nenhum sentimento nacional.

Evidentemente essas e outras lendas são do tempo em que o mar era um mistério tenebroso, do tempo em que os navegantes não sabendo orientar-se — o cálculo das longitudes foi durante inúmeros séculos um problema, que parecia insolúvel — era freqüente que os navios se perdessem, errasem à-toa pelos mares. A *Nau Catarineta* é parenta do Navio Fantasma.

Tudo isso não tem, portanto, raízes no Brasil. Fundo e forma — *nenhuma das lendas análogas a essa é nossa. Daí*, talvez, o fato de não se terem alterado muito, exatamente porque poucos as cantavam. Mas o curioso é notar em que direção se fizeram as raras alterações que ainda aparecem.

Por um lado e a compaixão, a que os marujos da lenda original pareciam inacessíveis. Por outro, é a repugnância à idéia de ter como prêmio *voltar para* as aventuras *no mar*.

O *gajeiro da história primitiva* era bem um *português* dos tempos dos descobrimentos. Como prêmio, pedia a *Nau Catarineta* para partir de nôvo, e de nôvo enfrentar os perigos do mar. O sentimento do sertanejo brasileiro teria isso mais como um castigo do que como um prêmio. E como há muito na nossa poesia popular a nota de tristeza fatalista, o transformador anônimo da lenda preferiu êsse sentimento, optando por um desfecho brusco:

"Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu ao mar".

Talvez fôsse possível mostrar uma evolução nessas lendas que rolam tôdas sôbre o mesmo fundo: naus perdidas em intérminas viagens.

O navio fantasma é a história de um holandês que, quando seu navio ia contornar o Cabo da Boa Esperança, que era então o Cabo das Tormentas, achou-se frente à frente com uma horrível tempestade. Era a advertência do gênio, que Camões encarnou depois no gigante Adamastor, e que não permitia a passagem por aquêle pôrto. O capitão, furioso, começou a praguejar, ameaçando céus e terra. Em vão, a marinhagem lhe explicava que voltasse. Em vão ela apelava para Deus, para a Virgem Maria, para os santos. Cada vez, o capitão se obstinava mais blasfemando contra tôdas as potências celestes. Foi então que Deus lhe apareceu. E o capitão, num movimento de revolta louca, sacou da pistola e quis atirar contra o Senhor. O que sucedeu foi que a bala retrocedeu miraculosamente e feriu a mão do ímpio. Deus o condenou então a ficar errando indefinidamente na superfície do mar e uma nuvem tomou a marinhagem e levou-a para a terra.

Mais tarde, êsse navio fantasma passou a ser, para uns

o purgatório, para outros o inferno. Lendas do Norte da Europa, nebulosas, misteriosas, complicadas com o elemento religioso.

Chegadas a Portugal, já elas se simplificam e clareiam. A *Nau Catarineta* andou no mar vinte anos e um dia, perdida, não por efeito de nenhuma maldição especial; mas porque era no tempo em que a perda de naus nada tinha de espantoso. Anna de Clèves, uma das espôsas de Henrique VIII da Inglaterra, levou 15 dias para atravessar o Passo-de-Calais, que hoje se atravessa em menos de uma hora.

E' certo que a lenda da *Nau Catarineta* exagera, falando em vinte anos: de uma nau perdida por tanto tempo não restaria de certo ninguém ao cabo dêste período.

Mas, como quer que seja, o que se vê é que a lenda dissipa, ao luminoso sol de Portugal, as brumas do Mar do Norte. Deixa de ser um episódio místico. E' uma das numerosas tragédias das navegações dessa época: o navio perde-se, as provisões esgotam-se, precisa-se matar alguns dos tripulantes para comê-los; a sorte designa o capitão, que felizmente escapa, graças à agudez de vista de um gajeiro que avista a terra.

Mas a lenda portuguêsa, sempre guarda um pouco de mistério ou, pelo menos, de indefinido: o gajeiro pede como prêmio a *Nau Catarineta* e vai de nôvo partir. A história acaba como acabam os folhetins... que não acabam.

Chegada, porém, ao Brasil, nós, por um lado, pomos aí uma nota nova: a da compaixão dos marinheiros pela sorte do capitão e, por outro lado, damos-lhe um fim. E' verdade que se trata de um desfecho triste: "Chiquito caiu ao mar". Mas ao menos tem o mérito de ser uma cousa que termina. E' posta de parte a idéia de uma nova partida. A história acaba, acabando. Em vez de reticências, ponto final. Não resta mais nem névoa. O sol dos trópicos dissipou-as tôdas.

E' possível que haja um pouco de fantasia nesta interpretação. Seja como fôr, o essencial, sempre que se tome uma lenda-antiga, de origem conhecida, é buscar e interpretar as suas alterações.

As lendas mais antigas do volume são das Amazonas e da Yara ou Mãe da Água. São lendas que vêm de uma antigüidade, várias vêzes milenar! Ou, se não procedem diretamente das que achamos em outros povos, se, como as dêles nasceram espontâneamente e independentemente em vários lugares, provam pelo menos que obedecem a uma necessidade psicológica, idêntica em várias raças e vários tempos.

Foi Orelana que declarou ter visto as nossas Amazonas — tribo guerreira, que bania do seu meio os homens.

Arinos manifesta uma clara tendência para achar que o fato deve ter sido real. Citando, porém, vários autores, alguns dos quais não se prendem muito ao assunto, esquece um, cujo testemunho tem valor. Pero de Magalhães, que escreveu o *Tratado da Terra do Brasil* e o publicou em 1576, é um escritor simples e verídico.

Escrevendo, aliás, da Bahia, há no seu *Tratado*, êstes trechos:

"Algumas índias se acham nestas partes, que juram e prometem castidade e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade e nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fôssem mulheres e cortam seus cabelos da mesma maneira que os machos trazem; vão à guerra com seu arco e flexas e à caça; enfim, que andam sempre na companhia dos homens e cada uma tem mulher que a serve e que lhe fazem de comer como se fôssem casados". Como se vê por essa citação de um autor digno de crédito, a instituição de guerreira era, talvez, entre nós mais geral do que se supõe. No caso, porém, citado por Pero de Magalhães, antes se trata de corpos militares de mulheres, do que de uma tribo especial. Nesta última não se pode pensar sem que se evoque as várias tribos de Amazonas, mais ou menos lendárias, de que há vestígio nas tradições de diversos povos.

As mais antigas são as Amazonas africanas, cuja rainha Mirina subjugou as Atlântidas, os Númidas e os Etíopes. Foi necessária a intervenção de Hércules para exterminá-las.

Por ordem de antigüidade, vêm depois as Amazonas da Ásia, que foram vencidas no cêrco de Tróia, quando Aquiles matou Pentesiléa.

E, como parece cada parte do mundo deve ter as suas Amazonas, as americanas, que Orelana diz ter visto, vieram preencher uma lacuna.

Ter-se-á realmente constituído alguma tribo exclusivamente feminina entre os nossos índios? E' difícil saber a verdade.

Das Amazonas asiáticas a tradição conta a origem e essa origem é aceitável. Os povos vizinhos dos territórios habitados pela raça sarmaca atacaram-na e exterminaram-lhe os homens. Vendo-se sós, as mulheres juraram vingança e constituíram-se em uma sociedade exclusivamente feminina. Assim, o fato não foi uma aberração inexplicável; proveito de uma fatalidade histórica.

Qualquer que seja, no entanto, a veracidade de tôdas essas tradições, o que se vê, quando se estabelece a comparação entre elas e a nossa, é que nós, pomos logo na nossa uma nota de carinho, de amor, de sensualidade.

De fato, o que havia de mais interessante na vida das Amazonas brasileiras era o casamento anual que elas efetuavam. Arinos narra êsse costume.

Em certa época, os homens de uma tribo vizinha vinham ver as Amazonas. Em uma embarcação traziam as rêdes de todos. Ao chegarem, as Amazonas precipitavam-se, cada uma tirava uma das rêdes e ia armá-la. Cada índio ia então ver onde estava a sua rêde e a Amazonas que a tivesse armado era a sua espôsa de um dia, designada pela sorte.

Só um dia. No imediato, todos partiam de nôvo. Nas tradições das Amazonas asiáticas há alguns episódios amorosos. São raros e excepcionais. Em regra, os guerreiros que as combatiam é que se apaixonavam. Quando Aquiles viu Pentesiléa morta, não consentiu que Thersito zombasse dela; matou-o, irritado. Uma fantasia de poeta foi que levou Catule Mendes a dizer, falando da rainha das Amazonas:

"Elle ne savait pas qu'avant la fin du jour, mourant, elle mordrait la sanglante poussière, en jetant au vainqueur, beau comme une guerriére, un regard moins chargé de haine que d'amour!"

O que predomina nas narrações sôbre as Amazonas dos outros continentes, são os feitos de bravura e ferocidade, de ódio e de vingança. As nossas não deixaram uma história muito longa. Não se sabe como se constituíram; não legaram a lembrança de proezas muito ferozes; mas sabe-se seu rito essencial do amor...

Não seria talvez impossível, fazendo essa mesma análise para tôdas as lendas européias importadas para o nosso País e nêle transformados, mostrar sempre o adoçamento dos traços de ferocidade, a substituição dos sentimentos violentos por outros mais brandos, mais meigos.

E quem sabe se essa não é uma regra geral, mesmo em outros domínios?

Já se notou que, vindo dos climas mais frios para os mais quentes, mesmo dentro de qualquer país, as línguas se abrandam, a pronúncia se torna mais lenta. Os sentimentos seguirão talvez a mesma marcha.

Seria curioso fazer êsse exame sôbre a evolução psicológica das lendas e tradições que importamos. Curioso e patriótico, porque isso forneceria um dos recursos para se penetrar a psicologia do nosso povo.

Arinos não teve essa ambição. Êle quis, em meia-dúzia de conferências, dar apenas uma amostra da variedade do nosso *folk-lore*. O essencial para o seu fim era despertar a curiosidade sôbre um assunto pouco explorado. Ainda assim, êle se referiu a muitas lendas interessantíssimas: as Amazonas e o seu Rio, as Yaras, S. Francisco e suas lendas, a Serra das Esmeraldas, as Minas de Prata, o Caboclo d'Água e várias outras.

Deixou um livro leve e encantador. Alguém o devia tomar como base a fim de fazer o estudo para que êle fornecesse apenas uma parte do material.

AFFONSO ARINOS

Waltensir Dutra e Fausto Cunha

Em tôda a bibliografia sôbre Affonso Arinos de Melo Franco talvez só haja duas vozes menos efusivas: Eduardo Frieiro e Lúcia Miguel Pereira. O primeiro, discutindo o regionalismo de Arinos; a segunda, achando "algum tanto exagerado o seu prestígio". As restrições que Lúcia Miguel Pereira opõe à obra ariniana são de quantidade e de autenticidade: uma dezena de contos como suporte do título de regionalista, o artificialismo da linguagem castiça dos caboclos, inadequação entre o narrador e os personagens, ambientes acima dos protagonistas. Frieiro vai um pouco mais longe: "Exagerou-se enormemente a tese, muitíssimo contestável, de que o ambiente do sertão é mais típico e representativo que o das cidades" (...). "Nossos escritores regionalistas padecem todos de uma mesma fraqueza: só recolhem os sinais exteriores do que vêem e observam; o único elemento com que compõem é o pitoresco, o decorativo; dão-nos apenas o contôrno das coisas, sem penetrar-lhes a essência. Incapazes da verdadeira comunicação com a realidade humana, estilizam o sertanejo, o caipira, o matuto, o capiau, o jagunço, pintando-os variàvelmente fortes, honrados, bravos e varonis. Fabricou-se dêste modo o sucedâneo poético do bom selvagem de Rousseau, romantizado pelos nossos indianistas". Isso foi escrito a respeito de Arinos que, para Eduardo Frieiro, é sobretudo, o prosador do "Buriti perdido". Também o nosso primeiro estudioso do contista de Pelo Sertão *não se iludia sôbre o regionalismo ariniano: atribuiu-lhe Tristão de Ataíde um regionalismo universal (vide "Introdução") o que é uma forma de não ser regionalista. Diante de um Waldomiro Silveira, por exemplo ou, mais recentemente, de um Simões Lopes Neto, o regionalismo de Arinos é insustentável.*

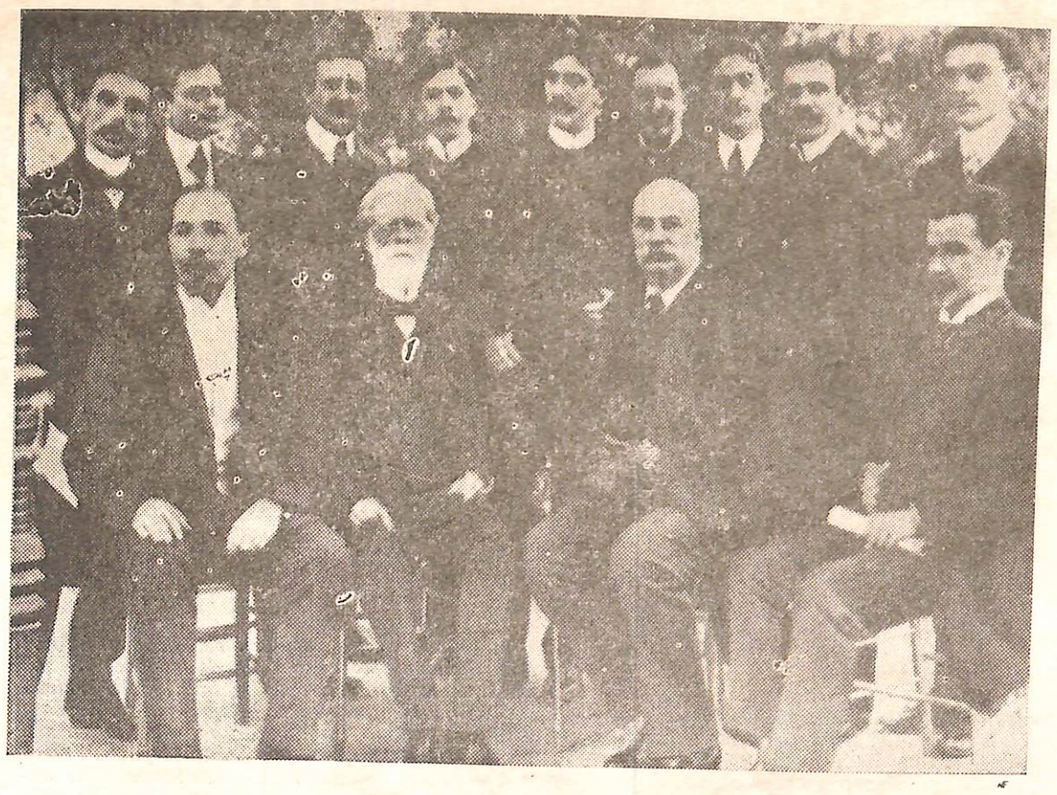
Mas a negação dêsse título não é a negação de sua obra. Quer do ponto de vista histórico, quer do ponto de vista estilístico, Affonso Arinos é o primeiro grande prosador mineiro e Pelo Sertão a primeira obra-mestra em prosa de Minas para o Brasil. Seu antecessor Bernardo Guimarães não pode ombrear com êle estèticamente; demais de tudo, sòmente vinte anos depois surgiram em Minas Gerais prosadores da estirpe de Arinos, e isto já em pleno Modernismo, com a única exceção do Godofredo Rangel da Vida Ociosa. *Parece fora de discussão que de fato e de direito lhe cabe o título, aliás desnecessário, de introdutor do regionalismo no conto brasileiro, pois a obra capital dessa inovação foi* Pelo Sertão, *em 1898; e não a Waldomiro, com produções avulsas a partir de 1891. Dizemos no conto e não no romance, porque neste houve manifestações regionalistas do tipo da de Arinos, conquanto sem algumas das qualidades por assim dizer carismáticas do criador de "Pedro Barqueiro". Não nos referimos a* D. Guidinha do Poço, *pois embora seu autor, Manuel de Oliveira Paiva, tivesse morrido dois anos antes do famoso concurso a que foi enviado "A Esteireira", a edição só foi feita mais de cinqüenta anos depois. Aconteceu com êle o mesmo que com Waldomiro Silveira, publicado em livro quando o regionalismo se tornara pacífico em nossas letras.*

Não é na extensão nem na significação temporal da obra de Affonso Arinos que se deve situar seu merecimento: é na qualidade. Com a qualidade literária de Pelo Sertão *(e de alguns trabalhos dados a lume pòstumamente) só se encontram, no seu tempo, alguns livros de Machado e* O Ateneu. *O estilo de Arinos, puro e enxuto, de um vigor incomum, resiste às mais modernas e exigentes análises. Não foi um escritor como o era Machado de Assis, não possuía o talento criador de um Aluízio Azevedo. Tinha, em compensação, o domínio da língua, a ciência da medida verbal. Colorista, seu temperamento não lhe permitia colocar o ambiente em têrmos de drama, como Raul Brandão. Paisagista, o esteta não integrava a criação na paisagem, como Grazia Deledda. Em nenhum momento êle esquecia o homem fino e europeu que era, convivia com seus personagens sem lhes descer ao nível. Nada impediu que, por sôbre êsse fôsso entre o criador e a criação, se construísse uma das obras mais sólidas e uma das reputações mais justas de nosso literatura.*

(De Biografia crítica das letras mineiras, *p. 69 a 73).*

Fundo APMGMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cád. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu



Visita de estudantes de São Paulo ao Barão do Rio Branco, no Itamarati. — Da esquerda (sentados): Affonso Arinos, Barão Homem de Mello, Rio Branco e Gastão da Cunha. Em pé (na mesma ordem): Euclides da Cunha, Araújo Jorge, Graça Aranha, ?, Cesar Vergueiro, Pecegueiro do Amaral, Gaspar Líbero e mais dois estudantes.

AFFONSO ARINOS E OUTROS INTELECTUAIS MONARQUISTAS

Brito BROCA

Não poderíamos deixar de assinalar aqui a atividade dos escritores monarquistas em prol da idéia a que se mantinham fiéis. No começo do século, Eduardo Prado, que iria falecer prematuramente em 1901, continuava sua campanha política n'*O Comércio de São Paulo,* ao lado de Affonso Arinos, que ocuparia provisòriamente a direção da fôlha, de fevereiro de 1902 a julho de 1903. Data de pouco antes da morte do autor dos *Fastos da Ditadura Militar no Brasil* sua famosa polêmica com o cientista e escritor Pereira Barreto, adepto apaixonado do positivismo. Escrevera êste um artigo n'*O Estado de São Paulo* apontando o catolicismo e a intolerância fradesca como motivo do atraso do Brasil, e, de maneira geral, da decadência dos povos latinos. Refutado pelo abade de São Bento, travara-se a discussão entre ambos, quando nela entrou Eduardo Prado, fazendo uma série de acusações a Pereira Barreto, de cuja ciência zombava. Pereira Barreto, por sua vez, acusa Prado de fradesco e de estar desviando "jesuiticamente" a discussão. No fundo, o motivo da polêmica não eram senão as convicções republicanas do primeiro e o monarquismo arraigado do segundo.

Teria sido mais ou menos nessa ocasião a visita de Eduardo Prado a José do Patrocínio, que lhe mostrara apenas com um desenho a giz no soalho o balão que sonhava levar aos ares. A "Monarquia é o meu balão" respondera o autor da *Ilusão Americana,* cuja esperança no restabelecimento do regime monárquico devia permanecer bem viva.

Essa esperança subsistia também em Affonso Arinos, que numa carta de 1906 a Martin Francisco Ribeiro de Andrada, seu antigo colega de Faculdade, demonstrava acreditar firmemente na Restauração brasileira. Nessa missiva, enviada de Paris a 26 de janeiro, depois de aludir à atividade dos monarquistas franceses, que possuíam oitenta representantes nas duas Câmaras, escrevia: "Por que razão os monarquistas daí não deixam de parte o platonismo e entram em ação pacífica como a campanha eleitoral, ou violenta, quando fôr oportuno? A abstenção é a morte, principalmente a abstenção sistemática; é a negação da política. Francamente, se os monarquistas não podem ao menos disputar cadeiras de deputados e vereadores, é muito melhor deixarmos de veleidades monárquicas e tratarmos de outra cousa. Sim, porque a continuarmos a viver nessa majestosa pasmaceira, não seremos outra cousa mais do que aquêle grupo obsoleto de sebastianistas do *Burro do Senhor Alcaide*".

Desde o fim do século passado, quando profundamente desgostoso com o empastelamento do *O Comércio de São Paulo,* em conseqüência da rebelião de Canudos, Arinos deixara de fazer campanha política pela imprensa; vivia então quase sempre na Europa, em contacto com elementos da Família Imperial, sobretudo com o Príncipe D. Luís, que freqüentemente o visitava em Paris (1); a fase que dirigiu *O Comércio,* entre 1902 e 1903, constitui exceção.

Ligado a Eduardo Prado, sôbre o qual escreveu um livro de polêmica, e monarquista mais por espírito de revolta e inconformismo, como já sugeriu Alberto da Costa e Silva, foi o poeta simbolista Padre José Severiano de Resende, que, pelo seu temperamento romântico, ardorosamente combativo, teve uma vida bastante agitada. Vindo de Minas para São Paulo com o intuito de estudar Direito, teve de abandonar a Faculdade por haver assumido a defesa do Prof. Conselheiro Justino de Andrade, quando êste, devido às suas convicções monárquicas, foi jubilado. A atitude de Severiano de Resende incompatibilizou-o com os lentes e colegas que haviam impôsto a Benjamim Constant essa jubilação. Transferindo-se para Ouro Prêto, e desistindo afinal de ser bacharel, recolhe-se ao Seminário de Mariana, ordenando-se em 1897. Depois de uma viagem à Europa, deixaria a batina, fixando mais tarde residência em Paris, sempre fiel a seu credo político que, em 1907 pelo menos, defendia no *Jornal do Comércio*.

Outro poeta simbolista que formou nas hostes restauradoras: Edgar Mata, falecido prematuramente em conseqüência de uma irremediável dipsomania. Era filho do Conselheiro Mata Machado, político liberal de grande projeção em Minas, que por um dia deixou de ser Visconde de Diamantina e foi, depois, tenazmente perseguido por Floriano, quando presidente da primeira Câmara de Deputados da República. Essas circunstâncias sentimentais teriam concorrido para que Edgar Mata aderisse à Monarquia em 1902, na época em que trabalhou na redação d'*O Comércio de São Paulo,* assinando sua colaboração em prosa (*exclusivamente literária, ao que se saiba*) com o pseudônimo de Mário Corvo.

No mesmo jornal, quando estudante em São Paulo, trabalhou Arduíno Bolivar, que depois se tornaria grande humanista, poetando em várias línguas com a mesma desenvoltura com que traduzia e vertia, sempre se ocultando numa inalterável modéstia. Distinguido pela amizade de Eduardo Prado, participou com êste das convicções monárquicas que conservou até os últimos dias de vida, embora sem ter tido ação militante.

Martim Francisco, amigo fraternal de Affonso Arinos, era também muito ligado ao Príncipe D. Luís, com quem manteve larga correspondência. Foi um dos mais entusiásticos e metódicos pregadores da Restauração. De suas qualidades de humorista, tão apreciadas até hoje, nos livros *Rindo, Falando, Viajando* etc., sempre se valeu, em constantes escaramuças contra a República, fôsse na imprensa ou na tribuna parlamentar, da cadeira de deputado que ocupou de 1912 a 14. Desfrutando de grande prestígio intelectual junto a Monteiro Lobato, seu sincero admirador, chegou a influir na *Revista do Brasil,* onde, em dezembro de 1918, além de exaltado editorial dedicado a D. Pedro II, publicou-se, sem maior razão de ser, o retrato de D. Luís e de sua espôsa, a Princesa Maria Pia. O número de fevereiro de 1919, em nota cheia de entusiasmo que não pode provir senão da pena de Martim Francisco, anuncia a futura colaboração do Príncipe, coisa que aliás não chegou a se dar, devido à morte do neto do Imperador alguns meses depois.

Escrevendo com a maior assiduidade nos jornais do Rio e de São Paulo, Carlos de Laet foi outro renitente defensor da Monarquia, envolvendo-se em várias polêmicas, em que descambava não raro para o terreno pessoal, com tôda sorte de diatribes e chacotas venenosas. Constâncio Alves foi um dos seus freqüentes antagonistas, e de como sabia apará-lhe os golpes e revidá-los com elegância e finura, podemos verificar na polêmica travada *entre ambos em julho de 1901 — Laet no Correio da Manhã, Constâncio no Jornal do Comércio* — a propósito da discussão que o primeiro vinha mantendo com o republicano histórico Antônio Felício dos Santos, recentemente convertido ao catolicismo.

Ao lado de Laet, Afonso Celso também lutou pela Monarquia na imprensa. Destino político bem curioso o dêsse escritor que, republicano no Império, quando deputado, tornou-se, após o 15 de Novembro, monarquista. Deixou copiosa colaboração política nos jornais. Passava, no entanto, aos olhos de muita gente, como o protótipo daquilo que León Daudet chamava de *salonnard,* isto é, o monarquista de salão. Fato até certo ponto paradoxal, o de ter êsse homem, descontente com o regime, escrito o livro que melhor exprimiu a euforia do começo do século, *Porque me ufano do meu País,* publicado em 1901. Livro, cuja contrapartida seria a visão pessimista de *Os Sertões,* do republicano Euclides da Cunha.

Oliveira Lima, que se achava em Lisboa exercendo função diplomática, em 15 de novembro, continuou na "carreira" como o Barão do Rio Branco, embora nutrindo idéias monárquicas. Na sua obra notável, *D. João VI no Brasil,* procurou reabilitar a figura do Príncipe Regente, verdadeiro fundador do Império, até então retratado sob um aspecto ridículo e grotesco pelos historiadores jacobinos. Por volta de 1912, estêve indicado para chefiar a embaixada do Brasil em Londres. Mas nessa ocasião concedeu a *O Imparcial* uma entrevista em que muita gente viu uma profissão de fé monárquica. A idéia da Restauração ainda pairava no ar. Pinheiro Machado, o poderoso da época, que se considerava o defensor da República, manobrando a bel-prazer o Senado, exigiu uma retratação de Oliveira Lima para que a sua indicação pudesse ser aprovada. O historiador negou-se a fazê-la, e com isso perdeu o cobiçado pôsto na Inglaterra. Suas simpatias pelo antigo regime, levariam D. Luís a tentar atraí-lo para a ação militante, como procurava fazer com vários intelectuais. Euclides da Cunha, por exemplo, dirigindo-se a Francisco Escobar, *a 10 de abril de 1908,* alude a uma carta que recebera de D. Luís e na qual devia haver algum propósito indireto de aproximação política, a julgar pelo seguinte trecho: "(...) Um contraste: depois de responder a tua carta, irei responder outra — do Príncipe D. Luís de Bragança!... Recebi-a há dias. Tem oito páginas maciças, escritas num português impecável e surpreendente. Não preciso dizer-te que ela não me fere a integridade republicana. D. Luís é sobretudo um escritor. Escreveu ao adversário político — êle mesmo o observa — obedecendo apenas às afinidades do temperamento. De qualquer modo, é um compatriota que estuda as nossas coisas e que ama o Brasil. E como, ao mesmo tempo, parece-me ter lucidez bastante para compreender que a missão de sua dinastia está completamente acabada, irei responder-lhe desafogadamente. Adeus. Abraço-te".

Na verdade, quase todos os escritores monarquistas (com exceção talvez de Eduardo Prado, Affonso Arinos, Martim Francisco e, numa posição mais fechadamente conservadora, Carlos de Laet, que tinham formação doutrinária), foram mais ou menos sentimentais. Sob êsse aspecto, podemos até aproximá-los de Lima Barreto, que apesar do seu não conformismo visceral, traduzido principalmente em tendências maximalistas, nunca deixou de encarar com ternura a Família Imperial, de que havia sido devotado servidor seu pai. O afilhado do Visconde de Ouro Prêto, que trataria tão rudemente Floriano no *Triste Fim de Policarpo Quaresma,* havia de referir-se sempre ao velho monarca, à Princesa Isabel e ao Conde d'Eu em termos respeitosos, nos quais podemos ver ainda reflexos do clima psicológico do paternalismo imperial.

——XX——

(1) Rodrigo M. F. de Andrade, que, entre *1911* e 14 fazia o liceu na Europa, recorda-se ter visto inúmeras vêzes na casa de seu tio em Paris o Príncipe e Affonso Arinos em animada palestra sôbre a política brasileira e a possibilidade da restauração monárquica.

(De *A Vida Literária no Brasil* — 1900, p. 76 a 81)

MINAS GERAIS
suplemento literário

Comissão de Redação:
Ayres da Matta Machado Filho
Murilo Rubião
Laís Corrêa de Araújo
Secretário:
Murilo Rubião

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 4 DE MAIO DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III N.º 88 — Preço NCr$ 3,00

«... fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas».

AFFONSO ARINOS:

CENTENÁRIO

(II)

Número organizado por Laís Corrêa de Araújo

À MARGEM DO BURITI PERDIDO

Ayres da Matta Machado FILHO

Para a análise de Buriti Perdido, a conhecida página de Affonso Arinos, êste é o lugar privilegiado. (1) À simples invocação do nome de Ouro Prêto, despertam as sugestões de arte e poesia, enquanto o aconchego da cidade matriz destas Gerais, vista e sentida de alma aberta e coração vibrante, põe-se misteriosamente a funcionar. Como se não bastasse, aqui escreveu Arinos os contos de *Pelo Sertão* e, muito provàvelmente, "O Buriti Perdido" que faz parte dêste volume de estréia, a obra-prima do prosador mineiro. Mais: êste é o grêmio literário Tristão de Ataíde, o biógrafo e crítico do autor de Buriti Perdido.

Precisamente com essa antonomásia, designa uma vez Mário Matos a Affonso Arinos, alçando a essas alturas entre tantas outras de livros primorosos, a página que Bilac adjetivou de "encantadora" e Carlos Góis quis ler, na Academia Mineira de Letras, na homenagem ao escritor, realizada logo depois da sua morte, pelas agremiações literárias de Belo Horizonte.

Em tôrno dela, vão girar as nossas palavras de hoje. Quem nos dera adentrar-nos até o âmago de sua expressividade em busca da intenção que moveu o artista seu autor. Com isso, exemplificaríamos o penetrante da interpretação de índole estilística. Eis o nosso texto:

"VELHA palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de majestade e de tristetura não exprimes, venerável epônimo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencório, onde tremeluzem às vêzes as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céu as palmas têsas, — velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tu me apareces como o poema vivo de uma raça quase extinta, como a canção dolorosa dos sofrimentos das tribos, como o hino glorioso de seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além!

Por que ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cego da Ilíada comovem mais do que tu, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!

Atalaia grandioso dos campos e das matas — junto de ti pasce tranqüilo o touro selvagem e as potrancas ligeiras, que não conhecem o jugo do homem.

São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagoas longínquas em demanda de outras mais quietas e solitárias, e que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, quêda e majestosa como a de um velho guerreiro petrificado.

As varas de queixadas bravios atravessam o campo e, ao passarem junto de ti, talvez por causa do ladrido do vento em tuas palmas, redemoinham e rangem os dentes furiosamente, como o rufar de tambores de guerra.

O corcel lubuno, pastor da tropilha, à sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça pa-

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ra arrojar fora da testa a crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, nitre com fôrça apelidando a favorita da manada, que morde o capim mimoso da margem da lagoa.

Junto de ti, à noite, quando os outros animais dormem, passa o canguçu em montaria; quando volta, a carne da preia lhe ensangüenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passassem junto de ti, há dois séculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupi, escravo dos de Piratininga, parou então extático diante da velha palmeira e relembrou os tempos de sua independência, quando as tribos nômadas vagavam livres por esta terra.

Poeta dos desertos, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evoé!

Gerações e gerações passarão ainda, antes que seque êsse tronco pardo e escamoso.

A terra que te circunda e os campos adjacentes tomaram teu nome, ó epônimo, e o conservarão!

Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de soco, velho Buriti Perdido. Então, como os hoplitas atenienses cativos em Siracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores à narração das próprias desgraças nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comprando teu direito a vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem comunicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primevas, uma alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, uma página sempre aberta de um poema que não foi escrito, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra".

***

É preciso explicar em que profundo sentido era Affonso Arinos insuperável paisagista brasileiro. Foi o que alcançou Tristão de Ataíde, talvez considerando o próprio escrito de que ora cuidamos. "Não se limitava ao espetáculo das coisas: comprazia-se com o calor da imaginação, provocada, por êste espetáculo no nôvo mundo interior que daí nascia" — sintetiza o nosso grande crítico, que prossegue: "Era a realidade que o interessava, era a consideração do mundo interior que o prendia, era o sonho que continha no âmago dessa verossimilhança. Foi por isso, além de animador de tipos reais, e de diálogos flagrantes de verdade, um descritivo, um apaixonado da natureza, sem tentar a descrição pela descrição, mas descobrindo a relação da natureza à alma, não para escravizar aquela a esta, como pretendeu o simbolismo, mas para fundir as duas num só todo em que a dependência era recíproca: a natureza impressionando a alma, que, por sua vez, a transfigurava".

Praticava, para usarmos outras expressões do crítico citado, o "verismo realista". Mas, como a condição de "visual", que o predispunha à sutil arte de contemplar, se completava, com os vôos do "visionário", pôde expressar-se cabalmente no Buriti Perdido.

Para lhe quadrar a classificação de "poema em prosa" deveras adequada, falta ressaltar a componente lírica. Vislumbrou-a outro poeta, Augusto de Lima, quando escreveu, em artigo publicado na *Revista do Brasil* de março de 1916: "Affonso Arinos... ia contemplar, no chapadão longínquo, triste sentinela do deserto brasileiro, o buriti perdido, de pé, imagem da resistência orgânica às intempéries mortíferas, imagem também do caráter perseverante e vivaz do peregrino evocador do deserto".

"Hino em prosa", chamou o próprio Arinos ao seu escrito, quando pela primeira vez o estampou em *O Comércio* de São Paulo.

O gênero costuma dissociar da criação os sentimentos do autor: no caso o entranhado amor à terra natal, desfeito em louvores e evocações. Mas, no espírito em que ação e contemplação se expressam em arte, o hino reveste a forma da paisagem. É a mesma presença do homem no próprio sentimento profético do autor, não pode faltar. É certo que a prosopopéia planta no centro do quadro, personificada, "a velha palmeira solitária". No silêncio essencial de "poema vivo", assiste ao perpassar de corcéis lubunos com a sua tropilha; de touros selvagens e potrancas ligeiras; de patos pretos que arribam ariscos; de queixadas bravios, sem falar no canguçu em montaria. E desfila também o homem na evocação do passado histórico, como no sonhado triunfo da cidade que se dissemina, em derredor do vegetal ancião. No estro de verdadeiro vate, vibra o lirismo do inimitável paisagista.

A riqueza de sua individualidade artística transparece nas imagens e no vocabulário. Corresponde a clara atitude.

O autor sabe aliar o helenismo das encantadoras viagens bibliográficas com o regionalismo praticante do costumado a varejar sertões.

Por isso, dentro da harmonia, estética, pode magnificar o buriti, na metáfora de herói epônimo, venerado como a deuses, e que dá e deu o nome, como de fato atesta a toponímia nacional.

Canguçus em montaria ombreiam com hoplitas atenienses, os infantes equipados com armas de tôda a sorte. Fala-se em tupis e também em versos de Eurípedes. Até a preferência da forma "nômada", moldada no acusativo grego, a "nômade", sinal da mediação latina, bem como o emprêgo da helenizante interjeição "evoé" são mostras de cultura clássica, que em tudo se harmoniza com o timbre regional da página. Como? Eis o segrêdo que distingue a peregrina arte, sutil e matizada, de começo, na primeira invocação, esta passagem: "Velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de majestade e de tristura não exprimes, venerável epônimo dos campos!" O que em vez de quanto assenta à marcada atmosfera qualitativa do enunciado. E de, com valor partitivo, entra com a cabível cota de objetividade, acrescentando à expressão valor quantitativo atenuador.

Nem percamos a oportunidade de sublinhar a graça do arcaísmo tristura, cujo efeito estilístico, além do mais, serve para comprovar o caráter acrônico da língua literária ao qual se refere Bally. Uso de arcaísmo e de neologismo, como de tôda palavra, afinal, vai do bom gôsto, da intuição artística do escritor.

Essa intuição precisamente mostra o nosso autor, quando ao dar ênfase ao verde da campina, "de um verde esmaiado e merencório", evitou discretamente o desagradável encontro que haveria em "de um verde desmaiado e merencório". Ainda por cima, frisou melhor a melancolia do verde que se esmaia na distância, empregando a palavra menos gasta com o gume da expressividade ainda incisivo.

O verbo tremeluzir é de criação literária, Cândido de Figueiredo o atribui a Filinto Elísio.

A invocação que, como as outras, permite bem diferençar o vocativo do apôsto, acaba com esta metáfora: "Velho guerreiro petrificado em meio da peleja". É a realidade poética para a qual ascende a estesia do leitor. Difere da outra passagem: "E que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, quêda e majestosa, como a de um velho guerreiro petrificado". Aqui, o nexo, o conectivo *como*, próprio da comparação, apresenta lado a lado as duas realidades em cotejo.

Variou-se o processo, acrescentando-se ainda o adjetivo velho, mas vale acentuar que a metáfora é própria da linguagem poética, enquanto a comparação serve à expressão prosística.

Na palmeira solitária que ergue aos céus as palmas têsas, ao centro da campina verde, no mais simples gesto de súplica, vê o autor "o poema vivo de uma raça quase extinta". De fato, na essencialidade do canto mudo tem-se a máxima concisão expressional, sonho de poetas verdadeiros. Para que palavras, êsses meios pesados de que é forçoso lançar mão? Muito mais fracas que a visão inspirativa, falando e cantando só para si, hão de reiterar-se, em busca da esquiva expressão, em amplificações cumulativas: "tu me apareces como o poema vivo de uma raça quase extinta, como a canção dolorosa dos sofrimentos das tribos, como o hino glorioso de seus feitos, a narração comovida das pugnas contra os homens de além".

Ao cabo, a singularidade da presença feita *isolamento, arrebenta na angústia da interrogação: "Por que ficaste de pé, quando os teus coevos já tombaram?"* Daí o tom menor do parágrafo subseqüente.

Vê-se, através das comparações. Alude-se aos rapsodistas antigos, andejos, recitadores e cantores de poemas próprios e alheios, como à "lenda do cantor cego da Ilíada". Trata-se, evidentemente, de Homero. Novamente, o autor paga tributo à cultura grega. Com base na etimologia, pois Homero quer dizer o que não vê, o poeta é apresentado como um mendigo cego, um aedo a cantar de cidade em cidade.

O texto de que nos servimos, o da segunda edição, traz "atalaia grandioso" no masculino. A consulta à Grande Enciclopédia Portuguêsa e Brasileira esclarece o ponto. No feminino, atalaia é ou era "torre levantada em ponto alto, donde se vigiava".

"Podeis mandar sair vossos esculcas de sua atalaia", exemplifica o Herculano das *Lendas e Narrativas*. "Lugar eminente donde se observa e vigia" — é ampliação do sentido anterior. Atalaia, no masculino, é aquêle que vigia, esculca, sentinela diurno. Essa a acepção empregada no *Buriti Perdido*. Temos ainda a locução de atalaia, à espreita, e devemos lembrar a distinção recomendada nas ordenações filipinas, entre atalaia que vigiava durante o dia, e esculca, guarda para de noite.

Sem sair da esfera gramatical, notarei a concordância efetuada com o elemento mais próximo ao verbo de um sujeito composto, proposto. É o verbo pascer (pastar, apascentar), no presente do indicativo: "junto de ti pasce tranqüilo o touro selvagem e as potrancas ligeiras". Hoje, com uniformizador descaso dos recursos vernáculos vai-se preferindo, ai de nós, a concordância meramente gramatical. Mas isso, afinal, é o menos.

"São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagoas longínquas em demanda de outras mais quietas e solitárias".

Ouvem ou não ouvem, neste passo, apressado ruflar de asas? Eis um caso de harmonia imitativa.

O mesmo recurso de estilo aplica-se adiante, quando as varas de queixadas bravios "redemoinham e rangem os dentes furiosamente, como o rufar de tambores de guerra". Demais, a metáfora comum de "o ladrido do vento" ganha um sentido nôvo, quando a vemos causadora dessa fuga dos queixadas, que se sentem acuados.

Só o conhecedor da natureza, que desce a minúcias de observação sôbre os hábitos dos bichos e as particularidades das árvores, poderia mostrar-nos a vaidade do "corsel lubano, a sacudir a crina do topete" e que depois "relincha e nitre com fôrça (veja-se a cambiante semântica a exiremar os dois verbos), apelidando a favorita da tropilha", assim mesmo com esta lábia de clássico, com o verbo do velho Diogo do Couto e do bom Diogo de Paiva.

O nosso autor escreve "corsel" (com s), como postulam um latim *cursarium* lembrado por Lubke e o hipotético *corseriu*, de curso, pois corsel era o cavalo de corrida, ainda o italiano *corsieri*, de corso, e o francês *coursier*, de *cours*. Era a grafia preconizada pelo saudoso Otoniel Mota, ao arrepio do ensinamento de Gonçalves Viana, que inculca a escrita com c — corcel — idênticamente ao espanhol já agora oficial.

Lobuno é o pêlo de cavalo (ou mesmo de gado vacum) escuro, tirando a acinzentado, côr de lôbo. Arinos prefere a forma reconstituída alatinada lubuno, outra mostra de seu rigor clássico, enquanto Coelho Neto, emprega libuno, em *Trevas*.

Tudo isso são variedades de uma coloração pouco firme, talvez a famigerada "côr de burro fugido".

À montaria do canguçu, caça dos montes, associa-se a altaneria ou altanaria caçada com aves de rapina ensinadas, como o falcão.

Muito para notar a feliz adjetivação do andar da fera, quando regressa já farta: "quando volta, a carne da preia lhe ensangüenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante".

Valeria a pena anotar aquêle "e o conservarão"? Documenta o declínio da mesóclise. Vai-se manifestando a olhos vistos. Com pouca dúvida, poder-se-á escrever um estudo cuja epígrafe será "os últimos dias da mesóclise". É assim a língua.

Mais altas futurações tocaram ao nosso vate. Vejam-se as palavras que lhe dirigiu Bilac, ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras, pensando visivelmente no Buriti Perdido: "Um poeta amigo das árvores, como todos os poetas, disse um dia que, quando encostava o ouvido ao grosso córtex de um tronco da mata ouvia lá dentro as loas harmoniosas da seiva, na sua circulação criadora e triunfal. Eu também — prossegue — quando folheio o volume em que celebrais a alma sertaneja, ouço circular por êle em hinos ardentes a profecia de uma grandeza futura para a terra que tanto amais — para a terra que tanto amamos".

Mineiro de Paracatu, homem de pôr à cabeça o chapéu de couro sem ou com barbela, e de vestir uma casaca com o mesmo aprumo e uma só naturalidade, Affonso Arinos viveu de 1868 a 1919, tendo falecido em Barcelona. Deixai passar a referência biográfica, assaz conhecida, e também a lembrança de sua estréia com *Pelo Sertão*, que sempre lhe foi o grande livro, em 1898. São datas que valorizam o alcance das palavras de José Eduardo da Fonseca, o orador da Academia Mineira de Letras na homenagem a Affonso Arinos, *realizada pouco depois de falecido, o mais genuinamente mineiro dos nossos escritores. Eis o que disse, no aludido discurso, referindo-se a Affonso Arinos: "Cabe-lhe a fortuna de ser, num país vassalo em que a literatura é cópia ou adaptação, o escritor lidimamente brasileiro, o cultor de uma arte — deixai-me dizê-lo — autóctone, de tanta energia expressional e de tanta fôrça sugestiva, que os nossos papagaios e macacos letrados — discípulos de Flaubert, discípulos de D'Annunzio, discípulos de Eça — admiraram e louvaram, reconhecendo que um grande artista, sem os estonteamentos da visão amplificadora e deformadora de Coelho Neto, integrava definitivamente à literatura brasileira e à novela sertaneja".*

Muito significa certamente, numa época em que a literatura tresandava a tinta, escrever páginas úmidas de vida, cheirando à terra molhada ou queimando como chão ressequido de gerais e chapadões. A lição de uma literatura consistente, nacional, nunca nacionalista porque atenta aos insubstituíveis valôres universais, que não destoam do sentido telúrico — ficou e permanece, ainda não inteiramente aproveitada.

Mas isso de legar qualquer lição é de todos os escritores. Outro foi o ponto em que Affonso Arinos a todos sobrepujou. Nas linhas do Buriti Perdido pôde deixar-nos à infatigável admiração, o poema já agora escrito, e que "referve na mente de cada um dos filhos desta terra".

CONTISTAS MAIORES E MENORES

Agripino GRIECO

De Affonso Arinos já tive ensejo de dizer que foi um dos renovadores da nossa sensibilidade, reconciliando-nos com a natureza do Brasil. Sem puritanismo empertigado, desbordante de seiva meridional, era um intuitivo, um entusiasta, uma alma que irradiava coragem e fé, mesmo em transes que desesperariam qualquer outro, tal nos dias difíceis da Revolução de 93, quando combateu o florianismo exorbitante e pelego entre os que desejavam o regresso à monarquia. Nunca foi um cosmopolita banal, um pensador de transatlântico. Em suas viagens à França, jamais se deixou digerir pelo ventre de Paris e, caráter sem escaninhos, sem reentrâncias, ficava logo saudoso dos nossos cafèzais e voltava, familiarmente, aos sítios em que as suas narrações decorrem, às paisagens e às criaturas dos seus contos. Detestando o orgulho intelectual, o espírito de casta literária, nunca perdeu aquela frescura infantil de impressões próprias dos artistas que se conservam junto da virgindade da terra e, sendo o homem do seu talento, foi também, e acima de tudo, o homem da sua bondade. Pagão místico de um rosal ou um pomar, soube ser um dos defensores do caboclo caluniado. Misturou seu destino aos destinos, às alegrias e aos clamores de sua gente predileta. Era uma espécie de gentil-homem rural, que sabia comandar num sorriso e a quem, por isso, era grato obedecer, sem humilhação na obediência. Sorriso que era fôrça mas era também ternura. Foi um mercador de felicidade em seu rincão, e encantava até nas notas pueris. Dir-se-ia um afilhado da Mãe-d'água e como que algum saci, parente de Ariel, fôra o sacristão da cerimônia batismal. Em seu jardim de reminiscências, entre as abelhas nutridas do suco das corolas mineiras e que formavam o favo das suas histórias, revoavam as vespas da malícia: uma anedota, um epigrama, uma aventura... E tudo isso evitando ofender o pudor dos bons e dos simples, que é coisa sagrada. Flama e cristal... Não era cupim de biblioteca. Fugia à encefalite da excessiva cultura, dos impressos atochados a soquete no crânio, e, embora as suas leituras muito bem arrumadas no cérebro, não queria que os textos lhe matassem a alma. Via mais do que lia. Mais do que produtor de livros, foi um homem, e não fêz da arte uma profissão. Por tudo isso, o nome sonoro de Arinos, trissílabo de uma doçura fluvial, ficará cantando nas memórias, a recordarnos aquela lindíssima Estrêla d'Alva que o Flor, indo em busca de Pedro Barqueiro, via luzir no céu do seu recanto... (Obras Completas de Agripino Grieco — 3 — Evolução da Prosa Brasileira — páginas 130 — 131).

AFFONSO ARINOS

Ronald de CARVALHO

Entre os da sua geração, Affonso Arinos foi, por excelência, o homem brasileiro. Seus companheiros, discípulos de Jean Lorrain, de France e de Wilde, desprenderam-se da substância nacional, perdendo a medida brasileira no racionalismo paradoxal e pedante de Mr. de Phocas ou de Dorian Gray. Para êsses virtuosos burgueses que se extremavam ingênuamente na advocacia do vício, que se distraíam com monstruosos entes de razão e eram, ao mesmo tempo, escribas timoratos de humildes ofícios públicos, o Brasil seria um triste exílio de fôrças criadoras, incompreendidas e desaproveitadas.

Em *cada um de tais funcionários melancólicos havia uma inquieta Madame Bovary, à espera da* aventura libertadora. Como na França, de Luís Filipe, ardia nos mais plebeus febre alta de aristocracia. Escreviam em falsos papéis de pequena tiragem, fabricados em Leipzig, com timbre imperial de Holanda ou Japão. Usavam tintas de ouro, prata e zarcão. As personagens dos seus contos e poemas comiam faisões e lebres em porcelana de Sèvres e Limoges, bebiam vinhos concentrados nas taças do Rei de Tulle. Comiam e bebiam — espantosa criação — melhor que os seus criadores!

A geração de Affonso Arinos, mergulhada nesse prodígio de incessante sonhar, poderia crismar-se de *geração de espectadores*. O mundo foi, para ela, um puro espetáculo. Não o da metafísica de Berkeley, mas o da metafísica de Richet, porque, em verdade, não via as coisas da realidade, não as percebia, mas simplesmente as adivinhava, num vago nevoeiro subjetivo. Os contemporâneos de Arinos eram gregos, romanos, parisienses ou saxões que matavam, pachorrentamente, os quarenta graus do trópico fluminense com água de côco verde da Bahia e citavam os heróis de Salamina, a propósito dos valentes portuguêses do Clube de Regatas Vasco da Gama. O helenismo dêsses nossos tupis dos começos do século XX confundiria, pelos insólitos resultados, a catequese dos Anchieta e dos Montoya.

Affonso Arinos refugiu a êsse artificialismo literário, porque a vida lhe foi mestra e não o livro. Êle viveu a sua inteligência com todo o instinto de um verdadeiro senhor. Foi, em sua obra, intensamente, um espectador da nossa realidade. Os tipos que modelou vieram da terra e andaram com êle, meninos e adultos, nas voltas alongadas e bravias do seu mundo sertanejo.

O convívio silvestre de *Pedro, o Barqueiro* e *Joaquim Mironga,* libertou-o da tirania dos modelos burgueses da cidade. E o solar de Paracatu, onde as recordações do século XVIII, do século das entradas para as minas e para os garimpos, repontavam de todos os lados, acabou de formar-lhe o caráter. A exemplo de Nabuco ou de Graça Aranha, seguiu Arinos, em seu espontâneo brasilirismo, a fatalidade sutil de um velho sangue de têmpera profundamente aristocrática. Sangue de bons cruzamentos, cujo brasão luzira desde Coimbra e viera brilhar, através do primeiro e do segundo Império, na primeira fila da nossa nobreza rural. Fazendeiros, políticos e doutores, os seus avós Mello Franco deixaram remotas raízes no solo natal.

O claro sentimento da raça dominar-lhe-ia a fascinação do "transoceonismo", tão corrente no espírito das nossas elites do litoral. Por fôrça dêsse imponderável, Affonso Arinos teve o privilégio de olhar os mais variados povos, de penetrar-lhes a estrutura íntima, sem esquecer a sua "gens", mas, ao contrário, avivando sempre, no contraste dos paralelos, o interêsse por ela. Em Arinos, o prazer de viajar saturava-se de orgulho de comparar, com vantagens para as nossas, as mais belas coisas da casa alheia. A catedral gótica inspirava-lhe saudades das agulhas e dos pináculos monolíticos da Mantiqueira. Os castelos do Loire e do Tâmisa despertavam-lhe o desejo de voltar a um dêsses casarões de fazenda mineira, para armar a rêde voluptuosa, de linho encardido e fresco, e escutar, ao guincho rítmico dos ganchos de ferro, as histórias dos seus peões e vaqueiros. Ante os fogões de faiança, nas cidadezinhas ilustres das províncias européias, êle chorava por uma fogueira de achas de peroba, ardendo no ar sêco do sertão, à beira de um pouso desolado.

Arinos condensou, no temperamento e na imaginação, as mais persistentes tradições brasileiras, aquelas que mereciam chamar-se as nossas tradições diferenciais: a simplicidade larga, a bonomia hospitaleira, a confiança direta, a sedução do mistério selvagem, a imaginação generosa, o realismo idílico e ingênuo. Sua figura individualiza uma estirpe: a do senhor do engenho, das crônicas de Koster, a do fazendeiro, das narrativas de St. Hilaire. A voz para a ordem rápida, o ôlho vivo e jovial do caçador, a corpulência do cavaleiro, vencedor de léguas sertanejas, tudo, em suma, nesse Mello Franco, era um retrato dos conquistadores de Paracatu.

Em face dos nossos românticos, de Alencar, Bernardo Guimarães e Taunay, como se movem livremente as criaturas de Arinos! Joaquim Mironga poderia tratar Pery de português, sem ofensa à sintaxe de Bernardim Ribeiro. Os índios de Gonçalves Dias e os maiotos de Távora são máscaras de cena, diante de *Pedro, o Barqueiro*. Sem o lirismo cíclico de Alencar, possuía Affonso Arinos, entretanto, um senso lógico dos valôres humanos que faltava ao criador de Iracema.

Em Stambul, com a espôsa e amigos. 1913.

À semelhança do *Canaan,* das *Cenas da Vila Amazónica* e dos *Sertões,* os contos do *Pelo Sertão,* embora viciados na expressão por certos defeitos peculiares à mocidade extrema de autor sem grande segurança de processo, marcarão um ponto de referência singular em nossa história literária. Na sua obra, Affonso Arinos representa um Brasil que principia a despojar-se do artifício, que se desentoxica do veneno retórico. Nesse particular, seu proselitismo foi uma aurora. Êle adivinhava quantas fôrças iria acordar quando, no curso mais árduo da guerra, soube organizar e realizar uma série de estudos sôbre o folclore brasileiro, rematada por um extraordinário *Bumba-meu-Boi* no Teatro Municipal de São Paulo.

Analisando-lhe o prodigioso dom de exprimir a alma sertaneja, escreve o seu crítico e biógrafo mais notável — Tristão de Ataíde: "Não foi à-toa que, uma noite, no sertão, leu Arinos um de seus contos para os tropeiros no pouso, e um dêsses lhe respondeu: — "Uai, parece a gente mêmo que tá falando". O gentilhomem devia ter sentido, nesse momento, que as suas histórias eram a própria história do seu povo.

(Transcrito de "Estudos Brasileiros", 2ª série, de Ronald de Carvalho — F. Briguiet & Cia. Edilôres, Rio de Janeiro, 1931).

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3382/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ARINOS E OS AUTORES SEM LIVROS

Gilberto FREYRE

Serão sempre os "autores que não têm livros' do tipo daquele fixado a traços de caricatura pelo Sr.. Oscar Lopes?

Creio que não. A psicologia do autor sem livros é mais complexa do que imagina o Sr. Oscar Lopes no seu fácil filosofar de cronista. É como a psicologia da solteirona.

Quase não há solteirona que não nos possa contar histórias de casamentos e propostas desprezadas. Também os talentos inéditos o são sempre por vontade própria; por soberano desdém à publicidade. Editôres que os adulassem, êstes não faltaram.

E por serem tantas as solteironas que desprezaram, quando môças, propostas de casamentos, e tantos os talentos inéditos por indiferença a tôda espécie de sedução editorial, nós nos habituamos a duvidar de que realmente existiam, neste mundo de Deus, autores sem livros que de fato acharam na vida um editor, mesmo mediocre, que lhes fizesse a côrte.

Mas o certo é que existem no mundo dessas esquisitices: solteironas que desprezaram milionários e talentos que desprezaram editôres.

Há talentos que nasceram para comunicar-se a raros; para influir sôbre o ânimo e a sensibilidade de raros. São como as solteironas, as raras solteironas que o são por terem nascido para desposar príncipes; e morrem donzelas porque não lhes apareceu na vida nem sombra de príncipe. Apareceram-lhes milionários; apareceram-lhes bacharéis em Direito, caixeiros-viajantes, médicos — dezenas dêles; elas porém não transigiram com o seu ideal de príncipe; e a transigir com um ideal tão bonito preferiram a donzelice. Semelhantemente há autores inéditos que o são porque os prelos e os públicos que se lhes oferecem não correspondem a um certo ideal alto e puro que desenvolveram.

São casos talvez patológicos, o dêsses talentos e o dessas solteironas; mas existem.

A grande promessa de crítico que foi em Portugal Moniz Barreto desapareceu sem deixar livro — apenas um ténue fascículo; Luís Garrido morreu igualmente autor sem livros; na Inglaterra foram autores sem livros Collins e Addison; entre nós, Carlos de Laet e Affonso Arinos sempre se conservaram arredios do preio que faz livros e do público que os lê: quase autores sem livros.

Entretanto Affonso Arinos não era nenhum maninho; apenas preferiu ao contacto com o público o contacto com a inteligência dum grupo que o soubesse compreender. E na vida mental do Brasil Arinos foi realidade viva e mais criadora que o Sr. Coelho Neto — autor de tantas dezenas de livros.

* * *

(De *Retalhos de Jornais Velhos*, pág. 3/4)

O SERTÃO NA ARTE

Não é necessário muita ciência crítica para concluir que o melhor da nossa literatura de ficção inspirado no que se convencionou denominar o sertão brasileiro, apareceu do fim do século XIX para cá. e muito particularmente entre os anos de 1890 e 1920. Então, todo um movimento de simpatia envolveu, aqui e ali, do norte ao sul do País, a natureza sertaneja e o homem, que a ela assimilado, definia-se com específicos comportamentos e caracteres de primitivo, tanto quanto a paisagem que o envolvia, fortemente sugestivo para a arte e para o movimento nacionalista, nessa época entusiàsticamente pregado.

Dêsse movimento de simpatia humana e de reabilitação de nossos tipos étnicos de vária espécie, caldeados pela mestiçagem do português, do índio e do negro e plasmados pela ecologia de nossas regiões mais características, um dos primeiros escritores a participar foi Affonso Arinos, cujos contos e notas de viagem, reunidos no conhecido livro *Pelo Sertão*, publicaram-se em 1895 e em 1898.

A obra de Affonso Arinos se não tem a significação literária, a densidade, a nervura artística, o largo hausto de inspiração poética e os recursos de expressão de três outras que lhe são contemporâneas — *Sertão*, de Coelho Neto, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o *Canaã*, de Graça Aranha — nem por isso merece menos atenção da crítica e dos leitores: conquistou de pronto largo público, profundamente tocado pela ternura e pela entusiástica emoção com que o escritor mineiro viu, ou reviu, a natureza, o homem e o passado de seu terrunho interiorano; e só isso, quer dizer, essa popularidade, seria suficiente, quando outras razões não houvesse, para habilitar a obra perante os interêsses da crítica e dos leitores modernos.

Pelo Sertão reúne uma dúzia de pequenas peças — crônicas históricas, "causos", evocações, e impressões da natureza — trabalhadas com sensível preocupação de um estilo com evidentes intenções de despertar no leitor o sentimento do lírico e do pitoresco da terra, do homem e das tradições do sertão mineiro. E bem era que se estudasse êsse estilo, significativa característica de importante corrente literária da época do Simbolismo, e em nossos dias retomado pela vigorosa arte de Guimarães Rosa, não fôsse necessário, por uma questão de método, compreender, antes dos processos de estilização do artista mineiro, a realidade que o inspirou e a substância artística que nessa realidade conseguiu instilar.

Do mundo que inspirou o ficcionista mineiro, três elementos se podem surpreender como os mais importantes: a natureza, certos tipos humanos, e dêsses tipos, a peculiaríssima linguagem.

Dos tipos humanos os mais fortes são: Manoel Lúcio, descendente de boa cêpa de sertanistas de Piratininga, inteligente e lutador, confundido desde a infância com o agreste do sertão e com a fôrça dos bois com que labutava e dos matungos que montava, a penar paixão oculta por Bárbara ou Barbinha, em defesa de cuja fazenda, atacada por mineiros negros e índios sublevados, morre varado por um tiro de bacamarte; Joaquim Mironga, símbolo de servitude lealdosa, misto de camarada e capanga, contador de "causos" de entreter a gente dos retiros; Pedro Barqueiro, negro troncudo, escravo fugido, que defende com violência assas sina a liberdade conquistada; Filipinho, mestiço atrevido, vagabundo, namorengo, sagaz, violento, bandido das regiões do Urucuia, Sono e Prêto, exatamente da casta de Pedro Barqueiro; e Ana Estereira, mulata lavadeira, de largas ancas, grossos braços, de esplêndido e despudorado busto, sensual e provocadora, amante de Filipinho, dominada pela violência do amor, que cega ou insanamente atira-a ao assassínio frio e repugnante de uma rival, de que corta a carótida e bebe o sangue, e por fim à defesa do amante, defesa em que morre com o peito estourado pelo tiro de um trabuco de um dos soldados do cabo Marianão.

Da natureza as notas mais vivas são dadas pelo sertão bruto das terras mineiras, com seus estradões barrentos, seus carreiros quase intransitáveis, rasgados pelas erosões pluviais; com a fúria dos aguaceiros e da coriscada destruidora; com os capões fechados, donde os vaqueiros têm de arrancar a rês manhosa; com os tabuleiros agrestes onde tresmalha a vacaria selvagem; os campos abertos, pelados pela derrubada destruidora, ressequidos pelos sóis ardentes das longas estiagens; com o primitivo da arquitetura dos fazendões de pau-a-pique, solapados e esburacados pelas intempéries; com a bicharia selvagem, agressiva ou indiferente ao homem, a dominar ainda completamente a paisagem; a boiada embrutecida pela braveza do meio natural, dificilmente vencida sob o ferrão das varas, única defesa do vaqueiro; a cavalhada de matungos mirrados pela degenerescência, sobreviventes, como tudo no ambiente, de rigorosa e impiedosa seleção natural, capazes ainda de esforços inauditos quando sob a tenaz das pernas dos vaqueiros, armadas de esporas de largos rosetões.

Da linguagem ou do linguajar do sertanejo dessa natureza bruta e agressiva, fixaram-se nas páginas do escritor mineiro, como peculiares, tudo o que êsse linguajar traduzia de uma língua inculta, barbarizada, pobre de vocabulário, reduzida à míngua em seu fôlego expressivo e em seu desenho fonético, e por vêzes bastante desfigurada pelos caprichos semânticos.

Todo um mundo, está-se a ver, primitivo, pobre, árido, freqüentemente agressivo, violento, bárbaro. E todo êsse mundo resultaria em uma realidade aestética ou mesmo antiestética, não tivesse recebido, da alma do artista que o recolheu, o sôpro transfigurador da arte. Com êsse sôpro, que nos faz sempre pensar no divino sôpro da Criação, os homens enchem-se de humanidade, os animais e a natureza tomam significação lírica, a linguagem canhestra do matuto adquire interêsse no desenho fônico, no sentido íntimo, nos efeitos de expressividade dos sentimentos. Filipinho, Ana Estereira, Pedro Barqueiro, metamorfoseados pela sensibilidade artística de seu criador, crescem diante de nós, agigantam-se mesmo, até à estatura de heróis, cegos na obstinação, capazes de extremos de coragem física e moral. Manoel Lúcio e Joaquim Mironga, enriquecidos pelo artista, fazem-nos esquecer a pobreza de seus sêres, e nos comovem pelo drama que lhes pungiu o coração: de Manoel Lúcio, o orgulhoso, taciturno e martirizante amor por Barbinha; do vaqueiro dos cerrados do Periquito e de Garapa, a dor de ver morrer-lhe nos braços, na flor da vida, o amor "Sô" Juca, varado pela bala de um "caramuru" Transfigurados pela arte do *artista*, campos, chapadões, cerrados, rios, árvores, estradas e retiros, cavalos, bois e pássaros, enfim, natureza e animais, tomam relevos de côr, de formas, de movimento, que nos tocam a sensibilidade, que nos acordam o sentimento poético, como é o caso tão conhecido daquele melancólico e heróico buriti perdido, e da paisagem alpestre do Espinhaço, com grandeza e majestade tocadas de divino; como é ainda o caso do pedrês mirrado, que quase se transforma em corcel alado, para salvar Joaquim Mironga; ou daquele céu de estrêlas onde o mesmo Joaquim Mironga via, como em "campo azul" a alma do "Sô" môço Juca, "junto com os anjos pastoreando o gado miúdo"; ou ainda daquelas perdizes de pios tristes e as juritis de melancólicos arrulhos, que compuseram a atmosfera que envolveu a morte heróica de Ana e Filipinho.

A obra de Affonso Arinos, como a de todos os regionalistas de sua época e de sua linhagem, resultou assim da transfiguração do real grosseiro em supra-real rico de valôres estéticos e de valôres humanos, e no caso, valôres carregados de sentimento poético da paisagem e de sobrestimação do heroísmo, da sensibilidade e da sabedoria do povo anônimo.

(*In "Estado de São Paulo"*, 20|11|1958).

Antonio Soares AMORA

AFFONSO ARINOS E O REGIONALISMO

Wilson LOUZADA

Affonso Arinos, na Suíça, em companhia da mulher e de um amigo, entre 1910 e 1911

Há quem pense que só devem pertencer à literatura regionalista as obras nas quais a fixação de tipos, costumes e linguagem locais fôr a característica principal.

No que se refere à fixação de tipos e costumes locais, como é natural, exigem ambientes necessàriamente rurais, onde os elementos da civilização urbana estejam quase ausentes ou só se revelem em proporção muito reduzida.

Quanto à linguagem, entretanto, eis um elemento que nem sempre pode definir exatamente a ficção regionalista na sua verdadeira estrutura. Modismos, locuções, têrmos restritos a determinadas áreas geográficas — muitas vêzes oriundos das formas de trabalho mais comuns à região — nem sempre bastam para determinar a "côr local" de contos, novelas ou romances, se falta ao conjunto da obra verdadeiro espírito localista, ditado antes de tudo pelas reações ou manifestações do homem no seu meio natural.

Ainda aqui, portanto, o elemento humano é o centro de interêsse da obra, aglutinando à sua volta os demais caracteres secundários, isto é, a paisagem, os costumes, as tradições e o vocabulário. Cabe acentuar, além disso, que os excessos regionalistas em matéria de linguagem — defeito muito comum em nossa literatura — conduzem não raro a uma desfiguração profunda da realidade, ou a uma caricatura da realidade, considerando-se que a ficção não admite a imitação servil do que foi visto ou observado, o que dispensaria evidentemente a colaboração do escritor na sua tarefa de criação artística. A linguagem, por isso mesmo, nem sempre pode ser tomada como elemento definidor do regionalismo, pelo menos se considerada isoladamente. Como de hábito, aliás, a verdade nesse terreno ainda está no justo meio têrmo, no equilíbrio artístico entre as necessidades de identificação da personagem com o seu meio, e as necessidades também severas, de ajustamento do estilo à natureza da obra ou do autor, consideradas ainda as reações que a narrativa deve provocar nos momentos oportunos e desejados. (.....)

Sucedendo a Bernardo Guimarães, na linhagem regionalista mineira, a grande figura imediata é sem dúvida Affonso Arinos de Melo Franco, cuja celebridade no gênero repousa pràticamente sôbre um livro único. Realmente, tôda a glória de Affonso Arinos, na ficção regionalista, vem dos contos em *Pelo Sertão*: "Assombramento", a "Esteireira", "Pedro Barqueiro", "Manuel Lúcio" e "Joaquim Mironga". Com êsses contos e mais algumas páginas de *Histórias* e *Paisagens*, construiu Affonso Arinos o principal de sua obra de regionalista, em que se percebe, apesar de algumas deficiências de caráter secundário, a verdade dos tipos e dos cenários.

Se bem que Waldomiro Silveira tenha estreiado no *Correio Popular* de S. Paulo, em 1891, com um conto regional, segundo lembra Agenor Silveira, no prefácio de *Os Caboclos*, Affonso Arinos, cujo livro sòmente apareceu em 1897, constitui o genuíno pioneiro dêsse gênero no Brasil. Isso advém não sòmente por ter a contribuição de Waldomiro permanecido esparsa em jornais de sua terra, até a publicação daquele livro, em 1920, como porque, excessivamente dialetal, restrito em demasia a determinada zona do "hinterland" paulista, a obra do escritor de *Leréias* e *Nas Serras e Nas Furnas* não teve nunca, no resto do país, a repercussão inicial dos contos de Arinos, coisa tanto mais natural, quando se considere que o livro do evocador dos sertões de Minas, já se tornara famoso, de Norte a Sul, no momento em que Monteiro Lobato lançou, afinal, a edição de *Os Caboclos* (1920). E' mister não esquecer também que justamente três dos melhores contos de *Pelo Sertão* tinham saído antes, em 1895, na conhecida e prestigiosa *Revista Brasileira* de José Veríssimo.

Um crítico de hoje — Eduardo Frieiro — escreveu em *Letras Mineiras* que os nossos regionalistas, "incapazes de verdadeira comunicação com a realidade humana, estilizam o sertanejo, o caipira, o matuto, o capiau, o jagunço, pintando-os invariàvelmente fortes, honrados, bravos e varonis. Fabricou-se dêste modo o sucedâneo poético do bom selvagem de Rousseau, romantizado pelos nossos indianistas". Se a observação nem sempre procede, aplica-se no entanto a diversos escritores regionalistas de ontem e de hoje, muito embora compensada em vários dêles pela verossimilhança das reações das personagens em relação com o ambiente no qual evoluem.

No caso particular de Affonso Arinos, por exemplo, verifica-se que a observação em absoluto não procede. Suas personagens não se enquadram a rigor naquela estilização a que se refere Eduardo Frieiro, colocando-se em sua maioria dentro de uma realidade humana e literária perfeitamente aceitável. O Manuel Alves, do conto "Assombramento", para apenas citar um caso, nada tem de estilizado. O próprio Pedro Barqueiro, cuja bravura é naturalmente posta em destaque, não invalida a verossimilhança dos tipos criados por Affonso Arinos. Sua coragem, sua extraordinária fôrça física, não lhe romantizam ou idealizam a personalidade, que o autor soube preservar de quaisquer exageros.

E' que o regionalismo de Affonso Arinos, se não tinha raízes profundamente firmadas no próprio cerne de um homem de permanente contato com o "terroir", em virtude da vida européia levada em grande parte pelo escritor mineiro, nem por isso, no entanto, era êle menos apegado ao rincão nativo. "Nasci no sertão" — proclamava êle, orgulhosamente, na polêmica travada no Rio, em 1894, a propósito de certa estranheza dum comentarista da Côrte ante a violência de seu conto "A Esteireira", premiado em segundo lugar num concurso da *Gazeta de Notícias*, naquele ano.

No particular, de fato, não havia nêle nada daquela atitude com "alguma coisa do turista ansioso por descobrir os eventos peculiares de cada lugar que visita, sempre pronto a extasiar-se antes as novidades e a exagerar-lhes o alcance", como assinala Lúcia Miguel Pereira, a propósito de certos regionalistas que conferem as exterioridades — conduta social, linguagem etc. — uma importância exclusiva, numa busca ostensiva do exótico e do estranho.

O regionalismo de Arinos vinha de mais longe, dum profundo atavismo que lhe trazia o sangue de desbravadores de matas e de serras, dum imanente sentido de terra natal, de caráter da paisagem e da "gens" patrícia, isso tudo que êle sonhava desde cedo em transferir para os seus escritos, segundo suas próprias palavras:

Um pouco das impressões colhidas na natureza alpestre, selvática e brumosa do grande planalto central do Brasil, um pouco do perfume da charneca, das paixões bravias dêsses homens que moram a duzentas léguas do litoral, sem lei nem grei, habitadores de tugúrios à beira dos rios ou de palhoças batidas de vendavais, penduradas em vales estreitos, sem outros tetos que não a fôlha do indaiá ou do baguaçu, sem outras paredes que não vigas de paus-a-pique, unidos, dormindo em jiraus sôbre couros de jaguares ou de lôbos.

Não lhe feria assim a retina, em visos de novidades alvissareiras, nenhuma daquelas cenas do viver rural que lhe enchera os dias da meninice e que, fora do Brasil, no longo convívio das capitais civilizadas, a saudade lhe permitia reconstituir a qualquer momento, em palestras inesquecíveis com os amigos encontrados no estrangeiro, numa vivência perenemente prolongada na memória do coração. Homem de índole profundamente cordial, duma grande simplicidade de modos e de sentimentos, apesar de todo o fino verniz da longa e lenta impregnação européia, altamente transfiguradora, Arinos pôde deixar-nos, assim, uma obra em que o Brasil se retrata substancialmente, em tipos e paisagens, em sentimentos e emoções, sem perder, contudo, no mínimo, o sentido universal, o sinête das paixões naturais, a marca da criatura humana autêntica de qualquer quadrante do mundo.

Suas personagens comportam-se como criaturas comuns, sem ilogismos específicos, sem facêtas de exceção, o que não impede nos deixem as suas histórias de homens do sertão imagens de inesquecível recorte, em tipos permanentes, pelo teor lógico e emocional com que, acima de tudo, vivem na sua evocação. Assim o caso, acima de todos, dos heróis de suas obras-primas — obras-primas que são também do conto brasileiro de todos os tempos — o bandoleiro da evocação do — velho Flor, naquela maravilhosa narrativa de "Pedro Barqueiro", e o velho tropeiro Joaquim Mironga, escravo para sempre da saudade do patrãozinho, pastoreando o gado miúdo das estrêlas. E' que homens e coisas do sertão viviam para êle em função de gleba natural, penetrados e nutridos da alma nativa. "Arinos tinha a paixão da paisagem sertaneja e o culto das nossas coisas e tradições", disse José Maria Belo. "Arinos não obedece a um sentimento artificial de nacionalismo. Conheceu e amou a vida brasileira. A primeira impressão que as suas novelas nos causam é que foram escritas por uma alma sincera e boa. Não se trata de simples "clichês", que a memória vai reproduzindo lentamente, embelezando-os com os velhos artifícios da técnica literária. Vêm de uma fonte mais pura, do próprio coração, da correspondência comovida entre a sua alma e a alma rude do meio físico em que êste nasceu e se fêz".

Manuel Alves, o Flor, Joaquim Mironga, Lúcio, são criaturas de carne e osso, mas trazem consigo um sinête imanente da vida específica do mundo perdido do interior brasileiro, os seus sentimentos, as suas crenças, os seus apelos, os seus pavores e assombrações. Isso tudo, porém, sem um fito deliberado do autor em lhes explorar o animismo primitivo, a estrutura rudimentar do húmus telúrico — antes, transfigurando-os, na criação artística, pelo alto sentido de poesia e de emoção humana de que se revestem tôdas as suas criações, no "décor" do ambiente sertanejo de que nos sabe transmitir, também, o sentido espiritual, em páginas de sombria e harmoniosa beleza literária.

"Encheu-lhe a alma o sertão, e sua obra foi a sua alma, acentua Tristão de Ataíde. Nunca se fartou de o repetir e seus livros aí estão para prová-lo. Não escrevendo, como todo verdadeiro artista, para seguir esta ou aquela corrente literária, e apenas para traduzir livremente o que tinha na alma, filia-se entretanto a sua obra, naturalmente e sem preconceito, a uma grande corrente da nossa literatura — o sertanismo".

Com o desaparecimento de Affonso Arinos, o regionalismo mineiro entrou numa espécie de compasso de espera, apesar de um ou outro nome capaz de reter a atenção da crítica. Entre êsses nomes a serem lembrados, a partir de 1916, data do falecimento do autor de *Pelo Sertão*, muitos, provàvelmente, não sobreviverão, do ponto de vista literário. Ficarão, talvez, como exemplos das vicissitudes do gênero através dos tempos, sem, no entanto, aquela marca visível que aponta os verdadeiros criadores no terreno da ficção.

. . . . . .

(De *A literatura no Brasil*, direção de Afrânio Coutinho, v. II, p. 193 a 199)

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APM0MG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

PEDRO BARQUEIRO

(Tipo do Sertão)

A Coelho Neto
Conto de Affonso Arinos

"— Eu lhe conto — dizia-me o Flor, quase ao chegarmos à Cruz de Pedra. "Naquele tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma *meia légua*, trochada de aço, que era meu osso da correia" E, consertando o corpo no lombilho, soltou as rédeas à mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sôbre a coxa, e apertou na unha do polegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

"Estávamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, à viola. Eu estava recostado sôbre os pelegos do lombilho, estendidos no chão. A rapaziada tôda em roda. Pouco tínhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

"Eis se não quando entra o patrão, com aquêles modos decididos e, voltando-se para um môço que o acompanhava, disse: "Para o Pedro Barqueiro bastam êstes meninos!" apontando-me e ao Pascoal com o indicador; "não preciso bulir nos meus *peitos-largos*. O Flor e o Pascoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho".

"Para que mentir, patrãozinho? O coração me pulou cá dentro, e eu disse comigo — estou na unha! O Pascoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Éramos os mais novos dos camaradas e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia aparecera na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecê-lo e falamo-nos. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, troncudo, pouco falante e desempenado, com a tronco de braço que nem um pedaço de aroeira.

"Estou com êle diante dos olhos, com aquela roupa azuleja, tingida no Barro Prêto; atravessado à cinta um ferro comprido, afiado, alumiando sempre, maior que um facão e menorzinho do que uma espada.

"Êsse negro metia mêdo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguém bulia com êle, mas êle não mexia com os outros. Vivia seu quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a dizer que êle era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão êsse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de proa. Queria que lhe tirassem o chapéu e lhe tomassem a bênção.

"Daí, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puseram por ter vindo dos lados do rio S. Francisco. Essas histórias esquentavam mais o patrão, que eu estava vendo de uma hora para outra estripado no meio da rua, porque era homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

"Tanto eu como Pascoal tínhamos mêdo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

"Subiram de ponto êsse nosso receio e a ira do patrão, quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abadia.

"Chegara uma precatória da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cêrco à casa onde êle estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! o crioulo mostrou aí que canela de onça não é assovio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso: só tinha o tal ferro, alumiando sempre; e com êsse ferro deu bancas.

"Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito jacaré de papo amarelo. Deu frente à porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que êle cochichou uma oração, apertando nos dedos um *bentinho*, que branqueiava na pele negra de sua peitaria lustrosa.

"Chegaram a entrar a casa três homens da escolta, e todos três ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, escancarou no negro o pinguelo de um clavinote e fêz fogo. Pedro Barqueiro caminhou sôbre êle na fumaça da pólvora e, quando clareou a sala, José Pequeno estava escornado no chão como um boi sangrado.

"Dois rapazinhos quiseram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descadeirou um e pôs as tripas de fora a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

"Daí para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só aparecia de longe em longe, e à noite. Mas todo o mundo tinha mêdo dêle e vivia adulando-o.

"Um dia, como já lhe contei, apareceu lá em casa um môço pedindo auxílio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro; mas há muitos anos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete ao valentão, e, para isso, escolheu pobre de mim e Pascoal.

"— Que dizes, Flor? falou o patrão rindo-se.

"— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

"— Quero ver isso.

"— Vamos embora, Pascoal!

"Quando íamos a sair, o patrão bateu-me no ombro e, voltando-se para o môço, disse muito firme: "Pode prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aquí, de tarde. Hão de dar duzentos mil réis a êstes meninos"

"Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na *meia légua* e no facão e apertei a *correia* à cinta.

"Pascoal já estava na porta da rua, assoviando. Tinha por costume, nos momentos de apêrto, assoviar sempre uma trova, que diz assim:

"Na mata de Josué
Ouvi o mutum *gemê:*
Êle geme assim:
Ai-rê-uê, hum! airê!"

Quando Pascoal me viu, soltou uma risada.

— Estás doido, rapaz! gritou-me.

— Por quê?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro?... Êle faz de nós passoca. A coisa se há de fazer de outro modo.

"Pascoal tinha tento e eu sempre tive fé nêle. Era um cabritozinho mitrado. Saía-lhe cada idéia... Mandou-me guardar a *meia legua* e o facão. Depois, foi à venda, escolheu anzóis de pesca e veio para casa encastoá-los. Eu, nem bico! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Pascoal tinha alguma na mente.

— Deixa a coisa comigo, ajuntava êle.

"Isso ainda era cedo; o sol estava umas três braças de fora, no tempo dos dias grandes. Lá por casa madrugávamos sempre, para ir ao pasto e trazer os animais de trato.

— "Vamos fazer uma pescaria", disse-me o Pascoal. "Ali para os lados do Batista, perto de um baruzeiro grande, há um poço, onde as curumatãs e os piaus são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Êle mora só e eu conheço bem o lugar. Pela astúcia, havemos de prendê-lo. Quando eu gritar — segura, Flor! — tu agarras o negro, mas, segura rente!"

"E fomos. Nessa hora me veio bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear, porque tinha como certo suceder-nos alguma. "Que é lá Flor!" — disse de mim para mim: "Um homem é para outro". E, depois, o Pascoal não me deixava nas embiras. Quando descemos o Gorgulho e fomos virando para o lado do córrego, fiquei meio sorumbático. Nesse tempo, eu andava arrastando a asa à Emília, filha do José Carapina. Era uma roxa bonita deveras, e não estava muito longe de me querer. Posso dizer mesmo que na véspera olhou muito para mim, ao passar com a saia de chita sarapintada de vermelho, umas chinelas novas de cordovão amarelo. Ah! que peitinho de jaó, patrãozinho, eu estava na peia, enrabichado, e foi nesse mesmo dia que ela me deu esta cinta de lã, tecida por suas mãos, que

guardo até hoje. "Ah! roxa da minha paixão" — pensava eu "como hei de morrer assim, fazendo cruz na bôca?" O diabo da idéia me atarantou pelo caminho e cheguei a dar tremenda topada numa pedra, no meio da estrada. Curvei-me sôbre a perna, agarrei o pé com as mãos e estive assim dançando sem querer, um pedacinho de tempo. Depois, levantei a cabeça. Pascoal sentara num barranco e encarava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima, assuntando. No céu galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo.

"Um vento áspero passava, arrancando do genipapeiro as frutas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãozinhos. Duas seriemas guinchavam, esgoelavam. Depois, vi que estavam brigando — me lembra como fôsse hoje — e uma avançava para outra, dando pulinhos, sacudindo as asas, com o cocuruto arripiado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez — "Olha, Flor, o que vais fazer." Nesse entretanto, o Pascoal, que me encarava sempre no ponto onde estava sentado, gritou-me:

— "Esqueceste a cabeça nalgum lugar? Vamos embora, que vai tardando já'.

"Fiquei descochado; caí em mim e fui marchando disposto. Daí em diante, fui brincando com o Pascoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar.

"Chegando embaixo, arregaçamos as calças e descemos o córrego, cada um com seu anzol na vara, ao ombro.

"Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos Pedro Barqueiro.

"Aí, quase que tínhamos esquecido o perigoso mandado, tão diferente andava a conversa com as caçoadas do Pascoal.

"Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dêle e a cozinha.

"Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto.

"— Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão ali àquele poço, para baixo da cachoeira. Tem lá uma laje grande e de cima dela vocês podem fazer bichas com os piaus.

"— Louvado seja Cristo, meu tio!" — havia dito o Pascoal, e nisto o imitei .

"— Se quiserem comer uma carne assada ao espêto, tirem um saco; está na fumaça, por cima do fogão, uma boa manta. Olhem a faca aí na sala, se vocês não têm algum caxerenguengue.

"Pascoal entrou e viu recostado a um canto da parede o ferro alumiando. Pegou nêle, saiu pela porta da cozinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois me assobiou, eu acudi e fui procurar a lazarina de Pedro — uma boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeira.

"— Há alguma jaó por aqui, tio Pedro? perguntou Pascoal.

"— Nem uma, nem duas, um lote delas. Se você quer experimentar minha arma, vá lá dentro e tire-a. Não errando a pontaria, você traz agora mesmo uma jaó.

"— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

"— Pois vá, menino.

"E Pascoal descarregou a arma.

"Pedro tinha-se levantado e falava com Pascoal do vão da porta de entrada.

"Era hora.

"Pascoal me fêz um sinalzinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era essa. Enquanto Pascoal o foi entretendo, eu fui chegando soturno e quando êle gritou — "segura!" — eu pulei como uma onça sôbre o negro desprevenido.

"Conheci o que era homem, patrãozinho! Saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoço. Mas o negro não pateteou, e, mergulhando comigo para dentro da sala, gritou:

"— Nem dez de vocês, meninos! Ah! se eu soubesse...

"Patrãozinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma garrocha. Mas eu via que, se o largasse, estava morto, e arrochei os braços.

— "Chega, Pascoal! — gritei.

— "Eu quero manobrar de fora. Ânimo! Segura bem que nós amarramos o negro.

"Que tirada de tempo! O negro, às vêzes, abaixava a cabeça, dando de pôpa, e minhas pernas dançavam no ar, tocando quase o teto do rancho. Lutamos, lutamos, até que Pascoal pôde meter um tolete de pau entre as canelas do Pedro, de modo que êle cambaleou e caiu de bruços. Nós dois pulamos em riba dêle. Eu, triunfante, gritava: "Conheceu crioulo? Negro é homem?" Êle era teimoso, porque dizia ainda: "Nem dez de vocês, meninos! Ah! se eu soubesse..."

"Pascoal trazia à bandoleira um embornal para carregar peixe e veio dentro dêle escondida uma corda de sedenho, comprida e forte.

"Barqueiro estava no chão; e foi preciso ainda fazermos bonito para amarrá-lo.

"Agora, puxe na frente, seu negro! — gritou-lhe o Pascoal.

"Havíamos juntado os braços dêle nas costas e apertamos com vontade. Ficou completamente tolhido.

"Eu ia segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que êle me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por seguro, a corda estava-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante, Pascoal tinha corrido atrás dêle e lhe descarregado na nuca um tremendo murro, que o fêz bambear um pouco e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda.

"O Barqueiro, depois que saiu do rancho, não piou.

"Chegando a casa de tarde e o negro ia no sedenho.

"— Eu não disse, gritava o patrão muito contente, que só bastavam êsses dois meninos para o Barqueiro? Está aí o negro.

"E o povo corria para ver, e a frente da casa do patrão estava estivada de gente.

"Recebemos os duzentos mil réis.

"Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa à Senhora da Abadia, de levar-lhe ao altar uma vela, se voltasse são e salvo. Cumpri a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queria um pé para estar com a Emília.

"Comprei um trancelim de ouro para aquela roxa de meus pecados e um xale azul. Ela era esquiva. Fêz muito momo nessa noite, e não me quis dar nem uma boquinha, com o devido respeito do patrãozinho.

"Saí da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os galos estavam amiudando.

"A estrêla-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça lavando-se na lagoa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremeci um bocadinho. Entrei num beco que ia sair na Rua de Trás, onde eu morava.

"Ia meio avexado e peguei o banzar. Emília! Emília do coração! por que me amofinas com êsse pouco caso? E desandei a cantar, bem chorada, essa cantiga:

"Tá trepado no pau,
De cabeça pra baixo,
Com as asas caídas,
Gavião de penacho!
Todo mundo tem seu bem,
Só pobre de mim não tem!
Ai! gavião de penacho!"

"De repente, pulou um vulto diante de mim. Quem havia de ser, patrãozinho? Era o Pedro Barqueiro em carne e osso. Tinha, não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolta, em cujas mãos o patrão o havia entregado.

"O ladrão do negro tinha oração até contra sedenho!

"Sem me dar tempo de nada, o Barqueiro me agarrou pela gola e me sujigou. Levantou-me no ar três vêzes, de braço têso e gritou-me:

"— Pede perdão, cabrito desvergonhado, do que fizeste ontem, que te vou mandar para o inferno! Pede perdão, já!

"A gente precisa de ter um bocado de sangue nas veias, patrãozinho, e um homem é um homem! Eu não lhe disse pau nem pedra. Vi que morria, criei ânimo e disse comigo que o negro não me havia de pôr o pé no pescoço.

"Exigiu-me êle, ainda muitas vêzes que lhe pedisse perdão, mas eu não respondi. Então, êle foi me levando nos braços até uma pontezinha que atravessava uma perambeira medonha. A bôca do buraco estava escura como breu e parecia uma bôca de sucuri querendo me engolir. Suspendeu-me arriba do guarda-mão da ponte e balançou meu corpo no ar. Nessa hora, subiu-me um frio pelos pés e um como formigueiro me passou pela regueira das costas até a nuca, mas minha bôca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levantando-me de nôvo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

"O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo, depois disse:

"— Vai-te embora, cabritinho, tu és o único homem que tenho encontrado nesta vida!

"Eu olhei para êle, pasmado.

"Aquêle pedaço de crioulo cresceu-me diante dos olhos, e vi — não sei se era o dia que vinha raiando — mas eu vi uma luz estúrdia na cabeça de Pedro.

"Desempenado, robusto, grande, de braço estendido, me pareceu, mal comparando, o Arcanjo São Miguel sujigando o Maligno. Até claro êle ficou nessa hora!

"Tirei o chapéu e fui andando de costas, olhando sempre para êle.

"Veio-me uma coisa na garganta e penso que me ia faltando o ar.

"Insensivelmente, estendi a mão. As lágrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse:

"— Louvado seja Cristo, tio Pedro!

"Quando caí em mim, êle tinha desaparecido."

AFFONSO ARINOS NO SENADO

João CARIOCA (pseudônimo de Viriato Corrêa)

Nesse tempo — há de haver doze ou quinze anos — o senador Bernardino Monteiro era a figura mais apagada do Senado. A casa ainda não tinha recolhido as múmias da espécie do Sr. Massa nem do estôfo do Sr. Avidos. O Sr. Bernardino estava só, como espécimen raro...

Ora, aconteceu que, por essa época, Affonso Arinos freqüentasse assíduamente os corredores do velho pardieiro da Rua do Areal. Ali, costumava êle procurar o General Pinheiro Machado, com quem trocava idéias sôbre assuntos de pecuária. O esteta mineiro-paulista vivia um tanto absorvido com os seus negócios de fazendeiro e criador e parecia atento aos preços do gado de exportação, que a guerra européia se servira de valorizar. Às vêzes, o escritor magnífico, cuja obra de novelística tantas emoções espalhara, ficava a um canto, ouvindo o seu amigo Pires Ferreira, inesgotável em episódios e anedotas da revolta militar de 93. Arinos também conspirava com Bilac, Guima Passos e Pardal Mallet. Fôra um dos refugiados em Ouro Prêto.

Uma tarde, após a sessão, o marechal viera falar ao filólogo Mário Barreto, que o esperava na salinha dos chapéus.

O velho mestre do vernáculo desejava qualquer apresentação do parlamentar a um diretor de repartição. Atarefado, alegando precisar estar no recinto onde um grupo de colegas o reclamava, o senador chegou-se a Mário Barreto, que se achava ao lado de Arinos, a um vão da janela, e disse-lhe:

— Escreva a carta expondo a pretensão, que eu voltarei para assinar.

E passou raspando a manga do casaco do sertanista. Arinos, imponente, rigorosamente trajado como um "dandy" moderno de Londres, olhava tudo aquilo com um ar de absoluta e serena superioridade. Dava a impressão de "gentleman" inglês metido acidentalmente num lugar de baixa condição...

Mário Barreto entrou na salinha, tomou ao servente Paulo uma caneta e, em dois minutos, redigia a carta.

Arinos continuava acompanhando os movimentos. Acabada a escrita, o marechal veio assiná-la, o que fêz sem ler. Despediu-se do filólogo e abalou novamente. Mário Barreto saiu.

Então Arinos, com a fisionomia aberta num ligeiro sorriso de indulgência, ereto e solene, parecendo até aquêle seu "Buriti Perdido" que se erguia em meio da floresta virgem, testemunha de todo o nosso passado "mais velho do que a raça", não se conteve. Espiou o Sr. Pires, que se sumia no recinto. Reparou no gramático, que carregava a própria missiva por êle arranjada. E sentenciou, falando ao Sr. Azevedo, que dêle se aproximava de braços abertos:

— Pela primeira vez em tôda a sua vida, êle deve ter assinado agora uma carta com a sintaxe em ordem e os pronomes nos séus devidos lugares. Parabéns à República!

E explicando o caso, Arinos divertia-se. O Sr. Azevedo, gabando-lhe o esplendor da saúde, também sorria, concordando que no Senado havia de tudo...

* * *

(In "Correio da Manhã", Rio de Janeiro, 23/2/1929).

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

A LINGUAGEM E O CONVENCIONALISMO SERTANEJO DE ARINOS

Lúcia Miguel PEREIRA

É por esparsos trabalhos de mocidade que Arinos nos é conhecido, nove contos e um romance feito às pressas, como folhetim. Todos os que com êle privaram e se sentiram atraídos por uma personalidade que deve ter sido na verdade de grande irradiação, humana e pitoresca, doce e imprevista, possuem a convicção de que ainda haveria de fazer muito. Infelizmente, só pelo que lemos lhe podemos aquilatar do valor. E por isso parece-nos algum tanto exagerado o seu prestígio. Examinemos em primeiro lugar os contos, que são no juizo unânime a parte mais importante do que deixou escrito.

Constituindo a linguagem um dos apoios da sua reconstituição, nem sempre a usou, entretanto, de modo a conferir aos diálogos o indispensável acento sertanejo. Senão vejamos: "Acresce mais", diz um camarada em *Assombramento;* "onde é que eu vou quando *a* deixo?" pergunta o amante da esteireira, que, por sua vez, emprega muito bem os pronomes: "quero vê-*lo*", "querem prendê-*lo*"; Joaquim Mironga diz que "o pátio estava soturno", fala na "*era* de quarenta e dois", nas coisas que "chegaram ao conhecimento do patrão e *o* fizeram ficar irado"; em *Pedro Barqueiro,* o narrador discorre de maneira elegante — "eis senão quando", "em chegando", "de longe em longe", "perigoso mandato", "a estrêla-d'alva, no céu escuro, parecia uma garça lavando-se na lagoa", "em cujas mãos o patrão o havia entregado". Além disso, os diálogos são todos na segunda pessoa, com perfeita concordância. Na *Garupa,* há a notar — "não era êle que *me* vinha carregando", "todos três irmanados dentro da mesma escuridão", quem *me* podia ajudar". Com isso adquirem as personagens um certo artificialismo e, o que é mais grave, traem a presença do autor, deixando ver a composição de que resulta o seu pitoresco.

É entretanto inegável que se encontra em Affonso Arinos a qualidade mestra dos regionalistas: o dom de captar a um tempo, repercutindo umas nas outras, prolongando-se mùtuamente, as figuras humanas e as fôrças da natureza. A alma elementar dos homens, as suas reações, os seus sentimentos refletem o meio em que vivem. Dos seus contos, três são bastante fracos: *Manuel Lúcio, Menestrel do Sertão* e *A Feiticeira;* nos outros, dos quais dois — *Assombramento* e *A Garupa* — são admiráveis, é que se deve buscar a sua concepção sertaneja; três giram em tôrno do Mêdo do sobrenatural, os citados e *Mão Pelada,* um do ciúme, *A Esteireira,* dois da valentia, *Joaquim Mironga* e *Pedro Barqueiro.* E na coragem, no amor bravio e no temor do mistério estarão certamente os traços predominantes dos primitivos. Foi com isso que construiu a sua obra de regionalista, superior à de ficcionista histórico.

Mas, certamente porque amou o sertão mais do que lhe pertenceu, ressentem-se os episódios que fixou de um tal ou qual encarecimento deliberado do pitoresco e da bondade da gente. As personagens parecem quase sempre arquitetadas para demonstrar um sentimento ou um traço característicos dos caboclos, e com isso perdem a naturalidade; as situações não decorrem do seu feitio, mas êste daquelas, numa inversão muito explicavel no gênero adotado por Arinos, mas que nem por isso deixa de representar uma fraqueza. Em *Pedro Barqueiro,* por exemplo, há talvez valentia e nobreza excessivas de parte a parte — tanto no escravo fugido como no narrador que o prendera à traição. Assim também parece exagerada, em nada anunciada pelo seu caráter, a fúria da *Esteireira* em quem se encarna abruptamente a ferocidade atribuída ao amor dos sêres elementares.

Por outro lado, comprometendo a unidade da narrativa, o autor intervém a miúdo, com explicações ou descrições cujo capricho literário destoa do tema. Em *Assombramento,* misturam-se a melhor e a pior maneira de Arinos, fazendo do conto um exemplar típico do seu poder de narrador e das suas deficiências de criador. Para delinear os tipos dos tropeiros, não lhes sabendo dar relêvo pela ação em que figuram, vale-se êle dos próprios recursos verbais. Vejase esta cena, onde o ambiente fica de muito superior às personagens: "Enoitara-se o escampado, e com êle o rancho e a tapera. O rôlo de cêra, há pouco aceso e pregado ao pé-direito do rancho, fazia uma luz fumarenta. Em baixo da tripeça, o fogo estalava ainda. De longe vinham aí morrer as vozes do sapo-cachorro, que latia, lá, num brejo, afastado, sôbre o qual os vagalumes teciam uma trama de luz vacilante. De cá se ouvia o resfolegar da mulada, pastando espalhada pelo campo. E o sincerro da madrinha, badalando compassadamente aos movimentos do animal, sonorizava aquela extensão erma.

As estrêlas, em divina faceirice, furtavam o brilho às miradas dos tropeiros que, tomados de langor, banzavam, estirados nas caronas; apoiadas as cabeças nos serigotes, com o rosto voltado para o céu

Um dos tocadores, rapagão do Ceará, pegou a tirar uma cantiga. E pouco a pouco, todos aquêles homens errantes, filhos dos pontos mais afastados desta grande pátria, sufocados pelas mesmas saudades, unificados no mesmo sentimento de amor à independência, irmanados nas alegrias e nas dores da vida em comum, responderam em côro, cantando o estribilho. A princípio, tìmidamente, as vozes meio veladas deixaram entreouvir os suspiros; mas, animando-se, animando-se, a solidão foi se enchendo de melodia, foi se povoando de sons dessa música espontânea e simples, tão bárbara e tão livre de regras, onde a alma sertaneja soluça ou geme, campeia vitoriosa ou ruge traiçoeira — irmã gêmea das vozes das feras, dos roncos da cachoeira, do murmulho suave do arroio, do gorjeio delicado das aves e do tétrico fragor das tormentas. O idílio ou a luta, o romance ou a tragédia, viveram no relêvo extraordinário dêsses versos mutilados, dessa linguagem brutesca da tropeirada". *(1)*

Trechos como êste, de requintes literários, espalham-se por tôdas as histórias — à exceção, creio, de *A Garupa,* talvez a sua obra-prima — denunciando como via as suas personagens de fora, sem conseguir senão muito raramente penetrar-lhes no íntimo.

Em compensação, quando se faz objetivo, seguindo de perto os gestos e sensações imediatas das personagens, atinge grande fôrça sugestiva. Estarão em *A Garupa* os seus melhores trechos sob êsse aspecto — na verdade todo o conto se desenvolve assim — mas fiquemos em *Assombramento* para evidenciar como vizinham e contrastam os seus dois modos de narrar. Sem lançar mão do mistério, com elementos naturais, logra entretanto comunicar ao leitor a sensação de pavor que dominou o tropeiro pernoitando sòzinho na casa abandonada: "Súbito, uma luz indecisa, coada por alguma janela próxima, fê-lo vislumbrar um vulto branco, esguio, semelhante a uma grande serpente, coleando-se, sacudindo-se. O vento trazia vozes estranhas das socavas da terra, misturando-se com os lamentos do sino, mais acentuados agora.

Manuel estacou com as frontes latejando, a goela contrita e a respiração curta. A bôca semi-aberta deixou cair a faca: o fôlego, a modo de um sedenho, penetrou-lhe na garganta sêca, sarjando-a e o arrieiro roncou como um barrão acuado pela cachorrada. Correu a mão pelo assoalho e agarrou a faca; meteu-a de nôvo entre os dentes, que rangeram no ferro; engatilhou a garrucha e apontou para o monstro: uma pancada sêca do cão no aço do ouvido mostrou-lhe que a sua arma fiel o traía. A escorva caíra pelo chão e a garrucha negou fogo. O arrieiro arrojou contra o monstro a arma traiçoeira e gaguejou em meia risada de louco:

— Mandigueiros do inferno! Botaram mandinga na minha arma de confiança! Tiveram mêdo dos dentes de minha garrucha! Mas vocês hão de conhecer homem, sombranções do demônio!

De um salto, arremeteu contra o inimigo; a faca vibrada com ímpeto feroz ringiu numa coisa e foi enterrar a ponta na tábua do assoalho onde o sertanejo, apanhado pelo meio do corpo num laço forte, tombou pesadamente.

A queda assanhou-lhe a fúria e o arrieiro, erguendo-se de um pulo, rasgou numa facada um farrapo branco que ondulava no ar; deu-lhe um bote e entrincou nos dedos um como tecido grosso. Durante alguns momentos, ficou no lugar, hirto, suando, rugindo.

Pouco a pouco, foi correndo a mão cautelosamente, tateando aquêle corpo estranho que seus dedos arrochavam: era um pano de sua rêde talvez, que o Venâncio armara na sala da frente.

Neste instante, pareceu-lhe ouvir chascos de mofa nas vozes do vento e nos assovios dos morcegos; ao mesmo tempo percebia que o chamavam lá de dentro — Manuel, Manuel, Manuel — em frases tartamudeadas. O arrieiro avançou como um possesso, dando pulos, esfaqueando sombras que fugiam.

Foi dar na sala de jantar, onde, pelo rasgão do telhado, pareciam descer umas formas longas, esvoaçando, e uns vultos alvos, em que por vêzes passavam chamas rápidas, dançavam-lhe diante dos olhos incendiados.

O arrieiro não pensava mais. A respiração se lhe tornara estertorosa; horríveis contrações musculares repuxavam-lhe o rosto e êle, investindo as sombras, uivava:

— Traiçoeiras! eu queria carne para rasgar com êste ferro! eu queria osso para esmigalhar num murro!" *(2)*

Aqui não foram necessárias digressões, nem extremos de côr local, para tornar convincentes tanto a personagem quanto o quadro. Não são porém sempre dêsse teor as suas histórias, cuja coesão é muitas vêzes destruída pela disposição psicológica do autor — a do homem civilizado, requintadamente civilizado mesmo, numa busca intelectual e sentimental da vida agreste. Mas, ainda assim, é como contista que melhor se manifestam os dons de criador e observador de Affonso Arinos.

O romance *Os Jagunços,* inspirado pelo episódio de Canudos, ressente-se, não só de haver sido escrito apressadamente, para folhetim, como de se passar em ambiente desconhecido pelo autor. Por isso a primeira parte, decorrida antes de se fixarem os jagunços no arraial de Belo Monte, como chama a Canudos, é nìtidamente superior à segunda, contém algumas cenas de bom pitoresco. Longo, porém, em excesso, e um tanto descosido, não é de crer que, pôsto ao alcance do público, pudesse acrescer a fama de Arinos.

Nêle mais do que em *qualquer* outra das suas obras, sente-se a incômoda presença de um certo convencionalismo sertanista.

* * *

(1) Pelo Sertão, *4ª edição, Briguiet, Rio, 1936. Histórias e Paisagens, Livraria Francisco Alves, Rio 1921.*

(2) Pelo Sertão, págs. 15-16.

(De *Prosa de Ficção (De 1870 a 1920)*, pág. 191 a 195).

AFFONSO ARINOS E O SERTANISMO

Nelson Werneck SODRÉ

A crítica e a história consagraram como a grande figura do regionalismo brasileiro a Affonso Arinos. Tudo o que se tem escrito a seu respeito, até agora, entretanto, carece de fundo analítico, fica na superfície de um tratamento inadequado em relação a uma apologética que mereceria encontrar uma base melhor. Não faltaram a Arinos, efetivamente, qualidades literárias. Sua prosa foi sempre simples, colorida, limpa dos excessos do linguajar. Nem permitiu que os matutos falassem na sua ficção a linguagem cotidiana. Contornou hàbilmente o terreno ingrato e falso dessa deformação primária e encontrou autenticidade por outros caminhos. Refugou sempre, ainda, a descaída para a frase redonda, para o artifício artesanal, embora, nos trabalhos póstumos, já seja fácil notar uma evolução para o modêlo dominante, para a submissão a uma linguagem trabalhada, ainda que não houvesse exageros nesse sentido.

Na forma concisa do conto, Affonso Arinos deixou tudo o que o caracterizaria e lhe asseguraria um lugar importante nas letras brasileiras. Nessa forma, conseguiu superar, provàvelmente, as deficiências que, no campo muito mais amplo do romance, surgiriam com evidência gritante. Há, sem dúvida, muito de intencional e muito de convencional nas suas personagens, e ainda nas suas paisagens. Viu as criaturas de fora, alheio ao que elas possuíam de íntimo, a sua fôrça natural, o sentido mesmo de suas existências. Nesse europeu de cultura, a posição sertaneja parece sempre postiça e incômoda — não lhe vem da identificação mas apenas da simpatia e, se é certo que isso lhe dá possibilidade para oferecer meia dúzia de histórias interessantes, não lhe permite aprofundar a transposição. Os matutos não são bem assim — êle é que os deseja assim — e no seu processo, apesar da clareza, da limpidez narrativa, existe uma carga de romantismo que transparece à mínima observação. Apoucada é a realidade de suas figuras, recortadas à maneira impressionista, apanhadas em flagrantes rápidos, que as deixam indefinidas, mais idealizadas do que realizadas. A valorização unilateral de certas qualidades, infundidas pelo autor nas personagens, como que as mutila, leva-as para um requinte que não poderiam ter as suas correspondentes da vida real. O meio social, de outro lado, desaparece totalmente, deixando as figuras sôltas, abandonadas numa paisagem que, se é levantada sôbre reminiscências, não está isenta da contribuição literária.

Sob certos aspectos, e fora da época, Arinos colocou-se na posição dos que opunham o homem do interior ao homem do litoral, como forma de frisar o sentido nacional daquele, o que foi uma atitude do sertanismo, muito mais do que do regionalismo, de tudo o que caracterizou a influência romântica, e não daquilo que recebeu o positivo e o melhor da fórmula naturalista. Nem se preocupou com a fidelidade de observação que foi um dos motivos repetidos dos regionalistas, que o levaram ao excesso. Pecou por falta, nesse sentido, e o sertão que oferece é bastante alterado pela intervenção do ficcionista. "Amou o sertão mais do que lhe pertenceu", afirmou um crítico, com justiça (1). Por tudo isso, embora as suas histórias sejam fáceis, agradáveis mesmo de se ler, parece que elas não nos transmitem a impressão que o autor desejou, não nos apresentam o sertão e o sertanejo, e, assim, houve uma valorização demasiada do seu papel em nossa literatura, o que está longe de significar, certamente, que deva ser apoucado e desprezado.

* * *

(1) *Lúcia Miguel Pereira, História da Literatura Brasileira, v. XII, Prosa de Ficção (de 1870 a 1920), 2.ª edição, Rio, 1957, pág. 192.*

Em excursão pela Suíça, com a mulher e o cunhado Antônio Prado Jr. e um amigo. Entre 1910 e 1911.

ASSOMBRAMENTO:
O MATUTO SEGUNDO ARINOS

Carlos Roberto **PELLEGRINO**

Tomemos Affonso Arinos, o contista, o excêntrico sertanejo de boas falas, pela sua obra-prima — Assombramento — do livro "Pelo Sertão".

Considerássemos exclusivamente o contista sob o ângulo das técnicas literárias, preocupando-nos ùnicamente com formalismos de uma estética rígida, como certos intransigentes e exagerados críticos que perscrutam nas entrelinhas de um conto as raízes por onde chegou o autor, acreditando-se nas suas múltiplas opiniões extravagantes, teríamos o primitivo Renovador.

Affonso Arinos não se deixou impressionar por êste caotismo estrutural. Corajoso e consciente desafiou, entre rompantes comedidos, aquela tôda estrutura do romantismo agonizante de seu tempo. Há quem o tenha por "meio-romântico", conforme diz Sílvio Romero, na sua História da Literatura Brasileira.

Levado pelo combativo sentimento de brasilidade, vislumbrando a falência de um rigorismo estético, divorciou-se daqueles princípios, iniciando não exatamente o regionalismo, o que seria o descrever certo fato em determinada região (Minas, Bahia ou Nordeste), mas um sertanismo genérico, a seu modo delicado. Como Graça Aranha, Euclides da Cunha e outros, Affonso Arinos acreditou na realidade dos vaqueiros das gerais, construindo aquilo que é autênticamente nosso.

Em Assombramento, considerado seu melhor conto, desenvolve uma gostosa fluência de linguagem utilizando-se do recurso das frases redondas, em estilo curto e sêco. Jamais ultrapassa os limites de sua narrativa perdendo-se em digressões desnecessárias, senão o que de essencial para o seu narrar.

Podemos classificá-lo, conforme Massaud Moisés (*in* A Criação Literária, Ed. Melhoramentos, 1967, págs. 114-115) entre os contistas de linguagem direta. "Assombramento" enquadra-se no tipo de conto de atmosfera, quando o leitor experimenta sentimentos idênticos aos dos personagens. E', como se pode dizer, um conto de emoção.

Mesmo não se envolvendo entre seus próprios personagens, ao contrário de Guimarães Rosa — tão vaqueiro como seus vaqueiros — permite ao leitor que se imiscua nas tramas levando-o a conceber, subjetivamente, uma posterior conclusão; "Porque será que os tropeiros, ainda em risco de forçarem as marchas e aguarem a tropa, não pisavam ali?" Pelo seu descrever anterior sabemos que os tropeiros receavam as "almas penadas", os fantasmas. Tal afirmativa é ulterior, como se o autor arrancasse, primeiramente, alguma opinião do seu leitor.

As minúcias no descrever arrebatam-nos. Jamais negou os absurdos tidos pela crença folclórica. Permite, ao personagem, a livre mitificação sem nunca deixar-se responsável, como autor, por aquelas crendices. Enquanto certos regionalistas lançam aos seus personagens as ameaças da mula-sem-cabeça, lobisomem e outras crendices populares, Affonso Arinos limita-se a entregar-lhes a certeza dêsses fenômenos absurdos. Assim pois encontramos o romântico Affonso Arinos sertanejando-se. Talvez o mais grave pecado em que tenha incorrido foi o excessivo cosmopolitismo do sertão. Descreve sôbre o vaqueiro sem contudo deixar-se levar por aquela lingüística característica, como no caso de Guimarães Rosa. Em certo trecho de "Assombramento" diz Venâncio: "— Ora! pelo buraco da fechadura não entra gente, estando bem fechadas as portas. A resto, se fôr gente viva, antes dela me jantar eu hei de fazer por almoçá-la...", jamais um vaqueiro como Venâncio diria em tal modo. Affonso Arinos carece de uma maior integração com o ambiente sócio-psicológico, do sertão.

Nota-se uma certa insegurança de estilo, perfeitamente justificável por ainda estar adstrito aos rigorismos românticos contra os quais investe discretamente. Temos uma prova no quando diz um seu vaqueiro: "— Ché, povo. Tá chegando a hora." Sentimos a sua angústia por restrições de estilo. Enquanto pouco acima temos um sertanejo erudito, ja mais embaixo aparece de maneira autêntica.

Nelson Werneck Sodré comenta Affonso Arinos: "Viu as criaturas de fora, alheio ao que elas possuíam de íntimo, a sua fôrça natural o sentido mesmo de suas existências. Os matutos não são bem assim — êle é que os deseja assim — e no seu processo, apesar da clareza, da limpidez narrativa, existe uma carga de romantismo que transparece à mínima observação." (*in* História da Literatura Brasileira, Ed. Civilização Brasileira, 1964, págs. 114-115).

Sentimos em "Assombramento" o arraigado romantismo naturalista, "... irmã gêmea das vozes das feras, dos roncos das cachoeiras, do murmulho suave do arroio, do gorjeio delicado das aves e do tétrico fragor das tormentas..." Entremeava o realismo com descrições de um lirismo único do romantismo cansado de sua época. Mas nem por isso deixava de considerar a simplória beleza do sertão. Em seu conto "Buriti Perdido", ainda de *Pelo Sertão*, temos a mostra da sua fôrça descritiva carregada do exacerbado lirismo.

Num breve confronto entre o regionalismo de Affonso Arinos, (mais um sertanismo genérico) e Guimarães Rosa, diríamos que Affonso Arinos iniciou esta fase literária, dando o necessário valor às coisas do sertão. Abriu caminho para uma autêntica literatura brasileira e sedimentos de uma futura língua nossa, tão bem explorada por Guimarães Rosa. Enquanto Affonso Arinos procurou descrever o sertão, Guimarães Rosa se fêz vaqueiro.

Affonso Arinos, hoje legado a injusto esquecimento, é fonte primeira para um estudo sério pelos que enveredam pela literatura regionalista. De hoje, o que é inegável, caminhamos para uma autonomia lingüística, demos graças a êle, a *Assombramento, Pedro Barqueiro, Joaquim Mironga,* seus melhores contos.

A MISERICÓRDIA DE ARINOS

Mário **CASASANTA**

Os contos de Affonso Arinos revelam bem a sua extraordinária misericórdia. Devia ter o condão de adivinhar as lágrimas escondidas, os soluços estrangulados, as dores sufocadas dentro de todos os sêres, que encontrava no seu caminho. O que a muitos passaria despercebido, como coisa mínima e insignificante, não o passaria diante de seus olhos profundos e piedosos. Profundos, para perscrutar. Piedosos, para amar e consolar.

Um idiota perdido nas terras dentre Goiás e Minas, uma velhinha que enxuga, com a barra da saia, as lágrimas por um filho demente, uma árvore solitária do descampado — tudo isto que passaria, sem nos falar, sob os nossos olhos indiferentes, teve o dom de lhe suscitar uma emoção alta e profunda, que ainda hoje nos contagia de sua vibração.

E então o *Manoel Lúcio*? Caboclo bom, destemido e pudico, com tantos méritos para ser amado, comove-nos a sua estranha timidez perante essa esquiva D. Bárbara, cujo perfil mal se nos delineia, com um risco de desdém num canto da bôca. Êle, que era tão grande e não forte, arrastou uma existência de sacrificado, morreu por ela e nada lhe disse que significasse o seu amor.

Comove-me deveras essa boa criatura. A sua vida humilde é o seu destino heróico. Não me conformo com o seu martírio sem compensação.

Lutou: e por que não venceu? Era digno de amar: e por que não foi amado? Foi um bom: e por que a vida não lhe foi boa?

O que me consola é que, possìvelmente, êsse Manoel Lúcio não existiu. Foi talvez uma figura simples e pobre que, por momentos, prendeu os olhos de Affonso Arinos. Não lhe conhecendo o passado nem vindo a conhecer-lhe o futuro, Arinos o construiu com as fugitivas impressões dêsses momentos, tal qual nos faz conhecê-lo, leal e firme no seu amor, até o sacrifício e a morte.

E assim penso porque, se de um monstrengo, contente na sua estupidez, fêz uma grande figura dolorosa e se de um buriti poderoso e vicejante a se erguer solitário numa campina, fêz uma árvore melancólica e lendária, como o sobrevivente de todo um mundo desaparecido, não é também para admirar que de um gesto aflito de um simples diante de uma mulher sedutora, rica e desdenhosa, compusesse essa enorme tragédia muda, sem gritos nem soluços, que se passou no coração angustiado de Manoel Lúcio, através de tôda a sua vida. Tragédia enorme, mas tão serena por fora, que porventura nem mesmo a percebesse essa esquiva donzelinha "de olhos buliçosos como dois potrinhos bravos"...

Ela passa, num pequeno palco, igualmente calada. Mas que diferença, talvez, entre um e outro silêncio!

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

A UNIDADE DA PÁTRIA

Affonso ARINOS

Dizer que certas criações literárias duram mais que a obra de granito é repetir uma verdade corriqueira. Mas, quando elas duram assim é porque encarnam e exprimem um alevantado ideal, onde os corações humanos enfeixam e sintetizam suas aspirações de aperfeiçoamento. Há dois milênios ostenta Aquiles a sua indomável coragem, a sua orgulhosa fôrça; há tanto revela Ulisses o seu matreiro engenho. Fausto durará como a catedral de Colônia; e Adamastor, enquanto estourarem maroiços nos alcantís do promotório, mostrará ao navegante audaz a sua horrenda catadura entre os veus pardos da nuvem.

Na nossa ainda pobre literatura, desconhecida no estrangeiro, já temos, felizmente, criações que calaram no sentimento brasileiro; é que no seatir geral exprimem, de maneira concreta, o tipo nacional e de certo modo personificam a pátria.

Assim, o Brasil americano, o Brasil deseuropeirado, o Brasil soberano e independente, é geralmente representado por um indígena, que o povo se compraz em figurar em Peri. E a aplicação do nome Iracema, do norte ao sul, a tantas das nossas gentis patrícias, algumas já celebres, não denota que na heroína de Alencar muita gente nossa encarna seu ideal de graça, de doçura e fidelidade femininas?

Quem pode falar em Ceará sem evocar ao mesmo tempo a meiga gentia, cujo pé sutil roçava apenas a terra como a fôlha ao bafejo da viração; cuja graça arrisca e cujos olhos negros e doces lembravam a veada mateira; cuja amorosa ternura e fidelidade desmereciam entre nós, por seu cunho nacional, as heroínas do romantismo europeu?.

Pois agora, aquela que foi a virgem dos lábios de mel, aquela que rescendia os mais suaves perfumes do manacá e do benjoim, ora espôsa e mãe, ingratamente desamparada. mais infeliz do que Agar, arrasta pelos chapadões torrados de canícula, não o seu Ismael, mas milhares de filhinhos, famintos, e sedentos. Ei-la cambaleando pelas estradas poentas dos cerrados inóspitos, atravessando os leitos ressequidos das lagoas, seguindo a pé enxuto os álveos arenosos dos rios, acompanhada e mordida sempre em meio da amplidão, ferozmente irradiante, pelas lâminas de fogo do sol equatorial; vacila e cai; vai morrer se não corrermos em seu socorro. Vinde, donzelas! Vinde, espôsas! Vinde mães! Iracema estende-vos a mão súplice; levantai-a! Ela representa e personifica a terra luminosa do Ceará!

O CEARÁ E AS SÊCAS

Estamos aqui reunidos para prestar o nosso concurso aos organizadores do socorro às vítimas do flagelo, que, periòdicamente, desde o primeiro século posterior ao da conquista e povoamento do seu território, tem martirizado o país das carnaúbas e dos jangadeiros.

No século XVIII, de 1710 a 1800, há memória de sete grandes sêcas; no século XIX, conhecem-se doze; no século XX, é esta a segunda vez que aparece o flagelo. Os astrônomos observam que o fenômeno, ocorrendo de onze em onze ou de doze em doze anos, coincide com a menor quantidade de manchas no sol e com o período da revolução de Júpiter, calculado em 4.333 dias.

No meado do século XIX, o flagelo foi terrìvelmente devastador. Mas foi êste o período dos grandes estadistas do Império. Embora a renda anual do Brasil de então não atingisse a cem mil contos, com a obrigação de sustentar aos Estados, tendo uma circulação fiduciária de apenas 60 mil contos, pôde o govêrno imperial correr em socorro dos flagelados e teve dinheiro e crédito para despender, em auxílio de tôda a espécie, cêrca de quatro milhões de libras esterlinas, ou oitenta mil contos ao câmbio de doze dinheiros. Mas, naquele tempo, o Brasil era um país atrasado, que tinha o carrancismo de pagar sem rebate o que devia .... Depois de setenta anos de progresso, o nosso chupado Tesouro de agora não teve mais de trezentos contos para acudir à calamidade.

Apesar das catástrofes, o Ceará nunca deixou de crescer em população, computada hoje em um milhão de habitantes; e é daquele ninho de caboclos, de dentes aguçados e canelas finas, que o Brasil tira as pugnazes energias para as fileiras dos seus bons soldados e para as levas aventurosas dos seringueiros, que vão disputar à morte nos marnéis pestíferos do Amazonas o "latex" precioso

A SOLIDARIEDADE NECESSÁRIA

Em todos os tempos, a felicidade, gerando o egoísmo, dissocia os homens; mas, a desgraça tem geralmente o poder de despertar-lhes o sentimento de solidariedade, como um instinto de defesa contra o perigo comum. E neste sentido é ela mil vêzes mais proveitosa e cheia de lições do que a ventura sem mácula. Sôbre o Brasil inteiro pesa neste momento o infortúnio. A hora, pois, é propícia para que nos acerquemos uns dos outros como o gado à aproximação do tigre. O gado, é certo, tem um chefe desvelado e forte, que opõe ao inimigo a rijeza dos músculos e das hastes aceradas...

O flagelo do norte é um mal tremendo; mas êsse mal passará mais depressa do que o morbo cruel, que chumba no leito de acúleos a pátria inteira: a mentira democrátida, a mentira judiciária, a mentira educacional, a mentira financeira, em que nos afundamos como no mais horrendo dos atoleiros. Mão estranha não se nos estenderá para tirar-nos do mortal perigo; só poderemos livrar-nos dêle com os meios e recursos que a nossa boa razão nos descobrir e a nossa energia nos fizer executar.

Ocupando a décima quinta parte da superfície sólida do planêta, temos que dar conta dêste vasto patrimônio à humanidade. E seremos desapossado dêle por uma lei inelutável de justiça histórica, se a nossa incapacidade nos condenar à falência, no govêrno autônomo de nós mesmos.

Teremos elementos que nos permitam desempenhar no mundo a missão destinada a cada povo na obra coletiva do progresso humano?

Temo-los, sem dúvida, e devemos afirmá-lo com fôrça; temo-los e precisamos tirá-los de nós mesmos, para o que, em vez de vivermos voltados para o exterior, como atôres, do palco para platéia, nos cumpre olhar para nós mesmos, volver à fonte verdadeira da nossa vida, às energias que nos permitiram ocupar, através de fadiga sem conta, o nosso vasto território.

Conversando um dia no velho mundo, um estrangeiro modesto e de grande talento, que nos visitara, procurando conhecer o nosso caráter, as nossas qualidades, os nossos defeitos, notou êle desde logo, não sem certa surprêsa, que o Brasil possuía homens de superior cultura em todos os seus centros populosos ou perdidos na vastidão do país, mas que tôdas essas fôrças estavam dispersas, sem um centro de agremiação, de modo a não se poderem juntar nêm mesmo se conhecer: isso privava-as de ação e condenava-as à absoluta inutilidade. Realmente, o Brasil está de tal modo regionalizado, que, para as nossas Províncias não ficarem absolutamente estranhas umas às outras, é preciso um grande esfôrço no sentido de fortificar-se a unidade moral da pátria.

Nenhum povo teve històricamente ao seu dispor, no comêço da sua vida soberana, tão extenso território como o nosso; os Estados Unidos, que são agora senhores de maior parte de terreno do que nós, começaram com as treze colônias entre o Mississipi e o Atlântico; o resto, isto é, a grande maioria do país, foi adquirido por conquista, como o Texas e Califórnia, ou por tratados internacionais, mediante compra a dinheiro, como a Flórida, cedida pela Espanha, a Luisiânia, pela França, e Alaska pela Rússia.

Nós tivemos a felicíssima circunstância de não usar, então vasto domínio, de língua ou dialeto que não seja a língua portuguêsa, compreendida pelo igariteiro do Amazonas ou pelo gaúcho do sul. E somos o único povo da América a exprimir-nos em tal idioma. Não tivemos núcleo importante de sectários de religião estranha formando pontos de oposição por diversidade de crenças entre uma parte e outra da população brasileira. Nenhum domínio estrangeiro, apesar de tantas incursões e tantas tentativas de conquista, prevaleceu no nosso território senão o da nossa metrópole, que nos impôs a língua e as instituições e presidiu tranqüilamente a formação de um povo ètnicamente estranho ao seu, por entrarem nêle elementos de sangue indígena e africano. E esta fusão, que não existe em tão grande escala em nenhum outro povo americano, operou-se, com o concurso do próprio dominador, que, desde os primeiros dias, fomentou o cruzamento com a indígena e mais tarde com a africana. Não temos, portanto, em nosso seio uma raça dominada, considerada inferior e por isso hostilizada como a raça negra nos Estados Unidos; não temos, como o México, a América Central, a Bolivia, o Peru etc., uma enorme massa de população indígena absolutamente inadaptada à nossa civilização. A unidade política do nosso país fêz-se, apesar das diferenças do seu aspecto físico, das revoluções políticas, tôdas circunscritas a uma pequena área do território brasileiro, e apesar da independência de fato dos governos das capitanias, nominalmente ligadas a um govêrno central e, nos últimos tempos da colônia, dêle desligadas para ficarem diretamente subordinadas à metrópole, a fim de, por êste meio, obstar-se a independência do Brasil.

Mas, desde os primeiros dias, o povo brasileiro quis por si próprio ficar brasileiro. E a prova disso está em que, quando a insurreição pernambucana se erguia para derribar o domínio holandês estabelecido no nosso país, onde durou quase trinta anos, Portugal era aliado da Holanda contra a Espanha e nas fileiras dos insurretos pelejavam juntos contra o Holandês, na estreita comunhão do sangue e do fogo, os três elementos constitutivos do povo brasileiro — o colono branco, representado em Fernandes Vieira, o negro em Henrique Dias e o caboclo em Camarão.

Ora, depois do grande esfôrço de mais de três séculos para a unidade nacional, que é o nosso mais precioso bem, os estudantes, que fizeram a nossa reconstrução política após a proclamação da República, plagiaram quase sem discrepância, para aplicar-nos a constituição norte-americana, criada especialmente para um povo cujas circunstâncias típicas se não podiam reproduzir entre nós. Basta dizer que entre as colônias ou províncias norte-americanas, separadas e independentes umas das outras, a federação era o único laço possível de união entre interêsses opostos, enquanto, entre nós, a federação, tal como foi aplicada, separando violentamente as províncias antes unidas, é o caminho do desmembramento.

Por isso, a grande obra moral, que incumbe a mocidade mineira, neste momento terrível da nossa vida, é a de reunir-se a de cada um dos Estados, numa *Liga do bem-comum*, numa cruzada sacrossanta em bem da unidade da pátria. É preciso que as fôrças esparsas da cultura brasileira se congreguem, se toquem, se reconheçam, pois certamente comungam na mesma aspiração pelo bem-comum. Note-se que a unidade nacional é perfeitamente compatível com a grande descentralização administrativa necessária pelas enormes diferenças geográficas do nosso território. Unidade nacional não quer, pois, dizer govêrno unitário.

A UNIDADE NACIONAL PELO POVO

Esse dever de aliança para a ação compete tanto mais à classe culta, quanto, até agora, quem ainda mantém a união brasileira não são os homens superiores, mas o povo. É o baiano vindo em numerosos bandos, a pé, a cavalo e em barcos, para trabalhar nos cafêzais de São Paulo, e volvendo aos lares para celebrar ao som da viola e do caxambu, no meio de descantes característicos, as festas da padroeira; é o cearense, partindo dos sertões do Araripe e do Içó para levar a vida e o trabalho às florestas misteriosas do Amazonas; é o mineiro, rompendo para o sul e para o norte a ocupar terras e explorar os rios; é o marmeladeiro de Santa Luzia de Goiás, que leva o seu doce ao seringueiro do Pará; é o apanhador de poaia de Mato Grosso; é o mercador de guaraná do Arinos e do Tapajós; é o muladeiro do sul; é o cavalariano do norte; é o barqueiro, de peitos calejados à ponta de varejão, a carregar pacientemente à inclemância do sol, refletido na superfície polida dos rios, e aos calafrios das maleitas, as mercadorias para o escambo, em pontos opostos do Brasil; é o tropeiro, de cujas dores é às vêzes única testemunha o seu lote silencioso a grimpar morros e descer vales, em caminhos por onde nunca passou a engenharia oficial; é o boiadeiro, que, deixando mulher e filhos na sua casinha barreada junto à touça de bananeiras e perto do córrego, se afunda nos sertões de Mato Grosso ou de Goiás para vir, boiando e gemendo pela chapada, aos latidos da ventania e aos açoites do aguaceiro, tanger o gado até às invernadas próximas do litoral. E tôda essa gente, que trança, lida e sofre, vai tecendo a rêde de solidariedade da população brasileira, sem rivalidades de nascimento, nem de língua, nem de religião.

Nunca me há de esquecer a cena edificante que se me deparou em uma excursão de São Paulo a Mato Grosso, em janeiro de 1911, no princípio do período presidencial anterior ao atual. Pouco antes me surpreendera no Rio a revolta da Ilha das Cobras. Da casa de um amigo, à Praia do Flamengo, onde me hospedara, despertou-me pela madrugada o canhoneio. E a mortandade e destruição que se lhe seguiram, de brasileiros contra brasileiros, sem causa conhecida, tendo a aparência, não de uma reivindicação de direitos conculcados, mas de uma explosão bárbara de indisciplina, faziam temer pelo futuro do povo, em cujo seio tais fatos podiam produzir-se.

Mas, quando, menos de dois meses depois, atravessava a vasta região florestal, que medeia entre Bauru e a margem do Paraná, numa extensão de quatrocentos quilômetros, e via o trabalho brasileiro arrancar ao domínio das feras e do gentio bravo uma enorme região indicada ainda a pouco nas cartas geográficas como sertão desconhecido; quando presenciava o duelo gigantesco, travado entre uma legião de operários nacionais e a natureza feroz, que, despertada do seu sono milenário, despediu contra os audazes invasores uma coorte de enfermidades, onde a febre perniciosa corria parelhas com a úlcera maligna, conhecida pelo nome de úlcera de Bauru; quando via o grupo de inválidos e mutilados escapos dessa luta, imbecilizados pelo sofrimento, com braço ou perna amputados; quando, finalmente, verificava que dêsse milheiro de operários uns cinco por cento apenas eram estrangeiros e a enorme maioria formada de baianos, pernambucanos, rio-grandenses do norte, sergipanos, cearenses, paraibanos, mineiros, fluminenses, paulistas, fundidos, irmanados, nos mesmos perigos e vicissitudes fecundando generosamente com o seu suor e o seu sangue o sertão bravio, deixando centenas de cadáveres, esparsos neste vasto campo de batalha — eu compreendia que um povo que assim peleja e assim pena tem e terá o seu lugar entre os dominadores da superfície da terra.

A travessia do Paraná nesse ponto do Japiá onde não se pôde construir ponte devido principalmente às horríveis febres reinantes, era feita por um rebocador cujo pilôto e cujo maquinista eram crioulos mineiros de Januária e de Morrinhos... Além disso, na alta e bela campina mato-grossense, onde prosperam os criadores um mineiro de Três Pontas, o velho Trajano, assentara a sua cabana há mais de trinta anos, fugindo, como dizia, à ação do govêrno, que êle temia como um duende; mas lá o foi surpreender a locomotiva, espantando as antas e o gado bravio das bordas das Três Lagoas. E a primeira povoação de Mato Grosso, fundada à margem da primeira linha férrea daquele Estado, ergueu-se em terrenos do velho mineiro explorador de sertões e fecundador do deserto.

Na obra tão pouco sabida e tão importante de uma parisiense heróica, Madame O. Coudreau, que rematou brilhantemente os grandes trabalhos científicos de seu marido nos rios desconhecidos da Amazônia, vemos no grupo exíguo de bateleiros e camaradas da sua expedição pelo rio Canumã, afluente do Madeira, filhos humildes do povo de Minas Gerais, que não precisam de emprêgo do govêrno, nem de ajuda de custo, nem de passagem paga, para romperem daqui as lezirias do Amazonas ou as campinas do Rio Grande do Sul.

O DEVER DAS CLASSES SUPERIORES

Nesse grande esfôrço anônimo e por assim dizer subterrâneo, tal o dos lençóis d'água na formação dos ribeiros, forma-se a trama popular da nossa nacionalidade, com as suas lendas e tradições comuns, voando de sul a norte e de norte a sul nas asas irisadas da canção popular.

Mas, ao trabalho anônimo e inconsciente do

povo baixo corresponde o esfôrço bem norteado e consciente das classes superiores? Não, absolutamente não! Dá-se no Brasil uma anomalia: as classes populares são relativamente superiores em moralidade às classes elevadas. Como corpo político o povo brasileiro não existe. Êle é governado por um grupo diminutíssimo, por uma reduzida e pouco brilhante aristocracia, que não tem como a chilena a sua base na propriedade da terra cultivável, mas na burocracia militar e civil. Sem ter parte no govêrno, o povo não tem culpa nem dos abalos políticos ou das revoluções, nem da desorganização administrativa, nem dos desmandos de tôda a ordem, nem da conseqüente penúria financeira. Êle não tem culpa e êle sofre, sofre mais do que os grandes, visto como nas calamidades é sempre o pobre o mais atingido. Êle continua resignadamente a lavrar a terra, a plantar o milho, a criar suas galinhas, seus porcos, suas vacas, a benzer as bicheiras do gado, a rezar o seu pai-nosso e a ser mais ou menos chupado de barbeiro e de impostos. Êle continuará assim, dócil, paciente, resignado, cantando nas festas as suas litanias e chorando na viola suas penas. Êle não se revoltará e é impossível, no atual estado do Brasil, haver uma revolução realmente popular. Motins ou sedições pode haver, mas revolução nunca.

Não é, pois, do esfôrço popular que depende a salvação do país: o povo faz o que pode e dêle não se deve esperar mais. O exemplo vem do alto. É preciso um grande esfôrço das classes cultas, que estão na maioria agrupadas em tôrno das escolas de tôda a ordem, como corpo docente e discente. É preciso que êsses elementos dispersos se ponham em contato diário, congregando-se e organizando-se para a ação. E esta ação deve ser uma verdadeira campanha cívica para reerguimento do Brasil, taganteado pela imprensa do mundo como caloteiro e falido fraudulento.

A hora é decisiva. A própria soberania nacional está em risco e não poucos homens de responsabilidade contam certo com a tutela estrangeira, meta onde parará a nossa crise.

Embora reconhecendo os graves riscos da nossa situação, não devemos ser tão pessimistas. Há em nós fôrças vivas inesgotáveis de renovamento moral e regeneração. Para que elas possam exercer a sua ação redentora é preciso um ponto de apoio, um núcleo de agremiação para onde possam convergir tôdas as boas vontades.

Quando o mal é como êsse de que sofremos agora, êle toca a todos e o próprio instinto de conservação nos convida a defesa. Já é um consôlo e uma esperança vermos, tanto no govêrno federal como no do Estado, a compreensão do perigo e uma séria vontade de superá-lo; mas a obra de que falamos está fora e acima dos governos, porque é uma obra de regeneração social e política, devendo ser iniciada convictamente e propulsada do alto, dos homens cultos, da mocidade desinteressada e generosa, para a unidade nacional ou a formação da consciência brasileira. Enquanto as fôrças jazerem dispersas e desconhecidas; enquanto os nossos Estados continuarem estranhos e até hostis uns aos outros, a obra coletiva essencial à existência do Brasil será impossível e poderemos vê-lo fragmentado prostrar-se a pavilhões de estrangeiros, que venham aqui *cobrar o seu dinheiro*.

Há incontestàvelmente tamanho desdobrar de energias para o trabalho e o sofrimento na *ralé brasileira*, injustamente apodada de indolente, que temos direito de esperar um esfôrço análogo das classes superiores. Será possível que a instrução seja para a nossa gente um vinho demasiado forte, que lhe desequilibre o cérebro, quebrantando-lhe a virtude e desaçaimando-lhe as paixões baixas? Esperemos que não.

Em todos os países, a constituição verdadeira, a constituição real, volve e marcha a despeito das constituições escritas, porque os povos são organismos vivos, cuja evolução não se pode amoldar petrificada num quadro morto. Assim, embora a constituição americana não tenha sofrido reformas radicais, seu espírito mudou com o progresso dos Estados Unidos, e errará quem quiser achar hoje na terra dos trusts e dos bilionários o espírito simplista de Hamilton e Jefferson, que presidiram à elaboração da sua lei fundamental, no último quartel do século XVIII.

A mesma mudança se operou na Suíça, nos sete séculos da sua evolução histórica. Aqui e acolá, o traço característico dessa trajetória foi sem contestação a marcha da diversidade para unidade.

E, no ciclo hodierno, a tendência visível é para a formação dos grandes grupos humanos, que possam respeitar-se pela fôrça recíproca e equilibrar-se na dominação do planêta.

O momento, pois, é o da *grande pátria*.

A PÁTRIA E O PATRIOTISMO

O sentimento do patriotismo, que era piedade dos antigos, o culto de onde dimanavam todos os laços civis da família, e políticos do cidadão, ampliou-se e transformou-se quando o poder universal de Roma tornou inúteis os muros das cidade e arrastou para o capitólio as divindades locais. Depois, no esboroamento do Império, êle apagou-se ao ponto de só modernamente o vocábulo latino *pátria* ser introduzido nas línguas neo-latinas, com as modalidades peculiares a cada uma. Em França, só depois do reinado de Henrique II, no meado do século XVIII, entrou no uso vulgar a palavra *patrie;* e os nossos antigos escritores portuguêses não a empregavam, certamente por não existir com a mesma fôrça o sentimento por ela expresso.

Terra pátria era, nos primórdios da antiguidade clássica, algo de sacrossanto como o âmbito de um templo. Transformando-se, no decurso das eras, a idéia da pátria não representa menos a terra querida onde se encerram os restos dos nossos maiores, onde as tradições e os costumes são aquêles nos quais fomos criados, onde a língua é aquela em que balbuciamos as primeiras palavras, onde, no dizer do poeta, uma ilusão geme em cada canto e chora em cada canto uma

Affonso Arinos: 1912

saudade. Essa idéia, com a série de sentimentos dela decorrentes, constitui realmente um dos princípios diretores da civilização moderna.

O mais rubro dos socialistas, como Jaurés, considera a unidade nacional condição indispensável a unidade de produção e de propriedade, que é a essência do socialismo. A humanidade, pondera êle, "desde que não possa condensar sua ação em nações autônomas, pedirá a unidade a um vasto despotismo asiático. A pátria, pois, é necessária ao socialista. Fora dela, êle nada é e nada pode".

Apesar de transformado no decurso dos séculos, o patriotismo tem ainda um quer que seja de religioso. Com efeito, não existe o patriotismo onde não há o espírito de sacrifício. Não é patriota quem não esteja sinceramente disposto a dedicar à pátria ao menos um pouco do seu bem-estar, da sua própria fazenda, do seu egoísmo.

A nossa pátria não é essa terra opima da Promissão, onde os ares por tôda parte são deleitosos, e por tôda a parte pinguem as colheitas. Temos vastas regiões sáfaras e climas hostis, onde a vida do homem não é possível sem prévio e longo amanho da sua indústria, com os recursos que a civilização lhe pôs nas mãos. Mas, por isso mesmo que a nossa fera natureza tropical não se deixa domar senão pelo constante e inteligente esfôrço, tanto mais bela será o Brasil para o brasileiro, quanto mais até certo ponto fôr obra sua.

As dificuldades temperam a energia do nosso povo e poderemos amar com fervor as mais broncas serranias, os mais estéreis carrascais, como o islandês ama as desertas geleiras percorridas sòmente pelos elfos malignos. Por pior que seja a terra da pátria, é sempre aquela a que nos liga, no dizer do tribuno, tudo quanto nos tem precedido e tudo quanto nos vai suceder; a ela nos prende os que nos deram o ser e os que nasceram ou nascerem de nós; a imobilidade dos túmulos e o estremecimento dos berços. É ela, para cada um, a sua província, a sua cidade, o seu arraial, o seu sìtiozinho, com a sua paisagem familiar, aquêle trecho de solo que fazia um gaúcho exilado clamar expressivamente: "antes quero viver morto em Santa Maria da Boca do Monte, que viver vivo neste diabo de terra!"

Nela se renovam as cinzas dos antepassados: *pulvis veterum renovabitur*.

Mas além da pátria material e tangível, temos ainda a alma desta, o seu espírito vivificante, a pátria moral enfim, formada da história, da religião, da língua, das tradições, dos usos e costumes comuns. É essa pátria moral que nos faz compreender e amar a pátria material. Os antigos acreditavam no *genius loci*. Os gregos povoaram de numes os seus campos, os seus bosques, as suas fontes, as suas praias.

Nós temos também as nossas verdes colinas, os nossos límpidos regatos, as nossas maravilhosas cascatas, os nossos ares puríssimos, os nossos vales amenos cercados de árvores que são só dêste meio, alegrado pelo canto da passarada que é só dêste clima. Apesar da absoluta falta de gôsto dos nossos proprietários urbanos, apesar da anarquia arquitetônica, que faz das ruas modernas das grandes cidades brasileiras um museu de fealdades, a casa brasileira conserva o seu tipo tradicional na roça. É um encanto vê-la ainda do alto, caiadinha, na prega do morro, onde se aninhou sob o velho cruzeiro de pau, desbotado pelo tempo ou desconjuntado pela ventania. Ao lado, no desvão das serras ou à margem dos rios, as matas estendem em linhas caprichosas as frondes verdejantes, matizadas, nesta época do ano, pelas flôres do ipê, cujas fôlhas caíram tôdas para darem lugar a enormes ramalhetes amarelos, brancos e roxos, que, parecem, rebentaram do chão num espasmo luxuriante de primavera.

A essa paisagem casam-se as nossas cantigas, os nossos instrumentos rústicos, as histórias que nos embalaram os berços, a crença a cuja luz desabrochou o nosso curioso e inquieto espírito juvenil. Ao vê-la, nós sentimos logo como o escritor conterrâneo: êste céu puríssimo alentou as nossas esperanças de meninos; êstes ecos repetiram as nossas primeiras queixas, neste solo se embeberam as nossas primeiras lágrimas. A alma dessa paisagem para onde quer que andemos longe, nos segue de perto e acompanha — e chama-se a saudade; ela nos soa aos ouvidos em misteriosas melodias, onde flutuam, com o refrão de velhas canções, ladridos de vento no coqueiral, gorgeios de pássaros familiares; ela se debruça, à calada da noite, sôbre os nossos leitos, para murmurar-nos as suas confidências em forma de recordações do passado e acender no nosso ânimo as esperanças do porvir.

É ela, a alma da pátria, que ora toca e rebate no sino de cada uma das nossas capelas, concitando-nos a reunirmo-nos contra o perigo comum. É ela quem nos diz: eu tenho literatos e não tenho literatura; eu tenho professôres e não tenho ensino; eu tenho juízes e não tenho justiça; eu tenho soldados e marinheiros e não tenho exército nem marinha; eu tenho homens de Estado e preciso de govêrno; eu tenho um grande território e não sou ainda uma nação. Congregai-vos, dai-vos as mãos uns aos outros, estreitai os vossos laços de união, pois é esta a condição essencial da defesa contra o grande e eminente perigo; fazei enfim viva, palpitante, inquebrantável e fecunda a unidade da pátria.

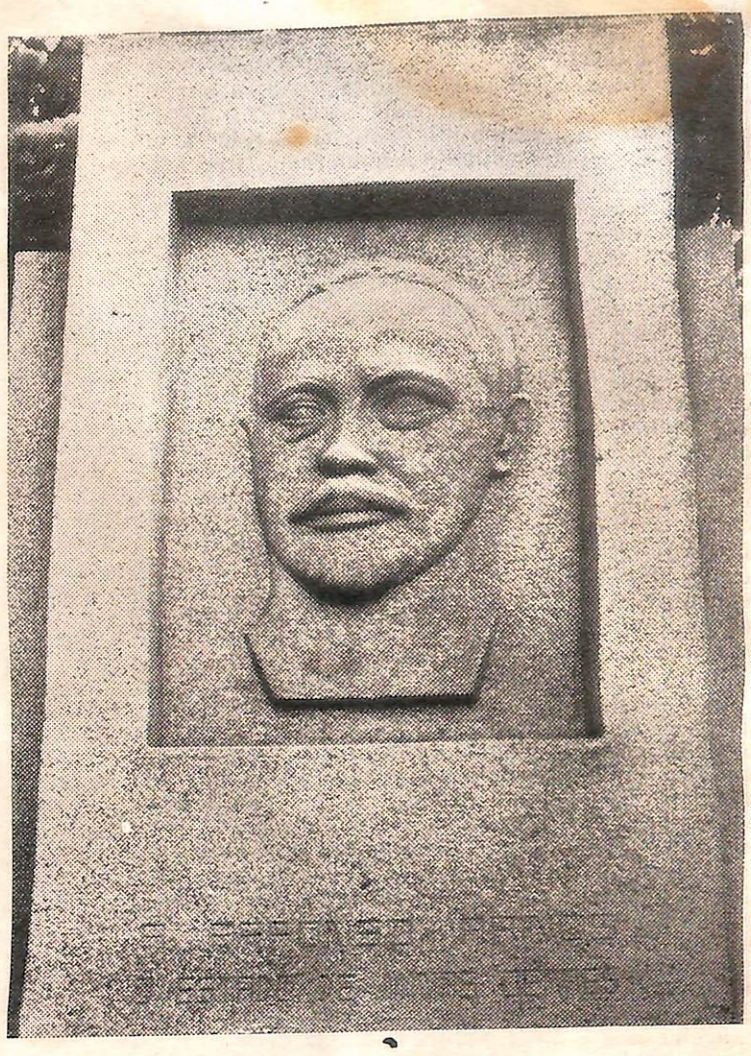
(Conferência pronunciada no festival realizado em Belo Horizonte, em benefício dos flagelados do Nordeste e publicado pela Livraria Alves em 1917)

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

SENSIBILIDADE AUDITIVA E VISUAL DE AFFONSO ARINOS

Mário MATTOS



Monumento a Affonso Arinos (detalhe) na praça que tem hoje o nome do escritor

Quantos já examinaram a obra do autor da "Unidade da Pátria" concordam em ponto simples: — o seu tom geral descritivo. Foi um pintor.

A parte de pensamento e observação no terreno da psicologia é diminuta. Além de diminuta, a observação decorre-lhe usual ou corriqueira, sem traço algum de profundeza. E' exata, é correta, é realista, mas sem laivos secretos de meditação séria.

Apreciável como nota saliente é a sensibilidade visual traduzida ou expressa por grande poder pictórico. Ainda quando trabalha sôbre o elemento humano, ainda quando se interessa pela vida e ação do homem, não teima no sentido de perscrutar-lhe os refolhos mais íntimos: procura, antes, desenhar-lhe a movimentação externa. E' vigoroso descritor de ação, de atos, de movimento.

Os problemas psíquicos não o atraem, nem o desafiam.

Seus personagens agem nas histórias relatadas por êle como atôres a desatar uma série contínua e conseqüente de cenas e de acontecimentos, encaixados em um padrão emocional definido: — a coragem, o mêdo, o heroísmo, a paixão... E conceituam-se por si próprios: — vivendo, atuando, lutando.

A obra de Arinos, sob êste aspecto, está cheia de movimento humano. Como já disse: — é homérica.

Os traços singulares, tanto do mundo exterior, como das figuras, gravam-se-lhe na placa da memória visual energicamente. E porque se gravam de modo indelével, quando êle os descreve copia a natureza, isto é, salienta-se pela naturalidade.

As descrições de Arinos, descontada a linguagem um tanto preciosa, são de todo em todo desprovidas de literatura. Mas, por isso mesmo, seduzem e impressionam pela fôrça do conjunto, pelo prestígio da singeleza Não há junturas e, nelas, não se percebe o esfôrço artístico, tal e qual como se dá com belos quadros que nos despertam emoção, sem que se saiba explicar o motivo estético. São tão perfeitos, que escondem o trabalho do artista. Parece que nasceram de poder superior ao homem. Têm o milagre da graça...

E' que só pinta bem quem viu melhor, como quem conta vivamente é quem ouviu ou observou com mais interêsse. O maior inimigo da arte é o artifício. O artifício e a imaginação. Imaginosos inventam; artificiosos, criam coisas, falas, sob o esmêro literário. Neste sentido é que se pode dizer que o classicismo proveio do artifício e do abuso de imaginação. Nêle não se encontram nem pensamento, nem impressões reais. Foi uma mentira. Um movimento filológico, quer dizer, mesmice literária. Quem leu um, leu todos os clássicos.

Engano comum é atribuir teor clássico ao estilo de Arinos, julgando-o pela simples aparência. A correção não quer dizer nada. O que êle é, sem dúvida alguma, é estilo corretamente natural. Sabia a língua, que aprendeu em boas leituras, tendo-lhe apanhado bem a sintaxe e a inteligência das construções. Mas seu valor advém da naturalidade, da fidelidade, da exatidão da imagem, da finura da comparação, tudo isto porque Arinos era sensível visualista e auditivo apurado.

A felicidade de suas comparações, o rigor de suas imagens explicam a sutileza de observação. Podem-se colhêr exemplos numerosos, em qualquer passagem de seus livros, aclarando o que ficou dito.

Ao viajar em Portugal, por exemplo, a retentiva vai guardando as impressões do trabalho dos campos e é assim que perpetua a faina da vindima: *"Além da animação da vindima nas lavouras, depara-se-nos por vêzes na estrada uma procissão das mais bizarras, de gente a pé, ou amontoada em carros de bois, em carretas tiradas por cavalos sonolentos, ou escarranchada em grisalhos jumentos de aspecto refletido e filosófico. São jornaleiros do Norte que vêm vindimar ao Sul, onde é mais cedo a vindima. Então, desfilam trajes pitorescos de terras várias: — saias vermelhas enfeitadas de gregas, chapéus negros redondos, de abas tornidas, debruadas de veludo, lenços vistosos de pontas cruzadas nos seios; faixas encarnadas ou verdes na cintura dos homens, aparecendo sob as jaquetas curtas carapuças pontudas ou sombreiros largos. E estas procissões param junto às tascas da beira da estrada, formam verdadeira mó de gente que gira e papagueia, para depois desenrolar-se lentamente e marchar de nôvo, rumo ao Sul"*.

Depois da visita a um cemitério da cidade pequena, humilde no seu recanto esquecido, traz dessa visita, a assoberbar as demais impressões porventura colhidas, essa impressão visual: — letreiros que se apagam pela chuva aos braços caídos de cruzes colocadas sôbre as sepulturas já indistintas.

O Itacolomi fere-lhe a visão e êle fixa a nota específica: *"O Itacolomi aponta para o céu, como a haste da lança de um guerreiro bárbaro"*.

O casario circunvizinho de Ouro Prêto acorda-lhe a imagem de um bando de cordeiros que, com o susto, se amontoassem sôbre o morro. Descreve que os casebres *"estão dependurados nos beiços dos abismos"*.

Percorrendo trechos do interior, guarda cenas que a vista não esquece: *"vê-se uma fumaça, ao longe, entre verduras de terras cultivadas"*.

Tôda a página — *Atalaia Bandeirante* — em seu conjunto, representa um lanço visual apanhando um trecho do nosso passado. E' a fotografia retrospectiva do ondular das bandeiras. E, quando não são os olhos que recolhem as imagens, são os ouvidos que reproduzem impressões estéticas.

Nessa mesma página, Arinos vem descrevendo, de modo empolgante, a paisagem em tôrno de Vila Rica, e salienta o silêncio de tudo aquilo. Um silêncio solene e eterno. Depois, frisa a nota que o quebra: *"Ouve-se de longe o ribombo da cachoeira do Tombadouro. E' a única voz viva que ora pode falar do passado, de que foi testemunha"*.

Trechos como êsses, poder-se-iam catar às centenas entre seus trabalhos, trechos denunciativos de que foi delicado pintor de nossas selvas, de que possuía excepcional capacidade de ver os sinais particulares do mundo exterior.

Mas, além de talento pictural, tem êle, também, temperamento de auditivo. A experiência da vida biparte-se-lhe nessas sensações: — sensação visual e sensação auditiva. A vista e o ouvido são-lhe os sentidos estéticos por excelência. Até os próprios pensamentos, que se encontram na obra de Arinos, êsses mesmos são frutos de observação visual ou auditiva. Não raro os traduz pela imagem ou pela comparação, prova de que a experiência mental promanou do que viu e ouviu. Assim, definindo o que seja sertão, focaliza-o no indefinido da distância: — *"quanto mais se penetra nêle, mais êle se afasta..."*

Explicando o motivo por que os animais sobem morros em ziguezagues, vê-se logo que tal observação nasceu da *vista* da continuidade da cena: — *"empenha-se a tropa na subida do morro. Os animais, que instintivamente obedecem à lei do menor esfôrço, vão fazendo ziguezagues, até vingá-lo"*.

O rumo da tropa toma-se pelo lado em que se fincaram as estacas, em relação ao córrego: *"Em regra, não se "bate estaca" senão depois de atravessar o córrego, que se pode encher durante a noite e ser um obstáculo sério no dia seguinte. Assim, nos vestígios de um acampamento, fàcilmente se reconhece, pelas estacas fincadas nesta ou naquela margem, a direção da marcha da tropa"*.

Como essas, muitas provas avultam, nas páginas de Arinos, que lhe documentam a sensibilidade e a exatidão visuais.

Quanto à impressionalidade relativa ao som, basta considerar os tipos surgidos na trama das histórias, com muito poucas exceções, são todos "cantadores".

Deitados no pouso, tangendo o gado, *navegando* sòzinhos pela vastidão dos gerais, ao sentir saudade ou alegria, êles cantam, levantando o eco nos grotões sombrios. Muitas vêzes até, imitam os pássaros, que vivem em bandos e que, na hora quente da soalheira, escondidos na espessura da moita, começam, um a um, a concertar as suas cantigas em comum. No *"Assombramento"* há passagem assim: — um sertanejo principia baixinho a cantarolar. Outro o imitou.

Mais outro. Outro mais. Enfim, todos êles harmônicamente, desataram a voz no silêncio do êrmo triste...

O pio diverso do pássaro, Arinos o guarda com rara felicidade e, sempre, surge, dentro do entrecho, no momento certo, conjugado com a hora e com a emoção. Distingue-o perfeitamente.

A literatura dêle está cheia de canto de pássaros e de cantigas de sertanejos. Foi-lhe o sertão, de algum modo, impressão sonora. E' assim que a terminologia referente a som, ruído, barulho e melodia, a linguagem musical, enxameia seus contos e narrativas. E' que extravasou em suas páginas a experiência e temperamento de môço, que se deixam acentuar pelos sentidos e pelo lastro da emoção.

Não existe nelas, por esta razão, filosofia que abranja ou defina a vida, antes o plano comum da existência curial dos tipos, quanto a particularidades psicológicas. A soma de pensamentos que se encontra nos livros de Arinos não vai além de notações gerais, destituídas de profundeza. Não demorava atenção nesses domínios de inquietação intelectual.

Não pensava; sentia, via e ouvia.

Tal é a grande falha de sua obra para o gôsto moderno, que se volve de preferência para o esquadrinhamento das almas, para a decifração do espírito humano em suas tendências e cracterizações. Mas nada disso o preocupava. Assim, para os homens de idade madura, curtidos de desilusões, impulsionados pela ânsia de saber a causa dos fenômenos e a explicação científica das coisas, Arinos esquece, não *despertando* nenhum interêsse. Nenhum interêsse, digo mal. Em se tratando de coisas e sêres do Brasil, de sua vida íntima e de suas belezas nativas, sempre interessará. E, neste sentido, representa como que uma fonte de Juventa, porque sua leitura nos remoça, acordando-nos ternas lembranças de *primeiras emoções* ao contalo com as surprêsas da vida.

Ali estão, inteira e viva, a alegria de todos os poetas em face da paisagem e do homem do sertão, como também grandes painéis dos nossos panoramas históricos. Dentro de tal ordem de considerações, sua leitura constitui lição de patriotismo, e tanto mais empolgante quando nasce de arrebatamentos poéticos e sugestivos. E durante tôda a vida, Arinos nunca deixou de ser o enamorado da terra, do homem e dos costumes sertanejos. Êsse foi o segrêdo de sua atuação, tanto literária como pessoal. E todo êsse amor foi expressão de mocidade.

A literatura ulterior pode ter sido produto da cultura, da viagem, da experiência filosófica, mas não passou de criação artificial de seu espírito.

Já não trazia mais dentro de si outros segrêdos para contar aos homens.

E como, por uma lei inelutável, nos repetimos sempre, no estilo e nos pendores, suas últimas conferências, enfeixadas no volume *"Lendas e Tradições"*, encerram pesquisas literárias feitas no sentido de seus primeiros livros. Era a fôrça da vocação, obrigando-o a voltear o mesmo assunto, que foi a atmosfera e a alma de sua existência de pintor e cantor dos sertões.

Um escritor disse que a vida do homem é um sonho da mocidade, realizado na idade provecta. Arinos modificou um pouco a observação: sua existência artística foi um sonho de menino, realizado na mocidade. Por isso fêz muito bem, silenciando ao tempo da meditação amarga. Porque, se houvesse escrito mais — história, crítica, biografia ou mesmo conto — não teria ficado, dominantemente, senão como o autor do *"Pelo Sertão"*.

Assim, pequena e vivaz como o diamante, sua obra e a sua vida, na singeleza e vigor da sinceridade.

MINAS GERAIS

suplemento literário

Comissão de Redação:

Ayres da Matta Machado Filho

Murilo Rubião

Laís Corrêa de Araújo

Secretário:

Murilo Rubião

AFFONSO ARINOS:

CENTENÁRIO

(III)

Número organizado por Laís Corrêa de Araújo

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 11 DE MAIO DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III Nº 89 — Preço NCr$ 3,00

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

O CONTRATADOR DE DIAMANTES

Affonso ARINOS

ATO II:

O adro da Igreja de S. Antônio, no Tijuco. Ao fundo, a fachada da igreja, com a grande porta aberta de par em par. Pesada cortina de veludo vermelho vela o interior. Sábado de aleluia, de manhã, à hora da festa. O chão do adro atapetado de fôlhas verdes. À esquerda e à direita, bambus e palmeiras ligados por festões de folhagens e flôres variegadas. À esquerda alta, um coreto, ao pé do qual negros e negras esperam o rompimento da Aleluia, em tôrno de um caxambu. De um e outro lado afluem pessoas de tôdas as classes para a solenidade; depois de cumprimentos recíprocos, algumas vêzes ruidosos, desaparecem na porta da igreja. Famílias, acompanhadas de mucamas e de moleques, passam gravemente, vestidas com luxo, ao lado de cavalheiros de cabeleira empoada e laço de gorgorão cobertos com o chapéu de três pancadas, a Frederico II, envergando casaca de veludo, calções, meias de sêda, com sapatos de fivelas, e o espadim ao flanco, bastão de cana ou de unicórnio, de castão alto e longa ponteira, à mão. Notam-se no meio do povo dragões reais, pedestres, sertanejos de chapéu de couro, jaleco, perneiras e facão à cinta. Ouve-se o afinar de instrumentos no côro da igreja, à cuja porta dois meninos tocam matraca.

CENA I:

Josefina e sua mãe, D. Verônica, entram à esquerda, ambas ricamente vestidas; encontram-se no meio da cena com D. Pulquéria, Belchior e a família dêste — Uma senhora de meia idade e duas môças — as quais vêm da direita. Cumprimentam-se alegremente e ficam à direita, enquanto descem vagarosamente à E., falando-se à meia voz, o administrador de serviço, o Capitão do Mato e o Garimpeiro.

D. Pulquéria (a Josefina e a D. Verônica) — Ora, louvado seja Deus!

Só mesmo a Semana Santa poderia tirar de casa D. Verônica!

D. Verônica — Velha vive em casa, D. Pulquéria. Que gôsto posso eu ter para festas? Viúva, idosa, triste...

D. Pulquéria — E então, a menina? *(Apontando Josefina)*. Esta não há de estar por isso.

Josefina — Que remédio? Só saio para ir ver Cotinha. O único lugar aonde mamãe me deixa ir é a casa do Contrato, por causa da antiga amizade de família.

O Capitão do Mato — Serviço rico, ein? o do poção. Lembra-se da vez que eu topei com vocês lá, quando fui pegar aquêle negro de Sô Dias? Cá entre nós: quem compra as pedras?

O Garimpeiro — Quem quer saber mexerico, quer fazer...

O Administrador (aos dois precedentes) — Olhem! Deixem de dar de língua! O tronco e o bacalhau estão aqui perto, e o pelourinho de pé, lá na Vila!...

O Garimpeiro — Mais perto anda o facão com a lazarina. *(Os três sobem lentamente, falando-se, e descem depois)*

Pulquéria (a Josefina) — E como vai Cotinha? E aquelas coisas?

Belchior — (depois de ir até a porta da igreja e descer). — Não entram, minhas senhoras? Olhem que a igreja vai ficar cheíssima. Não acharão lugares.

D. Pulquéria — Eu vou para a tribuna do provedor.

Belchior — Ah! isso sim! Mas de lá só se pode ver bem a capela-mor. Bem. Pois nós vamos subindo.

D. Verônica — Esperé um pouco, Sr. Belchior. Ainda é cedo. Vamos ficar aqui um instante, para entrarmos junto com a família do Contratador, que não pode tardar.

Belchior — Por seguro, vou acomodar minha gente. Já lá devem estar as cadeiras que mandamos. Então, até já.

Pulquéria (a Belchior) — Eu fico aqui com D. Verônica. É um milagre vê-la! Quando nos encontramos, não sobeja tempo para os desabafos.

(Belchior e a família sobem, depois de saudar a Josefina, Donas Verônica e Pulquéria).

CENA II:

D. Pulquéria, Josefina, D. Verônica, o Administrador, o Capitão do Mato e o Garimpeiro.

D. Pulquéria — Gostei muito da procissão, ontem. A Ritinha foi uma Madalena linda! Parecia uma pintura, quando, com aquêles cabelos tão bonitos, enxugava o sangue dos pés do Nosso Senhor, no quadro do Calvário! O S. João estêve muito bom também. E o sermão do padre Cambraia?

Josefina — Estêve tudo muito bom, música e tudo. Só não gostei do Centurião. Que modo de bater a lança na calçada!

D. Verônica — E o apêrto de ontem na adoração da Cruz? Ih! que povão!

Quase morro sufocada! Se não fôsse o Sr. Luiz Camacho...

D. Pulquéria (a Josefina) — Por falar nêle, que me diz daquilo?

Josefina — Pergunte à Mamãe o que acha.

D. Pulquéria — Pois sua mãe pode lá saber, vivendo metida em casa?

Josefina — Como não, se eu não tenho segredos para ela?

D. Pulquéria — Muito bem! isso é que é ser boa filha!

D. Verônica — De certo. É assim que deve ser.

D. Pulquéria — Ah! não imagina, D. Verônica. Estou aflita por saber quem vence na porfia. E cá para mim — para que eu hei de mentir? — desejo que aquêle homem soberbo leve uma, por lembrança desta terra, e por não pensar que nós aqui precisamos meter os poderosos numa redoma e viver a incensá-los de joelhos! *(Voltando-se)*. Olhe! lá vai êle! Bico calado, Pulquéria!

(Passa pelo centro da cena, entrando da direita, o Ouvidor, gravemente vestido, com ar de soberbo, ao lado do Intendente, vestido de gala. Ambos cortejam as senhoras e olham superiormente o povo que, junto à porta da igreja, tira os chapéus e forma alas à passagem das duas autoridades. O escrivão Sampaio entra pela esquerda depois dos dois primeiros e, ao vê-los, corre todo aforçurado para, cheio de curvaturas, abrir-lhes o reposteiro).

Capitão do Mato — (da E. B., ao Garimpeiro, mostrando-lhe o Intendente) — Está olhando, hein? Está olhando... Pois faça bem feito por não cair nas mãos dêle! Êsse é deveras a costela do Rei, como dizem por aí os negros.

O Garimpeiro — Lá se avenha! Que é que eu tenho com a vida dêle?

O Administrador — Deixem dessas conversas! Vocês não sabem o que estão dizendo. Quem mais sofre com os apertos de agora é o patrão, que não agarrou vocês *(apontando o Garimpeiro)* como lhe mandavam o Contrato e as ordens vindas da outra banda do mar!

D. Pulquéria (a Josefina) — Viu Sô Sampaio? Cara lambida, como a dêle só!

D. Verônica — Está ganhando sua vida dêle...

O Garimpeiro (ao Administrador) — Deus é grande, e o mato é maior... Lo

Quando a coisa roncar pego aqui, eu me afundo com minha gente nessas bapocas de serra, que hão de achar... Quero ver quem me apanha lá!

O Administrador — A tôco disso mesmo é que vocês andam tão corcundados!

Mas, olha, jacaré, um dia a lagoa secará...

O Garimpeiro — Seque ou não seque... quando um homem se encosta num cano de bom alcance e está disposto a tirar a vida do malvado que o vem tentar, não deixa ir a coisa assim — assim, não!

(Os três sobem falando-se e confundem-se no meio do povo).

CENA *III:*

D. Pulquéria, Josefina e D. Verônica

D. Pulquéria — De outro dia para cá as coisas não têm mudado?

Josefina — Só se fôr para pior.

D. Pulquéria — Por quê?

Josefina — Ora! D. Pulquéria sabe tão bem como eu. E não carece enxergar muito!

D. Pulquéria — Então a corda rebentou do lado mais fraco? A menina pende para o tal?

Josefina — Não se faça de tôla, D. Pulquéria. Pois quem não vê que Cotinha não quer saber do Ouvidor, que anda, por isso, despeitadíssimo? E olhe que não foi por falta de muitos conselhos para que a animasse, que era um partidão! Mas qual! Teimou que não queria, porque não queria! É uma prevenção como nunca vi! Até parece pressentimento!

D. Pulquéria — Deveras? Ora, já se viu! Você não está caçoando?

Josefina — Deus me livre! Credo! Pois eu havia de brincar com essas coisas?

D. Pulquéria — Quer saber de uma coisa? Cotinha tem tôda a razão! O homem tem cara de judeu; bem diz o povo que êle é herege. Aquela cara... Aquilo é gente que não faz caso de meter a bulha, diante do povo, as coisas da igreja, os Santos...

Josefina — D. Pulquéria, já viu?

D. Pulquéria — Ora se já! Eu é que o não quero repetir *(batendo nas faces)* — Deus me perdoe! — Mas êle, uma vez, caçoou da imagem de S. Benedito e disse uma coisa feia do Senhor dos Passos!...

Josefina — Como é que então vai à igreja?

D. Pulquéria — Basta de latim, pelo amor da festa e para bulir com as mulheres!...

CENA IV:

Mestre Vicente, D. Verônica, D. Pulquéria, Josefina

Mestre Vicente (entra pela esquerda, fungando uma pitada) — Bons olhos as vejam reunidas. Ditoso o pegureiro de tão luzido armento! *"Pasce oves meas"*, disse o Divino Mestre.

D. Verônica — Ai vem mestre Vicente com o seu latim! Deixe isso para a aula!

Mestre Vicente — Docete omnes gentes — É a senha de Jesus.

D. Pulquéria — Era melhor que nos arranjasse uns bonitos cartuchos de confeitos. Vou já dizendo que quero um — ouviu, mestre Vicente? Vosmecê que tanto influi nos festeiros.

Mestre Vicente — Ne confundetur! Os confeitos são para os mesários e para os anjos e virgens que amanhã de madrugada terão de acompanhar a procissão da Ressurreição. *Cesari quod Caesaris.*

D. Pulquéria — (com faceirice cômica) — Pois eu vou de virgem!

Mestre Vicente — Não serei eu quem lhe ponha embargos ao... piedoso desejo. Será então a *Virgo Veneranda!*

D. Pulquéria — Basta de latim, pelo amor de Deus, Mestre Vicente! Olhe que nós vamos ouvir tôdas as rezas em latim e já assistimos aos ofícios. Se vosmecê está disposto a gastar aqui o seu, o inimigo nos tenta na igreja e não teremos paciência de ouvir tudo contritas!

Mestre Vicente — "Cor contritum et humiliatum nec Deus despiciet", minhas filhas!

D. Pulquéria — Minha Senhora do Bom Sucesso! Basta! Chega! Diga-me cá: é verdade que o Dr. Ouvidor é herege?

Mestre Vicente — Distingo! Aiunt. Mas não dou testemunho. Lobrigo entretanto na sua filosofia algo de não ortodoxo. Suspeito — mas Deus me perdoe se levanto falso — que êle anda imbuído das idéias heréticas de Fuão Voltaire, da corte da França!

D. Verônica — Ah! Meu Deus! Eu não percebo nada do que mestre Vicente diz!

Mestre Vicente — "Legere et non intelligere est burrigere", dizem os meninos na aula. Mas eu não estou lendo Terêncio, minhas senhoras! Quando falo às damas, reconhecendo a debilidade do sexo em que Vênus vence Minerva, não passo do primeiro ano de latim: *Epitome Historiae Sacrae* e, quando muito, *Epitome* de Eutrópio. Nada da pompa de Salustio, da majestade de Tito Lívio e muito menos de escabrosidade amorosa do lascivo Ovídio. Nem podemos saborear os acepipes de Horácio, nem atingir as idílicas suavidades do Cisne de Mantua. *Gracili modulatus*...

D. Verônica (olhando para cima) — Ora graças! Aí vem mestre Suarez para pôr em língua de gente o que vosmecê diz!

D. Pulquéria — Olhe quem vem mais: o Sr. Luiz Camacho!

Mestre Vicente (com indignação cômica) — Língua de gente! Língua de gente! e o latim então ... Ó Mesa da Consciência e Ordens! Ó inexorável Tribunal do Santo Ofício! Ó Reverendos padres da Censura!

CENA V:

Os mesmos, Luiz Camacho e Diego Suarez.

Entra pela esquerda Luiz Camacho, e pela direita, todo dengoso, em passo de mestre de dança, Diego Suarez. Ao dar com os olhos no

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cád. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

professor de política, Josefina esmera-se em fazer os cumprimentos com tôdas as regras a Luiz Camacho, que lhe corresponde, e coteja amàvelmente os circunstantes.

Josefina (depois de cumprimentar Camacho, correndo alegremente para Suarez) — Muito bons dias, Sr. mestre! Como estou contente de vê-lo!

Suarez (impassível diante da expansão da menina e observando-lhe atentamente os movimentos, como já o fizera durante os cumprimentos a Camacho) — Então é assim que se faz uma cortesia a um cavalheiro? Incline mais a cabeça para o lado direito! Deixe fugir-lhe um sorriso a comissura dos lábios!... *(Josefina obedece). Agora! (Pausa).* Como se esquecem depressa as lições!

Josefina — Pois eu não fiz direito, Sr. mestre? Pergunte a mestre Vicente!

D. Pulquéria — (a Camacho, apontando os dois professores) — Aí estão os dois rivais! Temos dúvida já!

Suarez (olhando Vicente com ar de desprêzo) — Mestre Vicente tem lá tempo para isso? Tomara êle poder pensar nas declinações e nos verbos defectivos!

Vicente (com despeito) — Nem tanto, nem tanto, *est modus in rebus*. O certo é que me ocupo com os grandes autores da latinidade e com os mestres da filosofia e *(tomando uma pitada)* francamente, não dou para curvaturas. Quando no Parnaso se reúnem as musas, não raro Terpsícore se recolhe medrosa diante das companheiras. *Cedant pedes capiti!*

Suarez — Qual, mestre Vicente! As mais das vêzes, não só a cabeça, como o resto, cedem ao império... *(estendendo a perna como se fôsse dar um pontapé no vácuo e carregando nas sílabas da palavra seguinte)* das circunstâncias!

(A matraca soa. Aparecem à esquerda o Contratador, D. Branca, Cotinha, Sebastião e Conrado. Ouvem-se vozes de negros, exclamando: "Sós Cristo, meu sinhô!" O povo descobre-se à passagem da família Caldeira).

Verônica — Tocou a última entrada. *(Voltando-se).* Ah! ai vêm os Caldeiras! *(Adiantam-se para cumprimentá-los).*

CENA VI:

Os mesmos, Felisberto, Conrado, Sebastião, D. Branca, Cotinha, e, mais tarde, Belchior.

Josefina (às senhoras recém-chegadas). — Estávamos aqui só à sua espera. Já tocou a última entrada. Está muito cheia a igreja.

Felisberto (com ar de preocupado). Sim... Não haverá dúvida... Não apareceu ainda o compadre Belchior?

Verônica — Foi acomodar a família e disse que viria cá fora ainda. *(Voltando-se).* Olhe! lá está êle.

(Belchior desce e corteja a família Caldeira, a Camacho e aos professôres).

Camacho (a D. Branca e Cotinha) — Já sei que estão preparadas muitas serenatas para hoje. Mestre Plácido preveniu-me. Pretendem tocar sob as janelas da casa do Contrato e daí passarão à do Sargento-Mor. Não a contraria, D. Conceição, *interrompe algum belo sonho...* ao *som da música?*

Cotinha — Sonho! Sonhar com... quê? É até melhor! Assim estarei pronta de madrugada para ver passar a procissão.

Josefina (a Camacho) — Como soube? Pois era uma surprêsa! Mestre Plácido me contou debaixo de todo o segrêdo!

Conrado — Segrêdo em bôca de mulher! Mestre Plácido tem cada uma!

Belchior — (depois dos cumprimentos, afasta-se vagarosamente, com Felisberto, do grupo). — É para hoje a publicação do bando. Mais de cinqüenta são despejados do Distrito!

Felisberto — E o irmão de D. Pulquéria?

Belchior — Está entre os primeiros da lista! E veja aqui a unha da fera: o Camacho que, de certo, nem desconfia, vai ser exterminado como traficante e por não ter tirado licença escrita para demorar-se aqui!

Felisberto — Ah! Maldição!... E a carta régia?

Belchior — Recomendava todo o rigor e tôda a urgência na repressão dos garimpeiros e outras coisas que ficaram debaixo do mais absoluto segrêdo. Só poderemos saber com o tempo, quando as medidas forem aparecendo... O pior de tudo é o despeito do Ouvidor. Aquêle homem não é brinquedo! Perante o Capitão-general e na côrte, êle vale mais do que o próprio Intendente, cujo cargo é hoje o mais importante nos domínios lusitanos.

D. Branca (notando Felisberto e Belchior) — Felisberto quando pega, é um nunca acabar! *(Alto, a Belchior).* Compadre, olhe que estamos na Semana Santa! Fiquem os negócios para segunda-feira!

Felisberto — Não é nada, Senhora! *(Ouvindo a música, que rompe então dentro da igreja).* Olhe! está começando. Vamos entrar. *(Movem-se todos. O povo sobe ao fundo e pelos dois lados.)*

D. Branca (subindo) — Viu lá os nossos lugares, compadre?

Belchior — Vi. Estão tomados: mas o custoso será chegarem até lá. A igreja está dura de povo. Vamos passar pela sacristia. *(Sobem todos).*

Camacho (a Cotinha, que se atrasa com Josefina) — Não se sente alegre hoje? Quanto a mim, a Aleluia que vai romper na igreja corresponde à Aleluia de meu coração...

Cotinha — Não sei por que!...

Camacho — O fim da Noite é sempre a Aurora!

D. Branca (da direita alta, ao lado do marido) — Vamos, Cotinha! Venha Josefina! Não se vão perder de nós na confusão do povo!

Cotinha (pretextando um motivo para demorar-se um instante mais) — Josefina, olhe aqui, depressa, o meu cabelo! Desprendeu-se o fio

de pérolas! *(A D. Branca)* — Pode ir entrando, titia! eu sigo já com D. Verônica!

Sebastião Cald. (da direita A., ao lado de D. Verônica — Vá, mana! eu espero as meninas! Passaremos também pela porta da sacristia!

(Saem todos à D., menos as figuras da cena seguinte).

CENA VII:

Sebastião, D. Verônica, Josefina, Cotinha e Camacho

Josefina (compreendendo o estratagema de Cotinha) — Espere! deixe por aqui um grampo. Ah! *(Tirando um grampo do próprio cabelo e arranjando a coifa de Cotinha.).* Tenho aqui, felizmente! tenho de sobra! *(Afastando-se um bom pedaço).* Deixe ver o efeito de longe! Aproveito-me do ensejo para apertar meus braceletes, que estão frouxos e podem cair naquela enchente. *(Conserva-se a 3/4, voltada para cima, arranjando os braceletes, enquanto Sebastião e D. Verônica conversam a meia voz à D.A. A música vai tocando suavemente).*

L. Camacho — (a Cotinha, que o ouve sem perder de vista as figuras de cima, fingindo arranjar ainda a coifa, o colar etc., a meia voz e com meiguice, embora falando apressado). — Uma palavra, um aceno, D. Conceição! Ah! diga-me o que eu surpreendo no seu olhar! Deixe cair no meu coração a palavra de ventura suprema, que eu já vejo tremulando e prestes a desprender-se de seus lábios, como da pétala mal desabrochada, gôta de orvalho do céu! Daqui a um instante repicarão os sinos à Aleluia! é o mistério divino [illegible] renascimento, eterno, bendito e sempre nôvo e[illegible] tôda a natureza! é a esperança de todos os [illegible]salentos; é agora para mim o mundo entre-sonhado, só visto em miragens e cujas portas a sua [illegible]não, sim! a sua mão franzina! só ela terá fôrças para abrir-me!...

Cotinha (com [illegible]rnura) — Sr. Luiz!...

Camacho (ràpidamente) — Vai hoje decidir-se a minha sorte; o [illegible]sso daquele homem terrível me persegue e há de desabar-se sôbre minha cabeça!

Diga-me que me ama e eu desafiarei as iras do potentado, rir-me-ei de suplícios, desprezarei até martírios!...

(A música, que vem tocando suavemente, entoa com fôrça o "Glória in excelsis").

Cotinha (apontando com uma das mãos a porta da igreja, estende a outra a Camacho, que a aperta com fôrça em movimento rápido). — A Aleluia! *(Sobe).*

Camacho (transportado) — Oh! Aleluia! Aleluia!

(Sobem apressados e entram com Sebastião, D. Verônica e Josefina à D.A.;) As campainhas retinem, repicam os sinos, estrugem foguetes e morteiros. A cena fica um instante deserta, enquanto a música prossegue).

CENA VIII — CONGADO E POVO

Negros entram de tropel por todos os lados, bradando "Morra o Juda!" Os que vão tomar parte na dança, doze homens pelo menos e dois moleques, trazem à cabeça um cocar de penas de ema, ornado, no engaste, de espiguilha e espelhinhos redondos; vestem saiotes até aos joelhos, trazem as pernas nuas, com guizos aos artelhos e alpercatas nos pés. Cobre-lhes o peito um fraldim de lhama luzente, de mangas curtas. Braceletes de contas, máscaras de veludo ou de baeta preta, com a língua, de baeta vermelha, pendente. Os demais negros vestem timão de baeta e trazem carapuças. As negras, à baiana.

1º negro — Tú vai pagá, Juda do Inferno, o que tu fêz a Noss'inhô! Tu vai pagá co'a corda no pescoço, depundurado no gaio da embaúba!

1º Negra — (vendo outra chegar apressada da direita). — Ih! Rosária chegou tarde! vem agora para o caxambu!

2º Negra — Cativo é assim memo! Sinhá num me deixou saí inté agora!

1º Negro — (Sentado num banquinho de madeira ao pé do caxambu) — Ai-lê-lê uê! lê-lê-lê uá! *(Tocando)* — Ai-lê-lê-uê-lê-lê-lê-uá! Um agola é rei de Congo! *(Poem-lhe aos ombros um manto e uma coroa à cabeça e trazem-no para o centro da cena, onde êle se senta no mesmo banco).* Olá! Olá! secretário da minha nobre estado real! Olá! Olá! ... Que secretário é êsse que não ouve minha real chamado, nem minha real mandado! *(Formam-se duas filas paralelas de dançadores, cada uma com um moleque à testa, tocando tambor. O rei de Congo está sentado à cabeceira das duas filas, que se estendem de cima para baixo, ficando os tambores junto à bôca da cena. Os guias tiram as cantigas e o côro responde. As duas filas enfrentam-se, voltam, separam-se, tornam a enfrentar-se, ao som das cantigas. Cada cantiga tem seu passo especial de dança, acorde com a toada. Os dançadores que formam o côro trazem adufes e canzambes com que acompanham o canto. Os guias acompanham seu canto com os tambores). Os Guias (cantando):*

Companheiro, vamo, vamo!
Seu Dão Rei mandou chamá!

Côro:

Ao-re-rê! rê-rê-ruá.
Seu Dão Rei mandou chamá! ..*(Bis)*

Os Guias:

Negro do quilombo,
Grita na cidade
Viva rei do Congo
Nossa Majestade!

Côro:

Viva! Viva!
Viva a Majestade *(Bis)*

Guias:

Sinhá Rainha! não me pisa
no canzambe!

Côro:

Ai-rê! não me pisa no canzambe! *(Bis)*

Guias:

Nós que somo pretinho...

Côro:

De Guiné!

Guias:

Óia o sol saindo!

Côro:

Dominé! *(Bis)*

Guias:

Eh! mulatas e minas!

Côro:

Saragomberá!

Guias:

Olá! cidadãos!

Côro:

Saragomberá!

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Guias:
Ai-re-rê! rê-rê-uê!
Côro:
Saragomberá!
Guias:
Rê-rê-rê-uá!
Côro:
Saragomberá!
Guias:
Minha rei, minha Congo!
Côro:
Ingandaiá!
Guias:
Bençoai sua povo!
Côro:
Cataiá!
(Durante a dança, o povo aflui para assistir).

CENA IX:

O povo, os negros e as beatas.
1ª Beata (rompendo em cena aos gritos com a companheira, trazendo ambas longas capas negras do ombro e lenços à cabeça, atados sob o queixo). — Misericórdia, Senhor Deus! Misericórdia. *(Batendo nas faces).*
(Espanto geral. Dissolve-se a dança.)
2ª Beata — Misericórdia! aqui d'El Rei!
Um do Povo — Que foi? que foi, siá Joaquina?
1ª. Beata (gaguejando) — Foi...foi...uma desgraça!!! Aqui d'El Rei!
2ª Beata — Misericórdia!
Um do Povo — Conta, mulher! deixa de gritos à-toa!
1ª Beata — Nossa Senhora! Ai! deixe-me tomar fôlego! Senhora do Bom Sucesso! Meu São Benedito!
(Todos, ansiosos, cercam a narradora).
2ª. Baeta — Siô Contratadô...
1ª. Baeta — Siô Ouvidô...
2ª. Baeta — Aquêle home hereje...
1ª. Baeta — Siô Contratadô foi chegando...
Um do Povo — Não! assim, não! tôdas duas, não!
Uma voz — Pois fale a mais velha!
(As duas entreolham-se arquejantes).
Um do Povo — Fale, siá Joaquina! .. ..
1ª. Beata — Ai, Jesus! Maria Santíssima! Na Casa de Nosso-Senhor!

(Tomando fôlego). O caso foi assim: Todo o mundo tava joelhado, rezando. Lá adiante, na capela-mor, perto dos padres, tôda a nobreza; junto dos degraus do altar-mor, estava siô Intendente; no meio, muito povo... Eu tava cá embaixo, meu quieto, encostada na grade da coxia... quando — senão quando — viu um zumzum lá pr'arriba e todo o mundo estendendo o pescoço por amor de olhá! O que é, o que não é, Joaquina? Com pouca dúvida, a sobrinha de Siô Contratadô alevantou do lugar dela muito vermelha e entrou depressa pra sancristia... D Branca e outras mulhé fôro atrás dela... Olhei para lá e vi um mexe-mexe perto de Sô Intendente. Sô Ouvidô tava lá rente e co'a cara muito enfezada... Sô Contratadô tava branco que nem cêra... Quando êle fica com réiva é assim! Aí entonces, pegaram uns gritinhos de mulhé... Os padres pararam tudo e uma mulhé gritou: "misericórdia!" Chiu! Nós duas não quisemos sabê de mais nada! é aqui! Sô Vigário clamou "silêncio!" esta é a casa de Deus!" mas eu já tava na porta, passando por riba de gente, que tava sentada no chão, e levando empurrão daqui, belisção d'acolá!...

Um do Povo — Ora! antão vancê não sabe nada, sá Joaquina! *(À 2ª. Beata)* — Que foi, sá Coleta?

2ª. Beata — Ora, meu senhor! alguma foi!... Aquêle amaldiçoado...
(Bulendo nas faces.) — Deus me perdoe!...

CENA X:

Conrado, o Administrador, o Capitão do Mato, o Garimpeiro, Povo, Negros, as Beatas.
Conrado (descendo apressado à procura de alguém. Ao Administrador que corre ao seu encontro) — Depressa! Os pedestres aqui! o mano vai ser assaltado!
O Administrador — Num instante, patrão! *(Sai correndo à esquerda).*
Conrado (ao Capitão do Mato) — Onde está sua gente?
O Capitão do Mato — Aqui, pronta, meu amo! *(Mostrando os negros).*
Conrado — Pé firme! Olhe que temos de topar com os dragões, que vêm contra nós! Vai correr sangue! Ah! miserável! Desrespeitar minha sobrinha dentro da igreja, diante do altar! Hereje! excomungado!
O Garimpeiro — Que foi, patrão? Seu camarada está aqui! A gente lá da Serra acode logo! Hê-hê! Até botarem as mãos em vancês, tem de correr muito sangue! *(Dá silvos de cobra, a que respondem, reunindo-se pouco a pouco, homens de chapéu de couro, formando um grupo armado de facões, foicinhas, almocafres etc.)*
Conrado (do meio do povo) — Meu povo! O Contratador, que tem sido o amigo e o amparo de vocês todos, acaba de sofrer, dentro da igreja, uma grande afronta, na pessoa de nossa sobrinha Maria da Conceição! O autor da afronta — meu povo — quem o diria? — foi um ministro, um letrado do Reino, o Ouvidor da Comarca! Não tendo em consideração o lugar sagrado, nem o dia da Semana Santa, atirou uma flor, com modos libertinos, ao colo de minha sobrinha, diante da igreja cheia!
Vozes — Oh! Oh! herege! excomungado!
Conrado — Meu mano agarrou-o pelo braço e falou-lhe ao ouvido alguma coisa rápida e decisiva, desafiou-o de certo, mas conteve-se como devia diante das sagradas imagens. O Ouvidor tem por si o Intendente e tôda a tropa dos dragões. É tempo de saber com quem podem contar os Caldeiras!
Uma voz: — Com o povo!
Todos (a um tempo) — Vivam os Caldeiras! viva o Contratador!

CENA XI:

Os Precedentes, Felisberto e Belchior.
Felisberto (entrando com o semblante alterado) — Miseravel! Vou esperá-lo aqui! Há de dar-me uma satisfação tremenda!
Conrado — E a mana? e a menina?
Felisberto — Sairam pela porta da Sacristia e foram para a casa com Sebastião. *(Passeia agitado)* — Havemos de ajustar as contas na praça pública. Afrontou-me diante do povo todo, dentro da igreja!
Belchior — Calma, compadre, não se precipite!
Felisberto — Ah! não! agora é tarde para os conselhos! Isto vai decidir-se já. *(Voltando-se para o povo).* — Povo do Tijuco! amigos e companheiros dos bons e maus momentos! Um ministro d'El Rei, aviltando o seu cargo, ofendendo a propria Majestade do Soberano, afrontou a todos os tijuquenses nas suas crenças e no seu brio, profanando a santidade do templo e desrespeitando uma filha de família, confiada a mim, na ausência de seu pai e meu irmão! Na defesa de seus brios e na dos seus interêsses, os povos destas minas, por si, por seus vereadores e homens bons, muitas vêzes têm apoiado suas queixas com o estrondo das armas!
Vós todos sabeis disso e melhor ainda os Capitães-generais! Pois bem! na conjuntura de agora, dizei, bandeirantes e filhos de bandeirantes! dizei, paulistas, meus patrícios e companheiros!: Como se lava a honra ultrajada?
(Os sinos tocam a rebate. Mulheres fogem aos gritos "rebate! rebate".) Todos (com fôrça, agitando as armas) — Morra o hereje. Morra o traidor!
Uma Voz — Aí vêm os dragões!
(O povo recua em ordem para a esquerda, formando-se em linha e agitando as armas).

CENA XII:

Os Precedentes, Os Dragões, o Capitão, o Intendente, o Ouvidor.
O Capitão (entrando à direita, com um forte piquete de dragões a marche-marche, de espada em punho) — Praça! praça para tropa de Del-Rei Nosso Senhor!
(A tropa se alinha à direita, em coluna).
Vozes — Vivam os Caldeiras! viva o Sr. Contratador!
O Ouvidor (descendo à direita, ao lado do Intendente, no rosto da coluna dos dragões) — Vivam os Caldeiras, não! Viva El-Rei, vilões! Choldra rebelde! Tereis o castigo de tamanho insulto!
O Intendente — Então, que ajuntamento é êste, assim, às barbas do intendente, o governador de todo o território diamantino? Quem ousa levantar-se contra a autoridade real?
Felisberto (adiantando-se para o Intendente) — Engana-se, Sr. Desembargador! Não é ainda um levante contra o poder d'El Rei: trata-se apenas do castigo de um criminoso dos mais vis e dos mais audazes, que, revestindo as insígnias de juiz, afrontou em público a família Caldeira. Antes de dar conta ao povo, o Ouvidor de Vila-do-Príncipe tem de responder já, por seu crime, a Felisberto Caldeira Brant!
O Ouvidor — Cala-te, vilão! Hás de responder — tu, sim! — A El-Rei, nas prisões d'Estado, pelos infames projetos de rebelião e pelas fraudes à Real Fazenda, que com escândalo praticas! Bulrão! Contrabandista!
Felisberto (sacando o espadim e atirando-se contra o Ouvidor) — Ah, maroto! vais pagar tôdas por junto!
(Confusão. Todos se precipitam. Gritos. Os partidos vêm-se às mãos).

CENA XIII:

Os Precedentes, o Padre Cambraia e Camacho.
O Padre Cambraia — (aparecendo na grande porta da igreja, vestido de alva, dalmática e capa de asperges, trazendo o crucifixo alçado sôbre o povo, e ladeado por dois acólitos, que seguram as bordas da capa) — Em nome de Jesus, cessai, cessai! Paz! Paz! Quereis ensangüentar a fachada do templo do Senhor na semana em que se comemora a Paixão do Salvador do Mundo? *(Todos recuam arquejantes).* Pelas cinco chagas de Nosso Senhor! pelas Dores de Maria Santíssima! É um ministro de Jesus Cristo que vos suplica, Sr. Desembargador-Intendente, em nome do Rei dos Céus, do Rei dos Reis, a vós, ministro de El-Rei de Portugal! fazei recuar os soldados para que não seja ameaçado o povo e não corra de parte a parte o sangue dos vassalos da Majestade Fidelíssima!
(Belchior e diversos outros cercam Felisberto. Vozes diferentes, quase simultâneas, bradam) — "Compadre! Sr. Intendente! Sr. Contratador! atendei, em nome do Crucificado!"
O Intendente — Em respeito ao Crucifixo que trazeis alçado, Sr. Reverendo, não cairá agora inexorável sôbre os contumazes o castigo d'El Rei. Mas, justiça será feita! *(Sai vagarosamente com o Ouvidor).*

CENA XIV:

Os dois partidos vão se retirando, um para a direita, outro para a esquerda, na ordem da sua colocação ao começar a cena precedente).
Felisberto (saindo) — Justiça será feita, há de ser feita, Sr. Intendente!
L. Camacho — (do meio do povo, acenando com os punhos erguidos) — Justiça, sim! e terrível! que nos feriu mais fundo o agravo, a nós, portuguêses do Reino, zeladores da honra dos nossos maiores, da nossa pátria e do nosso rei, de quem não sois aqui representantes, mas traidores! *(Saem todos. Desce o pano).*
Fim do Segundo Ato.
(In "O Contratador dos Diamantes", S. Paulo, Liv. Francisco Alves, 1917, pág. 51/83).

AFFONSO ARINOS

João da Avenida (Pseudônimo de Olegário Mariano)

Entre os escritores do Brasil, aquêle que maior número de imitadores deixou, de norte a sul, foi incontestàvelmente o criador inconfundível de *"Pelo Sertão"*. Falta, naturalmente, a êsses decalcadores inábeis, aquilo que dava maior brilho à obra do mestre e que tão raro se vai tornando na literatura de hoje: a sinceridade. Mesmo assim, sem essa matéria-prima, que era tudo para quem como êle reproduzia quase fotogràficamente as paisagens e focalizava os tipos como retratos psicológicos, mesmo assim conseguem impressionar meio-mundo. Êles escolhem de preferência Affonso Arinos entre todos os que tentaram a literatura regional, pelo fato de serem os tipos de Arinos os únicos que ainda não desapareceram do cenário humano. O *Pedro Barqueiro*, por exemplo, continua a arrastar a sua insolência e a sua bravura pelos sertões de Minas e do norte do Brasil; *Joaquim Mironga*, aquêle velho campeiro contador de bravatas, é uma figura familiar nos sertões nordestinos. Por êsse motivo, é que os escritores novos bebem na fonte onde a água é mais pura.

Eu, por mim, confesso nunca ter encontrado na vida um homem que dispusesse de tanta fôrça de sedução, falando ou escrevendo. Sua figura de grão-duque exilado, seus gestos lentos, seu ar bonacheirão e abstraído, sua voz de tonalidades graves, davam-lhe uma tal expressão de bondade e candura que eu seria capaz de passar noites em claro a ouvi-lo contar histórias da sua terra e da sua gente. De memória prodigiosa, recordava certos tipos com um poder de imaginação tão grande, que nós os sentíamos a nosso lado, em carne e osso, humanos como qualquer de nós. A despeito dessa memória infalível, Arinos era o homem mais distraído dêste mundo. Contam que um dia, em Belo Horizonte, êle recebera a visita de um velho coronel, seu compadre, fazendeiro no interior. Tivera ao vê-lo um grande contentamento e iluminava agora o semblante ao ouvir o velho contar-lhe histórias do rincão mineiro onde vivia, das chuvas copiosas, das últimas plantações, das cheias brabas, até chegar à enfermidade daquela *vaca maiada*, bonita como os amôres.

A essa altura Arinos já estava com o pensamento longe...

Mas o velho continuava na sua narrativa muito arrastada, declinando agora para a enfermidade da sua velha mãe, achacada pelo reumatismo, *inticando* com tudo, descompondo todo mundo.

Foi então que Arinos, completamente alheio ao fio da conversa, pegou na deixa e arrematou com uma frase que devia ter impressionado profundamente o velho fazendeiro:

— Êta vaca danada!

***

(In "Correio da Manhã", Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1928).

EVOCANDO GIL CÁSSIO (AFFONSO ARINOS)

Aurélio PIRES

Affonso Arinos em 1908

Em julho de 1881 quando, no velho Liceu Mineiro, de Ouro Prêto, comecei a fazer meus exames de preparatórios, tive como companheiro de turma de português, francês, latim e inglês um jovem de Paracatu, chamado Affonso Arinos de Mello Franco, o qual já principiava a atrair a atenção de seus condiscípulos pela esbelteza de seu físico desempenado e airoso, e pela agudeza de seu engenho vivaz e pronto.

Nossas relações, entretanto, foram apenas aquelas que se estabeleciam entre estudantes vindos de diversos colégios espalhados por esta vasta Minas, e que se faziam encontradiços, duas vêzes por ano, em julho e novembro, na velha capital, que era, então, a única cidade da província onde se realizavam exames oficiais de preparatórios.

O acaso, pois, nos aproximou momentâneamente, e o acaso nos separou de nôvo, indo êle, logo depois, para o Rio de Janeiro e daí para São Paulo, ficando eu em Ouro Prêto.

Dez anos depois, em 1891, encontrámo-nos novamente nessa mesma cidade e na mesma casa onde nos vimos pela vez primeira, êle, agora, professor de história universal, eu de português e literatura nacional, do Externato do Ginásio Mineiro, no qual se convertera o antigo Liceu.

Data dêsse tempo o estreitamento cerrado de nossas relações. Ensinando matérias diferentes, porém examinando em companhia aquelas mesmas cujos exames prestamos juntos naquelas mesmas salas do velho solar colonial da rua do Rosário, ficamos conhecendo-nos íntimamente e amando-nos por tôda a vida.

Pouco depois, isto é, nos primeiros meses de 1896, fizemos parte da redação do "O Estado de Minas", jornal que se editava em Ouro Prêto, de propriedade e sob a direção de meu irmão Antônio Olintho. Em tal fôlha, sob as iniciais A. P., mantinha a seção "Traços Ligeiros", e Arinos, sob as iniciais G.C., a princípio, e logo depois sob o pseudônimo de Gil Cássio, publicou diversas produções literárias, tais como Colombina, Blonde el Brune, Autores e Atôres, Historieta, A Velhinha, Desamparados, Paisagem Alpestre, Viagem ao Passado, Vianna Ribeiro etc. além de vários artigos de fundo, sem assinatura, entre os quais um verdadeiramente notável sôbre a criação do *Arquivo Público Mineiro.*

Em abril daquele ano (1896), realizou Affonso Arinos sua primeira viagem à Europa, levando um vasto programa de estudos, não só das regiões comumente percorridas pela mor parte dos viajantes, como da porção setentrional do continente europeu.

Por esta ocasião, publiquei no " O Estado de Minas", na minha seção habitual, a seguinte crônica, a propósito dessa viagem — crônica que reproduzo aqui, porque foi ela que provocou aquela primeira carta que êle me escreveu, de Lyon, e que transcrevi, há dias, no "Minas Gerais", de 25 de junho último. Ei-la:

"Galernos ventos te levem a essa Europa distante, o meu saudoso Gil Cássio, que vais, nesse manancial fecundo, abeberar teu espírito sequioso do ideal remontado que devora as almas sonhadoras como a tua!

Devoto da grande Arte, tu partes, peregrino cheio de fé, para essa romaria longíngua, a fim de levares ao templo da civilização as oferendas de tua promissora inteligência. Além das grandes capitais do sul, irás visitar a Escócia, o país das recordações históricas, a velha Caledônia, cujos primitivos habitantes, filhos valentes dessa raça vigorosa dos celtas, sustentavam com os Romanos, desde Agrícola até Septimo Severo, aquelas lutas inolvidandas, à narração das quais ainda freme o nosso espírito. Em tua imaginação potente e criadora, evocarás o seu primeiro rei Fergus, que ainda passa sôbre seus lochs *sombrios, envôlto na névoa misteriosa da lenda; com essa acuidade de que são dotados os espíritos fantasistas como o teu, ouvirás ainda, rolando no ar, os soluços abafados da sombra dolente dessa infeliz Maria Stuart, cuja memória, tão cara às almas sensíveis, foi imortalizada na obra gentil de Schiller.*

Percorrerás também parte da Rússia, êsse colosso que, por si só, forma tôda a Europa oriental. Visitarás sua capital, S. Petersburgo, que se desdobra em forma de leque ao longe dos braços ramificados do Neva; aí verás a tôrre dourada do Almirantado, a Catedral de Santo Isaac, com sua cúpula tôda de mármore e de granito, resplandescente de ouro, de malchita e de mosaicos *preciosos; contemplarás a coluna de Alexandre, êsse monolito de vinte e três metros de altura, que se ergue em frente do Palácio de Inverno. À argúcia de teu espírito finamente observador não passará despercebido o contraste chocante que aí existe entre a riqueza e a pobreza, a ciência e a ignorância. Como cidade de estudos — diz Elisée Reclus —* S. Petersburgo não iguala a *maior parte das cidades da Europa Oriental, porquanto aí se contam mais de trezentas mil pessoas completamente analfabetas; entretanto, suas altas escolas e suas corporações científicas são das que mais contribuem para o movimento dos estudos, na Europa.*

Que messe abundante de observações e de conhecimentos não vais colhêr nessa peregrinação que ora empreendes!

Não te esqueças, porém, de enfeixar as impressões de tudo o que vires em cartas que nos venham mitigar a saudade acerba que tua ausência causa a todos nós. Que teu estilo burilado e cintilante não deixe de iluminar estas colunas onde, tantas vêzes, se refletiu a superioridade admirável com que teu talento de escritor tratava assuntos tão diversos e tão variados.

Privados, com tua ausência temporária, da camaradagem com que tanto nos comprazíamos, e que tanto nos aligeirava *as horas prezadas do labutar jornalístico — vimos hoje dirigir-te o adeus saudoso de confrades e de amigos que aqui ficam ateando, no altar da amizade, o fogo santo e inextinguível que alimenta as afeições sinceras.*

Que teu organismo se retempere com a viagem, para te alirares, de nôvo, à proveitosa campanha das letras, onde contas as vitórias pelas lutas empenhadas.

Ao navio que te leva a seu bordo, dirigimos os votos outrora formulados pelo poeta veneziano:

"Sic te diva potens Cypri,
Sic fratres Helenae, lucida [sidera,
Ventorum que regat pater,
Obstrictis allis, proeter Ja- [pyga,
Navis, quase tibi creditum,
Debes illum..."

Logo que regressou dessa primeira viagem, transferiu Arinos sua residência para a capital de S. Paulo; por isto raras vêzes nos víamos, até que, em setembro de 1915, nos aproximamos um do outro, pela última vez, aqui em Belo Horizonte, quando êle pronunciou, em nosso Teatro Municipal, aquela memorável e maravilhosa conferência, *A Unidade da Pátria,* que foi o canto do cisne com que êsse glorioso filho de Minas se despediu da terra de seu amor e de seu orgulho, antes de emudecer para sempre.

Cinco meses depois, a 19 de fevereiro de 1916, deu-se a catástrofe dolorosa de seu falecimento em Barcelona... Coisa singular! Tôdas as vêzes que, no silêncio de minha alma e na saudade de meu coração, evoco a figura escultural de Affonso Arinos, como agora o estou fazendo, nunca o vejo morto, mas bem vivo, mas vigoroso, mas vibrante, como nos bons tempos de nossa mocidade, tal como o viu Olavo Bilac, certa vez, num sonho fugaz, ao cabo de um passeio pela rua da Água Limpa, de Ouro Prêto, isto é, com um fidalgo reinol, dos que dançavam o minueto na côrte do Conde de Assumar, ou, então, descreveu, de outra feita, a saber — alto, robusto, elegante de uma estatura e um ar de gigante amável em que se aliavam a energia e a graça, guardando no olhar e na alma o nosso céu e o nosso sol, conservando, sob a polidez de suas maneiras de fidalgo, o andar firme, um pouco pesado, o jeito reservado, um pouco tímido, o falar comedido, um pouco hesitante, de um sertanejo forte, andeiro e cavaleiro, caçador e pioneiro, simples e ousado...

Fundo APM0MG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

UMA SUPERIORIDADE DUPLA

Martim FRANCISCO

As duas cartas, que de minha intimidade se mudam hoje para a atenção pública, revelam as duas predominantes preocupações de Affonso Arinos: a literatura e a politica. Compatibilizadas em sua inteligência superior, somavam elas um dos melhores produtos humanos que hei tido a felicidade de estimar e a vantagem de freqüentar.

Bom, ótimo, nem mesmo em circunstâncias decisivas de responsabilidade, e anormalmente agitadas, se lhe via um gesto de mau humor. Calmo e risonho, parecia negar ao perigo a gravidade de que, em regra, se êle reveste.

Duma feita, traiçoeiramente envolvido comigo em meia conspiração, monárquica de forma e voracissima de essência, do seu depoimento, longo como o silêncio dum deputado estadual, um intuito, um só intuito transpareceu: o de salvar-me de qualquer violência da policia.

Em Affonso Arinos a bondade e o talento, equilibrando-se, como que constituiam a própria natureza. Nos outros êle quase tudo desculpava. Exagerava o mérito alheio com uma persistência excedente, algumas vêzes, às raias do entusiasmo; insensìvelmente, sinceramente. desvaliava o próprio. Um traço nascido dêsse privilegiado conjunto de qualidades boas: Affonso Arinos estava sempre pronto a servir, e também sempre pronto a desculpar os que o não serviam.

Não ascendeu às eminências sociais que, em qualquer país de opinião, lhe pertenceriam de direito e caberiam de fato. Ninguém, todavia, mais brasileiro: lendas, história, literatura, biografias, documentos, governação, tudo, tudo quanto ao Brasil se referisse mobiliava, com esmêro e abundância, a capacidade crítica e a sagacissima atenção de Affonso Arinos. Nêle pulsava o coração da pátria.

Quando, num abraço de despedida para viagem longa, lhe eu lembrei aquela dolorosa sentença de Antônio Vieira "se servistes a pátria que vos foi ingrata, ela fêz o que costuma, vós o que devieis", êle rápido, alto, proferiu:

— É isso! É isso mesmo!"

Foi a última vez que o vi. Mas, em verdade, ainda estou a vê-lo.

***

"Paris, 26 de janeiro de 1906. — Meu caro amigo. Desejo-lhe e à Exma. Família tôda a prosperidade no correr do nôvo ano.

Como lhe disse no dia da minha partida, procurei, ao chegar aqui, os representantes da nossa dinastia e mais de uma vez tivemos ocasião de falar do Brasil. Certifiquei-me, com grande prazer, que os nossos príncipes são perfeitamente dignos do papel que os brasileiros poderiam dar-lhes a desempenhar no nosso país.

Fiquei muito admirado do quanto o conde d'Eu conhece a nossa história e a nossa geografia. Interessa-se por tudo quanto se passa no Brasil, auxiliado, aliás, por uma memória prodigiosa.

Estou certo de que os príncipes aprovam com fervor o programa de disputar eleições. Aqui, no dia da eleição do Fallières, que eu assisti, um deputado monarquista (há nas duas Câmaras cerca de 80) telegrafou ao duque de Orléans do próprio palácio de Versailles onde estava reunida a Assembléia Nacional para a eleição do presidente da República. E que telegrama! Era um grito de combate. Entretanto, a França está governada pelos socialistas.

Por que razão os monarquistas daí não deixam de parte o platonismo e entram em ação pacífica como a campanha eleitoral, ou violenta, quando fôr oportuna?

A abstenção é a morte, principalmente a abstenção sistemática; é a negação da política. Francamente; se os monarquistas não podem ao menos disputar cadeiras de deputados e vereadores, é muito melhor deixarmos de veleidades monárquicas e tratarmos de outra coisa. Sim, porque a continuarmos a viver nessa majestosa reserva e pasmaceira, não seremos outra coisa mais do que aquêle grupo obsoleto de sebastianistas do Burro do Senhor Alcaide.

Dentro de poucos dias irei a Berlim e a Hamburgo, regressando a. Um abraço do amigo muito grato — Affonso Arinos".

***

"Paris, 26 de novembro de 1909. — Meu caro amigo.

Li com grande prazer o seu excelente discurso de recepção no Instituto Histórico. *Na véspera, tinha falado muito no seu nome, que nunca me esquece. Em contrário a tudo quanto geralmente se escreve no Brasil, onde se nota excesso de palavras e carência de idéias e de fatos pedia desenvolvimento do texto e êsse texto merecia grande divulgação. Assim como está só pode ser bem compreendido por uma sociedade como a do* Instituto, *versada em nossa história.*

Vê-se bem que o autor quis ser conciso, falando a uma assembléia de eruditos; mas a vantagem de tal obra não está em ser lida e apreciada por um grupo seleto, e sim em ser dada como lição de história pátria a todos quantos sabem ler no Brasil.

As idéias que lá estão e os fatos indicados, alguns por simples alusões, revelando a profunda ciência do autor, formariam, desenvolvidos com a leveza e graça do seu estilo, preciosa e imortal monografia.

Por que não tenta o meu caro amigo a vida dos Andradas — um capitulo heróico da história pátria — limitada ao primeiro império? Escreva com a mesma despreocupação com que escrevia os seus artigos do "Comércio", deixando escoar suavemente o cabedal acumulado na sua memória.

Na minha longa ausência, é natural que fique deslembrado; por isso, escapa-me decerto algumas das obras publicadas nos últimos tempos. Entretanto, creia que a minha residência no estrangeiro não faz senão aumentar meu interêsse pelas coisas do nosso país.

Há poucos dias caiu-me nas mãos uma brochura, que revela real merecimento no autor, e nos dá esperança. O Poeta Crisfal, *de Raul Soares, publicação de Campinas. À parte certa afetação, que o autor perderá de certo, vê-se nela que há nervo, há lógica, há clareza e há sinceridade no saber.*

As nossas letras exigem um grande movimento de reação contra o gongorismo, o mau gôsto em mostrar erudição barata, que não encobre a pobreza do pensamento. Precisamos de um movimento contra o pedantismo que nos vai enxovalhando e destruindo, com a singeleza e a sinceridade, a harmonia das proporções, sem a qual não há obra de arte.

Um abraço do vero amigo — Affonso Arinos".

***

CONTRIBUINDO, do livro de Martim Francisco — São Paulo, 1921.

A Olavo Bilac

Meu caro Bilac

Lendo a inclusa notícia do *Temps*, o mais importante dos diários vespertinos de Paris, lembrei-me logo do inspetor escolar que és na respeitável classe dos funcionários municipais do Rio e do artista que fôste, és e serás entre os veros artistas de tôda a parte, com ou sem classe.

Trata-se de uma novidade francesa ou antes parisiense e esta das mais finas, úteis e profícuas na educação estética de uma meninada como a brasileira, cuja curiosidade é tão viva e tão acessível às diversas formas da arte. Como vês, é a arte na escola primária, a boa arte sem grande dispêndio e sem ostentação de mau gôsto, abrindo-se maravilhosa aos olhares dos petizes numa sucessão de quadros dos grandes mestres, reproduzidos pela gravura, e de paisagens, onde a natureza da pátria se revela em todo o esplendor de sua sadia beleza. Não achas, meu caro Bilac, que com os nossos recursos podemos fazer algo nessa direção?

Como não é de estranhar num povo jovem, nós imitamos muito. Imitamos o mais das vêzes a aparência, o exterior, porque não podemos aprender o fundo; outras vêzes imitamos mal, querendo — estúpida vaidade — por basófia de progresso e civilização, transportar para o nosso país leis, instituições e costumes que é impossível se adaptarem ao nosso meio.

Sem ir muito longe, basta lembrar uma das causas mais frívolas de aparência que quiseram extirpar do nosso meio os ingênuos legisladores da Constituinte, imitando cegamente a constituição americana: refiro-me à abolição completa de tôdas as ordens honoríficas, distinções, títulos de nobreza etc. Ora, basta lembrar que nós somos o único povo do mundo onde ninguém é chamado simplesmente pelo próprio nome: todo o mundo é, no Brasil, *senhor, doutor, senhor capitão, coronel, comendador* etc. Acontece até que ao têrmos de fazer o sobrescrito de uma carta hesitamos em lançar o nome pura e simplesmente e pergutamos a nós mesmos: "que será Fulano?" Quando não sabemos ao certo, sempre decidimos por fazer *ao amigo* a mercê de uma patente ou de um título, certo de que isso não ofende a ninguém e de que, sobretudo, o destinatário não protestará. E assim lá vai o nosso homem feito doutor, capitão, coronel ou comendador!

Pois é êste povo tão guloso de honras e de galões que quer sèriamente abolir ordens honoríficas, etc.? O resultado aí está: coronelizam-se e doutoram-se o país inteiro e o espetáculo que oferecemos ao estrangeiro que nos visita é realmente ridículo. Há pouco tinha eu diante dos olhos um convite impresso para uma das festas oferecidas aí ao Sr. Paul Doumer, por ocasião de sua visita ao Brasil, e lá está, em tôdas as letras — "em homenagem ao Exmo. Sr. Dr. Paul Doumer".

Assim, meu caro doutor Bilac, penso, e com razão, não será desta vez difícil imitar uma causa em si tão fácil e simples como a de que nos fala o *Temps*.

É incontestável que já temos no Brasil um núcleo de artistas de valor. Algumas das cenas da nossa história estão perpetuadas na tela, como o *Grito do Ipiranga* de Pedro Américo, a *Partida da Monção* de Almeida Junior, os *Bandeirantes* e os *Primeiros Exploradores* de Henrique Bernadelli e Belmiro de Almeida; *O Juramento dos Regentes* de Pôrto-Alegre; temos ainda as batalhas dos Guararapes, do Riachuelo e de Peribebuí; admiráveis paisagens, quadros de gênero etc., onde Vítor Meireles, Amoêdo, Castagnetto, Roberto Mendes, Weingartner, Aurélio de Figueiredo, Visconti e tantos outros artistas dignos dêsse nome fixaram para sempre cenas e quadros da vida e da natureza brasileira com a emoção de verdadeiros evocadores, que talvez não tenham sido compreendidos pela sua era e sobretudo pelo meio ainda mal educado, mas certo lhes trará, no futuro, a glória de precursores da arte nacional brasileira.

Não tenho a pretensão de fazer resenha das boas obras, nem a enumeração dos artistas; aponto, apenas, simples exemplos que me ocorrem no momento e convencem de poder-se e dever-se no Brasil tentar êsse esfôrço de resultados indubitáveis — a arte na escola.

Para os artistas da pena e grande número dos que se enfeitam com penas sem ser artistas, as escolas públicas são já um poderoso meio de vulgarização das obras, por meio *dessas copiosas seletas que correm contendo trechos de* escritores nacionais, bem ou mal joeirados, sob o benévolo patrocínio do Conselho Diretor da Instrução Pública. Se os alunos têm à vista as obras dos escritores, porque negar-lhes o colorido das telas, tão sugestivo e de intuitiva compreensão para as crianças?

Demais a compra, renovada freqüentemente, para uso da infância escolar, de milhares de volumes de obras de gôsto duvidoso, não custará mais dinheiro do que a decoração de duas casas escolares por bons artistas. Sim! Basta isso — duas escolas no Rio, que sirvam de modêlo e exemplo para os Estados. A decoração ficará para sempre, e os artistas não farão decerto a menor dificuldade em prestar o seu concurso, uma vez que se trate da glória do próprio nome e da educação da mocidade.

Temos para o passado muito trabalho feito dos Taunay, de Debret e de seus contemporâneos, que fundaram, sob as ordens de D. João VI, a Academia de Belas Artes no Rio.

Junto do Prefeito do Rio, dos Conselheiros Municipais e dos artistas, o meu caro Bilac encontrará o necessário apoio e eu tenho o pretexto de renovar com o meu velho amigo, embora separados pelo oceano, aquelas saudosas palestras, tão suaves, tão impessoais, dos nossos passeios solitários pe-

las ruínas de Vila Rica, de onde surgiram tantas admiráveis *Crônicas e Novelas* e as páginas épicas do *Caçador de Esmeraldas*.

Adeus, meu caro Bilac, um abraço do

Affonso Arinos

Carta de Olavo Bilac a Affonso Arinos

Rio, 28 de janeiro de 1895.

Affonso querido,

Sei, pelo Emílio Rouede, que estás rijo, são e alegre. Ainda bem! Viva assim Vossa Mercê por muytos annos e bons, muy senhor meu, como eu e êstes Reynos havemos mister.

Eu por aqui vivo numa faina bárbara. Meti-me em casa, e vivo como um caramujo. Há uma diferença: o caramujo dentro da sua carapaça dorme como um porco que é, e eu dentro da minha casa trabalho como um burro que sou. Meti ombros a uma emprêsa formidável, que me está ensopando de suor as barbas e a alma. Imagina que se trata disto: fazer um livro de contos (educação cívica!!!) que possa ser adotado como livro de leitura nas escolas.

Calcula: fazer literatura que as crianças entendam e que, ao mesmo tempo, não seja fancaria! Oh! Estou acabrunhado já, e faze idéia: apenas dois contos estão feitos!

É para êsse livro que preciso de ti, meu velho, meu bom, meu grande Affonso: quero que me escrevas *quanto antes, mandando-me esta informação:*

Conheces bem Diamantina? *Bem!* Estabelecido o fato de haver em Diamantina ou Tijuco, em mil setecentos e tanto, um jardim de luxo, que árvores frutíferas ou de ornato achas tu que, com mais abundância, deveria haver nesse jardim? E, alargando mais a pergunta: podes mandar-me uns seis ou sete nomes das árvores, dos frutos, das flôres mais comuns nessa região? — Tem paciência, Py y Camacho! Olha que se trata da glória da tua terra!

Que tens feito, de literatura? Já li *Pedro Barqueiro* três vêzes. Pelas tripas de Apolo! É uma das cousas mais fortes e mais belas que se tem feito nesta terra! — Estive ontem com o Coelho Neto. Sabendo que eu te ia escrever, pediu-me que te enviasse um longo abraço. — O nobre Duque de Saporta, que aqui nos chegou transformado em pedagogo, anda a comprar apetrechos para o Colégio de Itabira. E está de uma circunspecção espantosa! Dizem-me até que já não bebe, e já não faz trocadilhos!

Adeus, Affonso! Escreve, sim? Abraça-te o, todo teu,

Olavo Bilac.

P.S. — Esquecia-me... recebi ontem uma carta de Portugal, em que me dizem que talvez me seja dado êste ano o *hábito* de São Tiago. Ah! Affonso! Se me vejo comendador... morro!

Carta de Affonso Arinos a sua mãe

Paris, 25 de março de 1912.

Mamãe,

Peço a Deus que ao receber esta já esteja completamente restabelecida. Quanto a mim tenho andado meio adoentado, com reumatismo, gripe etc.

Parto hoje para a Grécia para sacudir essa morrinha e espero que na terra onde o homem foi tão admiràvelmente sadio de corpo e de espírito possa eu encontrar o vigor e sobretudo a alegria que só tenho nas minhas viagens a cavalo por Minas. Seguem comigo o Álvaro da Cunha, o Edgar Conceição e senhora, a Queila e Antonieta, que comandará orgulhosamente êsse pelotão.

Estaremos de volta dentro de um mês e já pensamos na viagem para o Brasil, depois de uma estação em Aix-les-Bains, no mês de julho, para os nossos reumatismos. É a vida de judeu errante, sempre em marcha e sem lar. No fim, a gente sente necessidade de um canto bem seu. Mas, nos meus sonhos para um futuro que não pode mais ser longínquo, o canto que me aparece mais belo e mais propício à mansão da velhice é sempre alguma fazendola entre coqueiros, com um belo córrego ao lado, o quintal cheio de laranjeiras, juritis e sabiás. Aí a gente poderia esperar, de pé, a morte. Abraços aos irmãos, beijos aos sobrinhos. Abençoe com papai ao filho

Affonso."

Carta de Afrânio de Melo Franco à viúva de Affonso Arinos

Rio, 17 de junho, 1916.

Cara Antonieta,

Depois do nosso grande infortúnio, esta é a primeira vez que te escrevo. O meu silêncio, porém, não é senão resultado da dor que nos oprime, dessa infinita dor que o irreparável e imprevisto desastre lançou para sempre sôbre a nossa família, que até o dia fatal sempre foi considerada excepcionalmente feliz.

Neste momento volto da estação da Central, onde fui acompanhar Mamãe e Papai que vieram conosco de Belo Horizonte e passaram um mês em nossa casa. Mamãe partiu em pranto, lembrando-se de que foi ali mesmo em idênticas circunstâncias que ela viu pela última vez meu querido irmão.

E é nessa atmosfera de luto e de tristeza que temos arrastado os nossos dias, há quatro meses.

Eu antecedi a todos no sofrimento, pois foi a mim que o Conselheiro Prado telegrafou no dia 9 de fevereiro nos seguintes têrmos: "Antonieta comunica chegada Barcelona dia sete, não podendo seguir Paris porque Arinos desde 23 estava com febre".

Desde aquêle telegrama não tive mais um minuto de tranqüilidade, nem esperança de rever Fonsinho.

Por meu intermédio vieram quase todos os horríveis telegramas, que comunicavam a marcha da enfermidade e por cuja leitura eu tinha a intuição do grosseiro êrro de diagnóstico, que foi a causa verdadeira do sacrifício do meu irmão. No Brasil êle se teria curado, pois aqui ninguém confundiria um caso clássico de colicistite com o de febre palustre.

Até pelos documentos de prova de óbito, remetidos pelo cônsul, ainda se verifica a falta de firmeza dos médicos — pois que o operador declarou que a enfermidade fôra a colicistite, ao passo que o embalsamador declarou que a causa da morte fôra uma angiocolite. Ora, essas duas enfermidades são muito diferentes, apesar de localizadas ambas em regiões vizinhas.

Passei dias e noites de inenarrável angústia, sentindo a iminência do desastre — e sem ter meios de preveni-lo e de evitá-lo. Que horror, meu Deus!

Não podes imaginar o pungente sofrimento de meus velhos pais, nem o horror do quadro a que assisti, no momento em que, acompanhados pelo padre Severino (a quem mandei chamar) tivemos de anunciar-lhes o desaparecimento de meu irmão para sempre. Só de lembrá-lo os meus sentimentos se renovam com tôda a intensidade.

Em S. Paulo, onde passamos cêrca de 20 dias, esperando o corpo inanimado do nosso querido ausente — a tristeza era o ambiente em que se arrastavam as nossas horas, até que, com a chegada dos preciosos despojos, a forte impressão recebida foi igual à da primeira notícia do falecimento. Para nós foi como se êle tivesse morrido duas vêzes.

Em Minas e em todo o Brasil o pesar foi imenso. A não ser Rio Branco, nenhum brasileiro foi mais chorado depois de morto; — a impressão do falecimento inesperado do meu irmão até hoje perdura, pois os jornais continuam a registrar ecos e fatos referentes à sua memória, e é raro o dia em que, na rua, eu não encontre alguém que dêle me fale.

No primeiro mês de seu falecimento fomos em romaria ao Asilo São Luís e serra da Piedade, onde monsenhor Pinheiro, as irmãs e as asiladas fizeram uma singela e tocante sessão em homenagem ao querido morto.

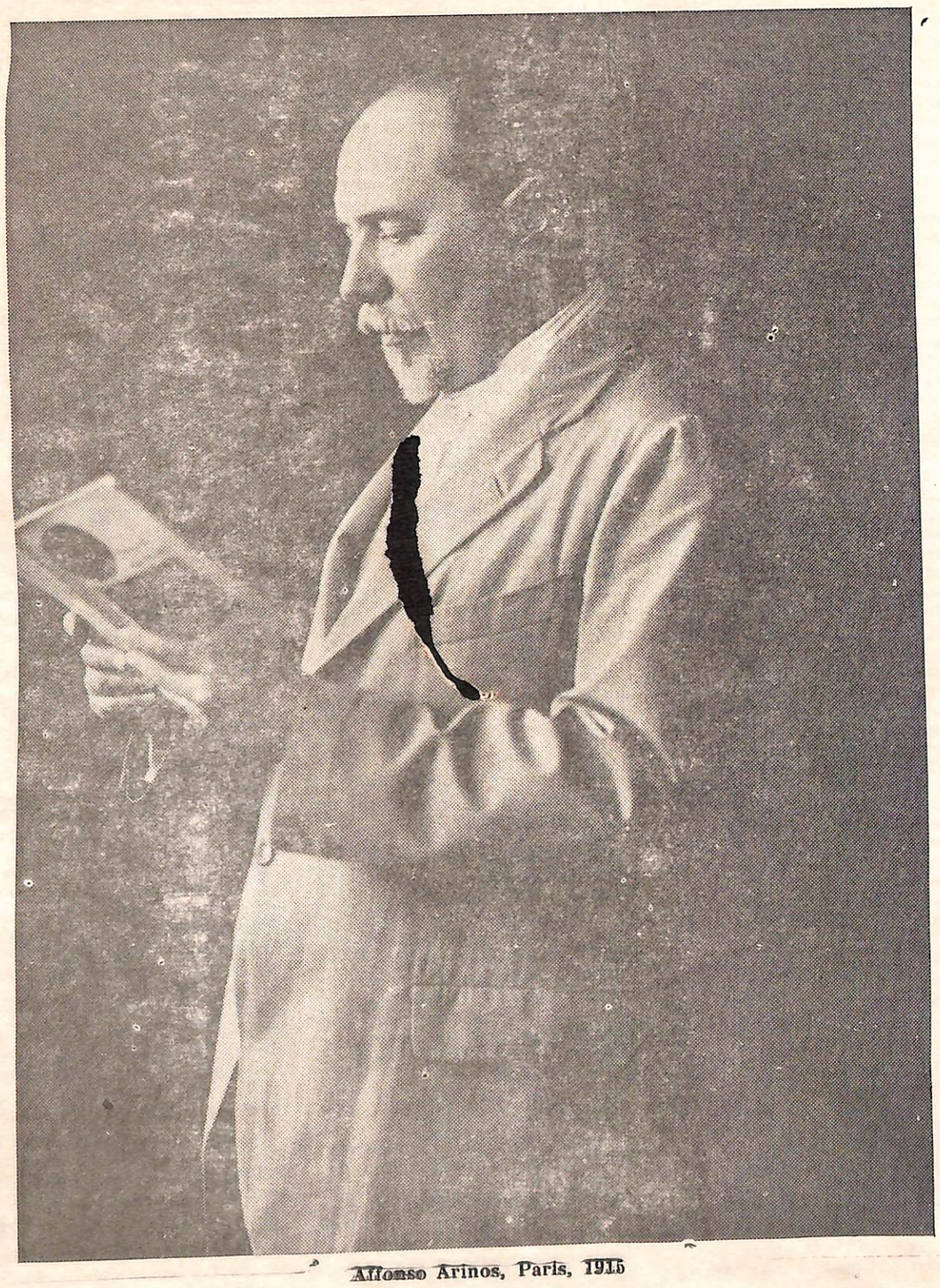
Mamãe deve ter te escrito, comunicando que o Asilo confeccionou uma grinalda feita de fibra de bananeira e fôlhas de samambaia da serra a fim de ser colocada em seu túmulo. Essa grinalda foi levada a Belo Horizonte por duas irmãs de caridade e uma asilada.

Organizei um álbum com as notícias sôbre Fonsinho publicadas pelos jornais do Rio, de Minas, S. Paulo e alguns artigos da imprensa de outros Estados, que consegui obter. Tudo daria para um grosso volume.

Não deves culpar os mineiros, por não terem escrito, dando pêsames. Poucos sabiam o teu enderêço. Além disso todos se dirigiram a Papai e a mim, em têrmos muito carinhosos, e quase todos pediam que transmitíssemos a ti os seus sentimentos. Guardei também as cartas e os telegramas.

Tratando agora do assunto do teu telegrama, confirmo o que te mandei em reposta. Falei ao Alves sôbre o contrato de edição das obras completas, inclusive o *Pelo Sertão*. Êsse livreiro é homem de bem, muito amigo de Papai e dos Tobias Monteiro, cujo concurso eu pedi para o fim que temos em vista, por saber que o mesmo Tobias era amigo de Fonsinho.

. . . . . .



Affonso Arinos, Paris, 1915

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

AFFONSO ARINOS

Augusto de LIMA

Ao traçar estas primeiras linhas sôbre Affonso Arinos, trêmulas ainda da emoçao de sua morte, caem-me da pena as palavras com que, um dia, na Academia Brasileira, recebendo o Almirante Jaceguay, definiu o anseio do regresso à Pátria: "*E', de certo, por fôrça do símboto, que, nas travessias do Atlântico, quando a quilha vem rasgando serenamente as ondas em demanda das terras do Sul, tantas vêzes, na aproximação da Linha, nós, brasileiros, abandonamos os serões de música e nos precipitamos sôbre a amurada para contemplarmos, ao longe, erguida sôbre a massa escura do oceano, a constelação do Cruzeiro*"". (Rev. da Academia Brasileira, nº 5, pág. 133).

Este trecho me sugere, inteira, a alma de Affonso Arinos. No alto mar, "estrada sempre livre e sempre grande", no momento da aproximação da linha equatorial, com os olhos voltados para a Pátria remota, que o Cruzeiro representa, como uma condensação estelar das inúmeras cruzes da terra de Santa Cruz, palpitava, com efeito, o seu coração apaixonado pelas viagens, ma ao mesmo tempo vinculado a terra do berço, por funda e constante recordação das suas paisagens, das suas lendas, das suas afeições caríssimas.

E essa psicologia terá o seu complemento, juntando-se ao trecho precedente as palavras finais dêsse discurso, nas quais Arinos revela a sua freqüente atitude, fitando o Cruzeiro, não já no alto oceano, mas "no coração dêste continente, quando em rancho aberto, estirado num couro, repousava das fadigas da jornada, noite a dentro, vagando os olhos insones pelo espaço".

Ei-lo aí — sempre peregrino, sempre patriota. Errando pelo mar, ou errando pelo sertão, só um ponto fixo lhe atraía os olhos: o Cruzeiro do Sul, símbolo da Pátria e do Lar. O patriotismo de Affonso Arinos revestia, como se vê, dois aspectos: o da nação, no seu longo contôrno marítimo e terrestre, visto pela memória através das distâncias exteriores, e o da terra natal, mais íntimo, desdobrando-se pelas montanhas, vales e planícies do sertão, longe do borborinho das cidades.

Natureza profundamente musical, rica, na sua complexidade rara, de tôdas as percepções da estesia da côr, do som e do aroma, o escritor ordenava o seu maravilhoso ritmo de artista no contraste, aparentemente paradoxal, do amor ao sertão e da paixão pelo mar. Êle mesmo procurou justificar esta conciliação de coisas tão extremadas para o vulgo, afirmando, convictamente, que a misteriosa nostalgia do mar se sente mais veemente no longínquo habitador do sertão, na mais remota cafua de caipira ou de matuto. Êle mesmo, que nascera a 1.200 quilômetros da costa, numa terra, onde o ponto mais próximo da estrada de ferro ficava a mais de trezentos quilômetros aquém, êle mesmo ouviu dos patrícios sertanejos o desejo nostálgico de atingir o mar longínquo.

Certo, alguma razão natural há para êste fato, e, sem ser preciso remontar à origem de todos os sêres vivos nas águas maternais do oceano, não é fora de propósito conjeturar que o simples aspecto dos rios, imagem das coisas que se vão para além, e com que vivem sempre em contato os sertanejos, é suficiente para gerar nas suas almas simples e impressionáveis o desejo de ver um rio maior, um rio cujas margens desapareçam na visão soberana do céu e do mar, confundidos na curva do horizonte. Os canoeiros do S. Francisco e do Parnaíba mandam, cantando nas suas melancólicas tiranas, às águas que vão descendo, saudades do mar distante.

O mar para Affonso Arinos era mais do que isso: era o símbolo da Pátria, quando embalava a marinha brasileira; mas era, sobretudo, "a mais larga e potente expressão da eterna e incessante aspiração humana para a liberdade". E ainda: "condenado pela natureza a uma neutralidade perpétua, o mar concretiza a idéia de logradouro comum de tôdas as raças, o ideal nunca atingido, mas sempre desejado, de solidariedade humana". Atravessando-o muitas vêzes, desde 1895, o sonhador itinerante via também nêle a estrada franca por onde o seu espírito, ávido de saber, sedento de arte, curioso de belezas, ia receber de perto os influxos da civilização do velho mundo, dos seus monumentos, das suas obras-primas, e, no próprio teatro, recordar as cenas da história que êle aprendera nos livros e ensinara algum tempo no Ginásio.

O que se apreende, à primeira vista, no estudo desta curiosa e peregrina organização, é o seu grande pendor para as viagens, o seu gênio de forasteiro por mares e sertões. Dir-se-ia que uma poderosa impressão de viagem lhe ficou na alma desde a primeira infância. Filho de antigo magistrado, talvez participasse, nos verdes anos da vida, das peregrinações paternas por mais de uma comarca do sertão. De uma delas se sabe ter nascido a laureada *Memória* que abriu as portas do Instituto Brasileiro ao seu venerando Pai, Senador Virgílio de Mello Franco, grande e culto espírito, que podia, por si só, pela lei da herança, explicar o alto valor intelectual do filho e, particularmente, a sua índole inclinada à observação das cenas da vida sertaneja. Chego a presumir que seria êle, o autor do *Pelo Sertão*, um sertanista intrépido, um batedor de florestas como Roosevelt ou Rondon, um devassador de regiões inéditas na geografia, pacificador de tribos selvagens, como Marlière, etnógrafo e cronista das selvas, se, de um lado, fatôres do seu meio social, que nêle atuaram bem cedo, e, de outro, a sua imaginação e congêneres faculdades de impulsão transcedente não o fizessem, antes de tudo, um homem de letras, um esteta, um criador de arte. Em Affonso Arinos, o homem, o patriota, o profissional, sem que perdesse a melhor essência cada um dêstes aspectos, tinham o revestimento do Artista, na significação mais delicada que êste têrmo comporta. Os seus sentimentos íntimos, a sua moral superior, as suas crenças religiosas, que as tinha do mais ortodoxo catolicismo, transformavam-se em criações literárias, contos e cenas, cujos protagonistas e comparsas primam por grandes qualidades, por ações heróicas e, devido a um fenômeno de psicologia reflexa, a sua bondade natural adorna quase sempre a alma dos *simples*. *Espontâneamente virtuoso*, êle espalhou um grande clarão de virtudes por todos os seus trabalhos, onde se respira um ambiente saudável e a própria cultura da fôrça física se exerce para a reivindicação do bem, para as renúncias exemplares, para as dedicações abnegadas.

Paira sôbre tôdas as suas criações um grande nimbo de piedade humana, que é o próprio fundo da natureza de Arinos. E é por um retraimento instintivo de modéstia e ao mesmo tempo por uma expansão consciente de generosidade, que as boas qualidades, que eram dêle, se achavam aureolando indivíduos de condição inferior, elevados desta sorte, como os miseráveis de Victor Hugo, à altura de heróis, super-homens chamantos. Em *Joaquim Mirong* vemos, com emoção crescente, o amor desinteressado do cocheiro rude pelo *sinhô môço*, memorando pranto copioso quando, ferido, êste expirava nos seus braços, e, sem palavras para narrar mais tarde aos seus companheiros êsse trecho trágico, apenas pôde balbuciar com ternura:

"Lá naquele campo azul, junto com os anjos, pastoreando o gado miúdo..."

Quem não se recordará da empolgante narrativa — *Pedro Barqueiro* — em cujo desenlace, o invencível crioulo fugido se transfigura num herói magnânimo, para perdoar ao algoz da sua liberdade, por ter êste revelado intrepidez e valor? É o gênio da cavalaria na natureza inculta do sertão, nobilitado pelo punho generoso do romancista.

Como êstes, poderíamos enumerar outros episódios e passagens, em que se desenvolve a preocupação do escritor de elevar a índole, exaltar a virtude selvagem e o valor físico dos homens do interior. As próprias paisagens que, na realidade, são quase sempre, ásperas e hostis nestas regiões, através da fantasia de Affonso Arinos aveludam-se em aspectos de bondade hospitaleira e acolhedora: o que não admira, porque êle próprio, habituado aos trouxéis do leito em habitações confortáveis, achava prazer em passar, contemplativamente, uma noite estirado em rancho aberto, sôbre um couro de boi!

Antes de os escrever, vivia, por assim dizer, os seus contos, impregnando-os dos influxos do meio em que ia fazer agitar as figuras das suas narrativas, dos seus dramas e dêsse curioso e original romance colonial — *O Mestre de Campo* — cujos fragmentos publicados excitaram os mais vivos aplausos da imprensa e dos leitores. Em excursões longínquas, a pé, a cavalo, ou vagando pela corrente dos rios, embrenhava-se pelos sertões, onde passava muitos dias, e comprazia-se na convivência dos homens rústicos dêsses lugares, ou, prosseguindo na sua jornada aventurosa, ia contemplar no chapão longínquo, triste sentinela do deserto brasileiro, o *buriti perdido*, de pé, imagem da resistência orgânica às intempéries mortíferas, imagem também do caráter perseverante e vivaz do peregrino evocador do deserto.

Quanto à sua feição patriótica, manifestou-a durante a sua brilhantíssima carreira de professor de história, de jornalista, de preletor, de ensaísta, sempre com a mesma preocupação de elevar e engrandecer a natureza e os filhos do interior do Brasil. A sua conferência sôbre *A Unidade da Pátria*, realizada em Belo Horizonte, há meses, e logo incorporada, por voto unânime da Câmara Federal, aos seus *Anais*, é um grito de protesto contra os maus processos políticos em que se tem agitado o país, e, ao mesmo tempo, um hino de fé à capacidade do povo brasileiro. Meses antes já em S. Paulo, numa série memorável de palestras, evocara o gênio popular da nossa terra, cujo folclore desvendou com extraordinária riqueza de observações pessoais, colhidas nas suas longas excursões pelo interior. Conhecedor profundo da *história nacional, não ligava contudo à história uma importância capital, no seu aspecto* de crônica documentada e erudita, que, no seu conceito, é apenas "privilégio de um núcleo de eleitos". Para o povo, pròpriamente, a história real não é a que sucede, mas a que se cria, e no fim dos tempos é a definitiva, "porque paira sôbre o formigueiro humano como uma poeira de astros". Vale bem reler e reproduzir com as próprias palavras o famoso trecho do *Discurso* acima citado: *"E' ela, a lenda, que se infiltra nas massas, repassa os corações, germina, desabrocha, folga nos folguedos, canta nos cantares e chora na dor e no luto; irmana-se com os homens e os outros sêres, irradia, eteriza-se, brilha no astro, rescende na flor; é, finalmente, a história pela poesia a única história capaz de vulgarizar-se e de ser possuida pelo povo. São os poetas os que sabem exprimir o ideal que a imaginação do povo acaricia; heróis os que podem realizar êsse ideal"*.

Foi assim praticando que à autenticidade do testamento do Irmão Lourenço de Nossa Senhora apontando-o como um humilde campônio português, emigrado, e, em virtude de um voto piedoso, tornado ermitão, preferiu a lenda, muito corrente ainda entre os habitantes da zona convizinha, que advinhava nesse asceta misterioso o disfarce de um fidalgo da família Távora, proscrito e perseguido atrozmente pelo Marquês de Pombal. Fale o próprio coração dêsse grande poeta da bondade: "Sem a lenda, como poderíamos evocar a angústia do mísero ou perpetuar o heroísmo do pequenino?"

Sem embargo dessa preferência confessada, foi Affonso Arinos um dos mais ávidos investigadores de documentos que tenho conhecido. Comigo, algumas vêzes, no Arquivo Público Mineiro, passou horas incontáveis revolvendo papéis, manuseando cimélios, registrando datas, tomando notas de nomes em sesmarias, cartas e ordens régias e outros atos. O seu grande busto senhoril inclinava-se sobre o papel carcomido da pelma e dos séculos, os olhos apertados pelo esforço muscular da visão atenta, e desta posição só se erguia depois de satisfeita a sua curiosidade, ou se era surpreendido pela hora regulamentar do fechamento da repartição.

Quando se lhe deparava algum episódio denunciador de curiosos costumes, de um rasgo de fôrça, de energia ou de generosidade na crônica do país, não continha um gesto de satisfação, e com aquêle sorriso, que lhe era tão característico a bondade do semblante, repetia a passagem e comentava-a de modo favorável a nossa nacionalidade e aos usos e costumes antepassados. De outras vêzes, não lhe satisfazendo à pesquisa a versão deparada nos documentos, punha-se a meditar, voltada a cabeça para a janela do gabinete, os olhos fixos na serrania, que daí se descortina, os dedos da mão esquerda acariciando a barba do mento; e assim, longos minutos ficava nesta aparente abstração, mas verdadeira e profunda meditação, de que não raro despertava com a solução histórica almejada.

Êste deficiente esbôço mais lacunoso ainda seria se eu não acentuasse que Arinos amava, depois de sua pátria, a Portugal, como o principal fator da nossa raça; admirava na tradição lusitana o gêneses da nossa formação mental e do nosso caráter, e, nas suas diligências de investigador, partilhava o seu carinho com o brasileiro e o português de antanho.

Bem quisera mostrar, em minuciosa análise literária, o grande valor do *Pelo Sertão*, das *Notas do Dia*, dos *Jagunços*, do *Mestre de Campo*, do *Contratador de Diamantes* e de muitos outros trabalhos esparsos, uns inéditos, outros já consagrados pela publicidade. Façam-se os críticos, como o merece o alto valor dessa obra que ficou de um dos maiores *escritores da nossa língua*.

O momento atual é confuso e tumultuoso, para que se possa discernir no seio das letras o lugar que definitivamente cabe à produção de Affonso Arinos. A sua individualidade, porém, prima sem competição de qualquer outra, no aspecto literário que assumiu.

Os seus quadros são inconfundíveis pelo forte colorido. As paisagens vivem, os personagens são animados de expressões, nas quais palpita, em cada um, a paixão característica do papel que representa no drama ou no conto. Há ali vibração, movimento, alma, e ainda mais: a *atualidade* sempre flagrante das obras de arte que não perecem.

Nem perecerá o grande Artista, enquanto, sob o Cruzeiro do Sul, que êle tanto amou, se entenderem os corações e as inteligências no idioma dos *Lusíadas*.

* * *

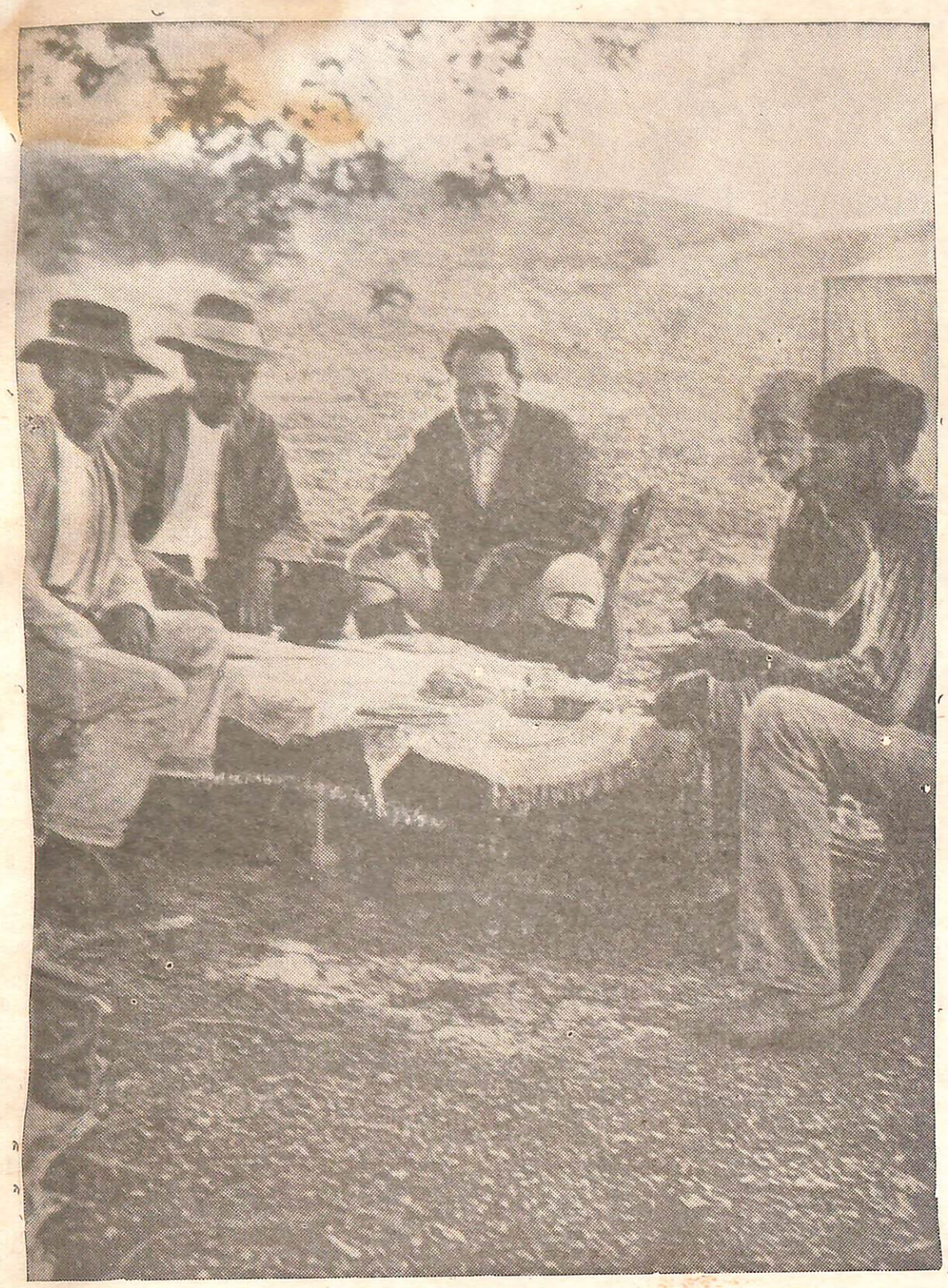
Fui amigo de Affonso Arinos. Conheci-o em agôsto de 1891, na velha Capital de Minas. E' decorrido um quarto de século. Nesse espaço de tempo só lhe descobri virtudes na grandeza do coração e na limpidez da alma. Generoso, abnegado, às vêzes sublimemente esquecido de si, para acudir aos outros, não teve tempo para ser mau. Abençoado o leite materno que enfibrou êste forte, que foi um Santo,

Saudosíssimo Affonso!

A última vez que gozei da sua querida companhia foi abraçando-o há meses, no Rio, à porta do Silogeu, depois de uma das sessões semanais da Academia. Separando-nos, então mal podíamos pensar, êle e eu, que essa linha ideal do Equador, tão ansiosamente desejada pelos que regressam do velho mundo à Pátria, êle a ia, desta vez, transpor sòmente na ida!

* * *

(In "Revista do Brasil, de S. Paulo, março — 1916).



Uma de suas últimas viagens a Paracatu

AFFONSO ARINOS E O SERTANEJO

Miguel COUTO

O sertão não era para êle um prazer, um passatempo, um hábito; era a bem-aventurança elísea, ou antes uma religião, a que, de tempos a tempos, movido por ímpeto irresistível, havia de render culto; não ia de pés nus ou de alpercatas, empunhando a auriflama ou abordando-se no cajado do peregrino, nem entoava em côro a litania, porque não era Jerusalém o seu destino; porém jamais cometeu a heresia de comparecer no grande templo com as mesmas roupas impregnadas do pó indigno das cidades, senão com a sua andaina de ganga, os seus coturnos amarelos, o seu chapéu de couro de grandes abas e um bastão tôsco.

Uma vez, numa das suas romarias de longas jornadas, acompanhado de rapsodos e tocadores, deparou já ao cair da noite um enorme jequitibá — a que chamava a catedral das florestas — em cujo tronco se abrira uma grande cava; então o bardo Catulo nêle penetrando, declamou plangentemente uma ode heróica à natureza mater, enquanto o violeiro Pernambuco, entre todos os da fama, famosíssimo, dedilhando as primas e o bordão, compunha um hino à lua, que vinha tímida, esquiva, vagarosa se esgueirando por trás das frondes do arvoredo. Era demais; descobrindo-se e pedindo silêncio, Arinos caiu numa espécie de êxtase, que durou enquanto não se perdeu além das serranias o último eco do improvisado cerimonial.

Êste sentimento arrancava tão profundamente de sua alma que, por mais infantil que parecesse, a todos infundia respeito; nem êle era capaz de brincar ou consentir que brincassem com estas coisas.

Como todo o crente, deseja impor a sua crença à fôrça de propiciá-la. Dias depois da série de conferências sôbre lendas e tradições brasileiras, numa das quais fêz representar em cena [illegible]erta o auto da *Nau Catarineta*, [illegible]ofereceu no seu palacete à [illegible]a sociedade paulistana u[illegible]aile da maior suntuosidad[illegible]requintada opulência, e a [illegible]o da noite, quando os salõ[illegible] regurgitavam das mais belas [illegible]amas, cujos alvos colos nus [illegible]aapareciam sob roacis de pérolas ou constelações de diamantes, e homens enfarpelados em irrepreensíveis casacos se ombreavam, entrou uma turma de legítimos e retintos caboclos, de chapéus na cabeça e sem colarinhos, para dançar o verdadeiro, o clássico, o incorrupto "cateretê"; e ao se retirarem dêste quadro, no qual não sei se o poeta de Gengicas ainda acharia que "a púrpura da Assyria não altera a brancura das lãs", êle próprio, com aquela sua linha finamente aristocrática, os conduziu até ao tôpo da escada, apertando a mão de cada um. Neste apêrto de mão ia uma renúncia ostensiva, um repto, o desprêzo do fiel ao chamado respeito humano.

A MORTE E A ÚLTIMA VIAGEM AO SERTÃO

Affonso Arinos de Melo FRANCO

Em dezembro de 1915, Arinos chegado da Europa, fizera sua última viagem ao sertão querido. Era uma despedida. Fêz questão de hospedar-se no sobradão setecentista construido pelo bisavô, onde moraram tantos Melo Franco, e quis percorrer, com emoção renovada, aquêles lugares, para êle quase sagrad[illegible] sua infância.

Na varanda do primo Jesuino de [illegible]res, o Zuzu, promoveu uma «dança de [illegible] melhores dançadores da região. A princ[illegible] atentamente, de lápis em punho, tom[illegible] recortados, catiras e sapateados, enq[illegible] das palmas ritimadas, ao som das v[illegible] caixa, os cabras cantavam muito sério[illegible] se francamente na festa:

«A dona Josefina pinta[illegible]
Quando ela saiu em terra[illegible]á,

Fêz o povo admirá,
Também fêz o sol pará.

Foi a dona Josefina que saiu pra passeá,
Saiu a passeá tôda a terra se tremeu.
Estas cinco légua em roda todo sino se ba-[teu,]
Este entusiasmo dela não foi feito prela só,
Se de saia ela é bonita muito mais de pali-[tó...»]

Martiniano Alves e seus sete companheiros volteavam gravemente, cantando sem rir. Arinos, êste, ria, mas com os olhos cheios dágua.

Fôra recebido no dia 13 de dezembro com as ruas enfeitadas, cruzadas de arcos floridos. Acolheram-no, disse aos amigos, «como se fôsse bispo ou ouvidor». mas, por cima do tempo, êle olhava dias passados, entes desaparecidos: a boa Eleutéria, Pascoal, o cruel Felipinho, Chico Veludo, tipos fixados nas suas obras. E os outros? Onde estavam o Albano, o Chico Doido, o Bigi, e o pobre Sancho arremedando o bater de sinos pelas ruas noturnas? E as beatas de capona da irmandade de S. Francisco? E as «florinhas douradas do alecrim do campo» e as águas claras do córrego Rico?

Aos poucos, numa daquelas distrações que lhe eram freqüentes, nem mais ouvia o que cantavam. Seguia com os olhos um menino alegre pelas ruas. O menino ia à escola, ouvia os professôres Manuel Caldeira Brant, José Rodrigues Barbosa (o futuro crítico musical do **Jornal do Comércio**), Eduardo Pimentel. Tristonho, aos 12 anos, o menino deixava o sertão, seguia para o Colégio de S. João d'El Rei, daí para o colégio do Rio Comprido, na Côrte, afinal para a Faculdade de S. Paulo. Depois Ouro Prêto, a luta contra Floriano, a fidelidade à Coroa, a notoriedade literária, a Academia de Letras. Depois... Depois o mundo, a vida absorvente e dispersa, a obra irrealizada, o desligamento da família, da República e da pátria. Que seria o futuro?

Não havia futuro. Embarcando num navio espanhol em fins de janeiro, Arinos teve a bordo uma crise de vesícula que o matou após uma operação inútil, no dia 16 de fevereiro, em Barcelona.

Foi enorme o choque causado entre os seus, pelo golpe inesperado. Até então nunca ocorrera nada de semelhante naquela família feliz.

Mas velhas cartas e outros papéis, piedosamente conservados por Melo Franco, tem-se a impressão da catástrofe que foi para pais e irmãos a morte de Arinos. Aliás, em todo o Brasil, era unânime a mágoa pelo desaparecimento do sertanista. Seu entêrro em S. Paulo (o corpo viera de torna-viagem) foi uma consagração popular e oficial. A imprensa de várias capitais abria colunas com biografias, apreciações críticas, anedotas a seu respeito. Causa até certa surprêsa ver como aquêle homem que nunca tivera funções de relêvo, nem influência de qualquer espécie; que desde tantos anos vivia no estrangeiro e afundava no sertão quando vinha de passagem ao Brasil, podia ter despertado e conservado tantas afeições.

E' que o seu encanto pessoal, sua pureza sadia, seu generoso desinterêsse e, principalmente, seu profundo, autêntico coração brasileiro, compunham uma personalidade ao mesmo tempo romântica e real, feita para atrair a atenção e prender sentimentos.

Morto em terra estranha, não tivera Arinos nem a vida nem a morte com que sonhara.

. . . . . .

(De Um Estadista da República (Afrânio de Melo Franco e seu tempo), pág. 839 a 842).

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

AFFONSO ARINOS

1868 - 1916

Subsídios para uma bibliografia

Hélio GRAVATÁ

PARTE 1: TRABALHOS DE AFFONSO ARINOS

1.1 — Livros e opúsculos

P... S...tão. Rio de Janeiro. Laemm...t, 1898. 206 p.

— Nova edição. Rio de Janeiro. Liv. Garnier, 1917.

— 3.ª ed. (2.ª da Livraria Garnie...) R... de Janeiro, Liv. ...rnie... s. d.| 200 p.

— 5.ª ... Rio de Janeiro, Briguiet, 19...ra ... 176 p.
— 6.ª ...va, co... Sertão. Bio...fia, i... apaixo... e notas Ivan ...g..., ma... ao mes... Rio de ...nculado a terra d... Graf. S. ...or funda e constant... Ilustra...dação das suas paisage... os brasi... suas lendas, das suas ...899). ...aríssimas.

Os ...sa psicologia terá... ...rqueiro, Joaqu... ...mento, juntando-... Cadeiri...nha e ... precedente as pa... foram antes p... ...se discurso, nas ... vista Brasilei... ...ela a sua freq... ...aneiro, Laemmert & ... ...ndo o Cruze... t. 1, 1895, p. 4-12; t. 3, ...no... p. 265-275; t. 6, 1896, p. ...9-333; t. 12, 18...7, p. 5-12 e 86-..., respectiva...mente.

O conto — Pedro Larqueiro — foi também antes publicado in: Minas Gerais. Ouro Prêto, 16 jan. 1895, p. 2-3.

Este conto foi traduzido para o espanhol e publicado in:

Sanchez Saéz, Braulio. Primeira Antologia de Cuentos Brasileños. Selección y Notas de Braulio Sanchez Sáez. Buenos Aires, Espasa-Calpe Argentina |1946. (Colección Austral v. 596|, p. 49-59.

Os contos abaixo relacionados foram antes publicados in:

A Estereira. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro.

A Fuga Excerto de um conto histórico. Minas Gerais, Ouro Prêto, 18 dez. 1894, p. 1-2, com o pseudônimo Cássio Gil.

Manoel Lúcio. Minas Gerais. Ouro Prêto, 3 fev. 1895, p. 1-2, com o pseudônimo Cássio Gil.

Trechos dos contos abaixo relacionados foram publicados in:

Assombramento — José Afonso. Seleta de prosadores mineiros.
Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1914, p. 5-6.

Eugênio Werneck. Antologia Brasileira. 12.ª ed. Rio de Janeiro, 1927, p. 105-106.

Buriti Perdido — José Lopes Pereira de Carvalho. Os membros da Academia Brasileira de Letras em 1925... Rio de Janeiro, 1915, p. 9-10.

Eugênio Werneck. Antologia Brasileira. 12.ª ed. Rio de Janeiro, 1927, p. 107-108.

Manoel Lúcio — José Lopes Pereira de Carvalho. Os membros da Academia Brasileira de Letras em 1915... Rio de Janeiro, 1915, p. 7-9.

1

Os Jagunços; novela sertaneja escrita expressamente para o "O Comércio de S. Paulo" e publicada por essa fôlha. S. Paulo, Antonio da Rocha Ribeiro, ed., 1898. 473 p.

Publicado sob o pseudônimo de Olívio de Barros. Não vimos a obra.

2

Notas do dia. Comemorando. S. Paulo, Tip. Andrade, Mello & Comp., 1900. 308 p. ii p.

3

O Contratador dos Diamantes. Peça de 3 atos e um quadro. Época 1751-1753. A ação passa-se no Tijuco, hoje Diamantina. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1917. 124 p.

FREITAS, Leopoldo de — O escritor Affonso Arinos. Esbôço bibliográfico e literário. S. Paulo, 1918.

4

Lendas e tradições brasileiras. S. Paulo, Tip. Levi, 1917. v, 184 p. Pref. de Olavo Bilac. Ao alto do título: Sociedade de Cultura Artística.

— 2.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1937. 1964 p.

5

A Unidade da Pátria. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917. 32 p.
Conferência pronunciada em S. Paulo, 1917.

6

O Mestre de Campo. Romance de costumes do século XVIII. S. Paulo, 1918.
Não vimos a obra.

7

Histórias e Paisagens. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921.

8

Conferências e Discursos.
Não vimos a obra.

9

Viagens e Descrições.
Não vimos a obra.

10

Viajando. Fragmento. Minas Gerais. Ouro Prêto, 29 nov. 1896, p. 4-5.

Subindo o Reno. Minas Gerais. Ouro Prêto, 27 dez. 1896, p. 2.
Obs. Serão capitulos do livro — Viagens e Descrições?

11

1.2 — Colaboração em publicações periódicas

Árvore do Pranto. Á F. M. Pimentel |por| Cássio Gil. |pseud.| Minas Gerais. Ouro Prêto, 20 fev. 1895, p. 2.

12

A propósito da Constituição, Minas Gerais. Ouro Prêto, 24, 26 fev., p. 2; 2 mar. p. 4, 1895. Ao alto do titulo: Estudos Sociais.

13

Carnaval |por| Cássio Gil |pseud.| Minas Gerais. Ouro Prêto, 21 fev. 1896, p. 3-4.

14

A Velhinha |por| Gil Cássio |pseud.| Minas Gerais. Ouro Prêto, 1 abr. 1896, p. 3.

15

1.3 — Antologias

Fragmento de Discurso. Almachio Diniz. Antologia da Lingua Vernácula, organizada para curso de literatura brasileira. Bahia, Liv. Catilina, 1913, p. 561.

16

Assombramento. José Affonso |Mendonça de Azevedo| Seleta de prosadores mineiros. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1914, p. 5.

17

Tipo Sertanejo. Buriti Perdido. O Valor do Povo Brasileiro. In: Carvalho, José Lopes Pereira de. Os membros da Academia Brasileira de Letras em 1915... Rio de Janeiro, 1915, p. 7-14.

18

Buriti Perdido. A Iara. In: Cruz, Estevão. Antologia da Lingua Portuguêsa. Pôrto Alegre, Globo, 1934, p. 300-307.

19

Os Tropeiros (De Assombramento). Buriti Perdido. In: Werneck, Eugênio. Antologia Brasileira. 12.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927, p. 104-105.

20

Pedro Barqueiro. In: Sanchez-Sáez, Braulio. Primeira Antologia de Cuentos Brasileños. Selección y notas de Braulio Sanchez-Sáez. Buenos Aires, Espasa-Calpe Argentina S. A. |1946| p. 49-59 (Colección Austral |v. 596|

21

1.4 — Discursos, conferências, cartas

Discurso pronunciado na sessão solene da Congregação realizada no dia 1.º de dezembro, 3.º aniversário da fundação do Ginásio Mineiro, pelo orador oficial, Dr. Affonso Arinos. In: Minas Gerais. Ouro Prêto, 14 dez. 1893, p. 2-3.

22

Recepção do sr. Affonso Arinos (Em 18 de setembro de 1903) Discurso do sr. Affonso Arinos. In: Rev. da Academia Brasileira de Letr... Rio de Janeiro, ano 1, n.º 2 ...ut. 1910, p. 468-507.

Também in: Aca...ia Brasileira de Letras. ...cursos acadêmicos. (1897...) Rio de Janeiro, Civiliz... Brasileira, 1934, p. 14...
Discurso de pos... ...a Academia Brasileira de ...tras.

23

Trecho in: Diniz, Almachio. Antologia da Língua Vernácula. Bahia, Liv. Catilina, 1913, p. 562-563.

|Discurso pronunciado ao ser recebido como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. 66, pte. 2, 1905, p. 215-220.

24

Resposta do sr. Affonso Arinos. In: Rev. da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, ano 2, n.º 5, 1911, p. 108-133.

Também in: Academia Brasileira de Letras. Discursos acadêmicos (1907-1913) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, S. A., 1935, p. 20-45.

Trecho in: Carvalho, José Lopes Pereira de. Os membros da Academia Brasileira em 1915... Rio de Janeiro, Of. Gráf. da Liga Marítima, 1915, p. 10-14.

Discurso proferido em 9 de novembro de 1907, na Academia Brasileira de Letras, ao receber o acadêmico almirante Artur Silveira da Mota, barão de Jaceguai.

25

Conferência sôbre D. Pedro I In: Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. 74, pte. 2, 1911, p. 673-689.

Conferência feita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 16 de outubro de 1911, em sessão extraordinária por motivo da data de 12 de outubro aniversário natalício de D. Pedro I.

26

Carta ao 1.º Secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Max Fleuiss, datada de Atenas a 7 de abril de 1912. In: Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 75, pte. 2, 1912, p. 274-276.
Refere-se ao falecimento do barão do Rio Branco, visconde de Ouro Prêto e marquês de Paranaguá.

27

PARTE 2: TRABALHOS SÔBRE *AFFONSO ARINOS*

2.1 — Bibliografias

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro... Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1883-1902, v. 6 (1900) p. 328, com o pseudônimo Olívio de Barros.

1

GUIMARÃES, Argeu. Dicionário Biobibliográfico Brasileiro de Diplomacia, Política Externa. Rio de Janeiro, 1936, p. 42.

2

VELHO Sobrinho, J. F. Dicionário Biobibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, |Pongetti| 1937, v. 1, p. 79-80.

CARPEAUX, Otto Maria. Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira |Rio de Janeiro| Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1951, p. 210-211.

— 2.ª ed. 1955, p. 228-229.

— 3.ª ed. 1964, p. 248-249.

3

2.2 — Livros e opúsculos

LIMA, Alceu de Amoroso. Affonso Arinos |por| Tristão de Athayde |pseud.| Rio de Janeiro, Anuário do Brasil |1922| 197 p.

4

MATOS, Mário. Último Bandeirante. Belo Horizonte |Imprensa Oficial| Amigos do Livro |1935| 172 p.

O cap.: Sensibilidade Auditiva e Visual de Affonso Arinos — foi publicado antes in: Minas Gerais. B. Horizonte, 4 ago. 1934, p.

5

2.3 — Capítulos

ORBAN, Victor. Littérature Brésilienne. Paris, Garnier, 1913, p. 317.
— 2.ª ed. Paris, Garnier, 1914, p. 404.

6

EGAS, Eugênio de Andrada. Necrológios (1916-1918) S. Paulo, Tip. Siqueira, 1919.
Não vimos a obra.

7

LIMA, Mário de. Esbôço da História Literária de Minas. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1920, p. 39, 65.

8

CUNHA, Tristão da. Cousas do Tempo. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil |1922| p. 196-198.

9

GOMES, Alfredo. História Literária. In: Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro, 1922, p. 1, p. 1511.

10

GOMES, Perilo. Ensaios de Crítica Doutrinária. Rio de Janeiro, Centro Dom Vital, 1923, p. 211-220.

11

MIRANDA, João Pedro da Veiga. Os Faiscadores. S. Paulo, Monteiro Lobato, 1925, p. 258-276.

12

BILAC, Olavo. Affonso Arinos. In: Últimas Conferências e Discursos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927, p. 28-32.
Num Banquete em Belo Horizonte — 27 de agôsto de 1916.

13

CARVALHO, Ronald de. Affonso Arinos. In: Estudos Brasileiros. 2.ª série. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia., 1931, p. 139-144.
Antes publicado com o título — Affonso Arinos, Gentil-Homem do Brasil — In: O Jornal. Ed. especial consagrada a Minas Gerais. Rio de Janeiro, 1929, 3.ª sec.

14

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro. Galeria Nacional. Vultos Proeminentes da História brasileira. Rio de Janeiro, "Jornal do Brasil", 1931, fasc. 2, p. 161.

15

PEIXOTO, Afrânio. Noções de História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931, p. 322.

16

GRIECO, Agripino. Evolução da Prosa Brasileira. Rio de Janeiro, Ariel Ed., 1933, p. 168-170, 178, 332.

17

BRANDÃO, Paulo José Pires. Vultos do Meu Caminho. S. Paulo, Instituto D. Ana Rosa, 1935, p. 5-9.

18

FERNANDES, Sebastião. O Galarim. Ensaios. Rio de Janeiro, Pongetti, 1935, p. 19-32.

19

AUTUORI, Luis. Affonso Arinos. In: Os Quarenta Imortais. Rio de Janeiro, 1945, p. 414.

20

MARTINS, Mário R. A. Evolução da Literatura Brasileira; notas biográficas. Rio de Janeiro |Jornal do Brasil| 1945, v. 1, p. 94-95.

21

PEREIRA, Lúcia Miguel. História da Literatura Brasileira, sob a direção de Álvaro Lins. v. 12, Prosa de ficção (De 1870 a 1920) *Rio de Janeiro, José Olympio*, 1950, p. 183-195.

22

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Sul Americana, 1955, v. 1, t. 1, p. 182, 183, 187.

23

FRANCO Affonso Arinos de Melo, 1905 — Um Estadista da Republica (Afrânio de Melo Franco e Seu Tempo) Rio de Janeiro, José Olympio, 1955. 3 v. (Col. Documentos Brasileiros, 85)
Não vimos a obra.

24

DUTRA, Waltensir e Cunha, Fausto. Biografia Crítica das Letras Mineiras. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956, p. 11, 12, 16, 58, 63, 69-73, 117, 118, 119.

25

OLIVEIRA Júnior, Cândido Martins de. História da Literatura Mineira (Esquema, de Interpretação e Notícias Biográficas) Belo Horizonte, Ed. Itatiaia |1958|, p. 26, 45 e 114.

— 2.ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1963, p. 26, 45, 164, 165, 262, 384.

26

SOUSA, J. Galante de. O Teatro no Brasil. Subsídios Para Biobibliografia do Teatro no Brasil. Rio de Janeiro, 1960, t. 2, p. 61.

27

FRANCO, Affonso Arinos de Melo, 1905 — A Alma do Tempo; Memórias (Formação e Mocidade) Rio de Janeiro, José Olympio. 1961. 427 p.
Não vimos a obra.

28

RABELO, Sílvio. A Contradição de Affonso Arinos. In: Caminhos da Província. Recife |Imprensa da Universidade, 1965| p. 200-204.

29

2.4 — Verbetes em enciclopédias

ENCYCLOPÉDIA e Dicionário Internacional... Rio de Janeiro — New York, W. M. Jackson |s. d.| v. 2, p. 782.

30

2.5 — Artigos, discursos etc.

FREITAS, Leopoldo. Literatura Mineira. Minas Gerais. Ouro Prêto, 1 abr. 1895, p. 2. Sob a pseudônimo de Cássio Gil.
Ao alto do título: Letras.

31

NOTICIAS Diversas. Minas Gerais. Ouro Prêto, 12 an. 1896. p. 2. Pequena Notícia do Próximo Aparecimento de Pelo Sertão.

32

PARECER acêrca do livro Notas do dia, assinado por Afonso Celso e Homem de Melo. In: Rev. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. 64, pte. 2, 1901, p. 304-305.

33

PARECER acêrca da admissão como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assinado por Manuel Francisco Correia e João Carlos de Sousa Ferreira. Rev. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. 64, pte. 2, 1901, p. 312.

34

PROPOSTA para que seja admitido como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assinada por Henri Raffard, Max Fleiuss e Dr. Castro Carreira, servindo de base para essa proposta o seu recente livro Notas do Dia, onde há excelentes capítulos sôbre história pátria. Rev. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. 64, pte. 2, 1901, p. 298.

35

VERÍSSIMO, José. Estudos de Literatura Brasileira. 1.ª série. Rio de Janeiro, Garnier, 1901, p. 272-275.
Refere-se a Pelo Sertão.

36

BILAC, Olavo. Resposta do sr. Olavo Bilac. In: Rev. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, ano 1, n.º 2, out. 1910, p. 507-522.
Também in: Academia Brasileira de Letras. Discursos acadêmicos (1897-1906) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934, p. 170-185.
Discurso ao receber o acadêmico Affonso Arinos de Melo Franco na Academia Brasileira de Letras, em 18 de setembro de 1903.

37

PROPOSTA de Afonso Celso, para que se lance na ata uma moção de aplauso, solidariedade e louvor ao sócio dr. Affonso Arinos de Melo Franco pela maneira resoluta, erudita, patriótica com que na imprensa européia rebateu os conceitos injustos e ingratos do explorador Savage Landor *sôbre o Brasil. In: Rev. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro,* t. 77, pte. 2, 1914, p. 337-338.

38

FONSECA, José Eduardo da. Affonso Arinos. Discurso pronunciado por ocasião do falecimento do grande escritor. In: Rev. Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, v. 4, 1926, p. 233-236.

39

GALVÃO, Benjamim Franklin Ramiz. Discurso na sessão magna comemorativa do 78 aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In. Rev. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, t. 80, 1916, p. 853-856.
Comunicação seu falecimento, p. 667.

40

LIMA, Augusto de. Affonso Arinos. In: Rev. do Brasil. S. Paulo, ano 1, v. 1, 1916, p. 233-239.

41

LENDAS e tradições. Rev. do Brasil. São Paulo, v. 1, 1916, p. 66.
Nota sôbre o curso que fêz na Sociedade de Cultura Artística, sôbre tradições e lendas do Brasil.
M. R. — Affonso Arinos. Rev. do Brasil. S. Paulo, v. 1, 1916, p. 325-328.
Inclui poesia de Arduino Bolivar sôbre a morte de Affonso Arinos.
PIRES, Aurélio — Recordando... Rev. do Brasil. S. Paulo, v. 1, 1916, p. 240-244.
LIVROS NOVOS. Affonso Arinos — Pelo Sertão — Nova edição. Rio de Janeiro — Livraria Garnier — 1917. In. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 17 jul. 1917, p.

42

BELO, José Maria — Affonso Arinos. Rev. do Brasil, S. Paulo, v. 8, 1918, p. 91-92.
Transcrito do "Correio da Manhã", Rio de Janeiro, 25 abr. 1918.
CARVALHO, Ronald de. Pequena história da Literatura Brasileira. 3.ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1925, p. 281, 289, 404, 405.
A primeira edição foi publicada em 1919 e a última em 1958, que é 11.ª ed.

43

ALENCAR, Mário de. Discurso do sr. Mário de Alencar. Rev. da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, v. 7, 1920, p. 376-398.
Discurso ao receber Miguel Couto na Academia Brasileira de Letras, na cadeira que fôra de Affonso Arinos, no qual faz várias referências a êste escritor.

44

COUTO, Miguel. Elogio de Affonso Arinos. In: Rev. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, v. 7, 1920, p. 350-375.
Também in: Academia Brasileira de Letras. Discursos Acadêmicos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936, v. 4, p. 53-74.

45

MEDEIROS e Albuquerque. Affonso Arinos — Lendas e Tradições do Brasil. In: Páginas de crítica. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurillo, 1920, p. 45-66.

46

LE GENTIL, Georges. Affonso Arinos. Revue de l'Amerique Latine. Paris, 1 fev. 1924. p.
Não vimos a revista.

47

AVENIDA, João da, pseud. de Affonso Arinos. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 9 dez. 1928, p.

48

CARIOCA, João, pseud. de Affonso Arinos no Senado. In: Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 23 fev. 1929, p.

49

ANDRADE, Carlos Drummond de. Arinos e o Modernismo. Estado de Minas. Belo Horizonte, 1 ago. 1929, p.

50

CASASANTA, Mário. A misericórdia de Arinos. Estado de Minas. Belo Horizonte, 1 ago. 1929, p.

51

PIRES, Aurélio. Evocando Gil Cássio (Affonso Arinos) Estado de Minas. Belo Horizonte, 1 ago. 1929, p.

52

A INAUGURAÇÃO do monumento a Affonso Arinos. Estado de Minas. Belo Horizonte, 1 e 2 ago. 1929, p.

53

MATOS, Mário. Discurso do acadêmico Mário Matos. Rev. Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte, ano 23, 1929, p. 83-103. Também in:

Rev. Academia Mineira de Letras. Belo Horizonte, v. 18, 1936, p. 113-133.
Antes publicado in: Minas Gerais. Belo Horizonte, 2 ago. 1929, p.
Discurso proferido na inauguração do monumento a Affonso Arinos, em Belo Horizonte, na praça que tem o seu nome.

54

AFFONSO ARINOS. Reminiscências da Vida do Inolvidável Escritor Mineiro. Minas Gerais. Belo Horizonte, 3 ago. 1929, p.

55

HOMENAGEM de Minas a Affonso Arinos. A inauguração do monumento ao saudoso escritor mineiro, ontem realizada, constituiu uma festa cívica altamente expressiva... O Jornal. Rio de Janeiro, 4 ago. 1929, p.

56

AMARAL, Azevedo. Affonso Arinos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 6 ago. 1929, p.

57

GOMES, Lindolfo. Affonso Arinos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 15 ago. 1929, p.
Artigo escrito por motivo da inauguração do monumento a AA, em Belo Horizonte.

58

AZEREDO Neto. Affonso Arinos. Minas Gerais. Belo Horizonte, 1 mar. 1934.

59

OLIVEIRA, José Lourenço de. Affonso Arinos, epônimo do Ginásio "Affonso Arinos". Fôlha de Minas. Belo Horizonte, 1 jan. 1935, 2.ª sec. p. 3.

60

BARROS, Jaime de. O S. Christovam das Nossas Letras. In: Espelho dos Livros (Estudos Literários) 1.ª série. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, p. 271-279.
Sôbre o livro de Mário Matos, Último Bandeirante, sôbre Affonso Arinos.

61

FRIEIRO, Eduardo. Último Bandeirante, do sr. Mário Matos — Affonso Arinos o homem e o escritor — Um parisiense, caçador de paisagens matutas. In: Letras Mineiras 1929-1936. Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1937, p. 193-202.

62

LIMA, Alceu de Amoroso. O Último Bandeirante. Espelho. Rio de Janeiro, n.º 15, jun. 1936 p. 20.
Sôbre o livro de Mário Matos. O Último Bandeirante, sôbre Affonso Arinos.

63

CASASANTA, Mário. Affonso Arinos, autor e ator. Fôlha de Minas. Belo Horizonte, 20 nov. 1947, p.

64

— O môço Affonso Arinos. Fôlha de Minas. Belo Horizonte, 13 dez. 1947, p.

65

DORNAS Filho, João. Affonso Arinos. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 jul. 1951, p.

66

GOMES, Lindolfo. Affonso Arinos |por| L. G. In: Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 30 abr. 1952, p.

67

SILVEIRA, Alípio. Affonso Arinos, mestre do conto regional. O Diário. Belo Horizonte, 23 out. 1955, p.

68

MACHADO Filho, Aires da Mata. À Margem do Buriti Perdido. In: Crítica de estilos. Rio de Janeiro, Agir, 1956, p. 199-209.

69

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Biografia, introdução e notas. In: Pelo Sertão. Rio de Janeiro |Tecnoprint Gráfica S. A., 1967| (Clássicos Brasileiros. Edições Ouro, 899)

70

MATOS Filho, Manuel Paulo Teles de. Arinos no Senado. Correio da Manhã. R. Janeiro, 26 out. 1946, p. |Sob pseud. de João Paraguassu|

ÍNDICES

1 — Dos trabalhos de Affonso Arinos

Carta ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 27
Conferência sôbre D. Pedro I, 26
Conferências e discursos, 9
O Contratador dos Diamantes, 4
Discurso no Ginásio Mineiro, 22
Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, 23
Discurso ao ser rec... Instituto Históric...
Discurso na Acad... leira de Letra... o almirante... 25
Histórias ...
Os jagunç...
Lendas e ... 5
O mestre ...
Notas do ...
Pelo Sertão...
A Unidade ...
Viagens e ...

2 — ...

Alencar ...
Amara ...
Andra ... de, ...
Autuo ...
Aver...
Azered...
Barros, ...
Blake, ... mento ...
Bilac, O...
Brandã...
Carioca...
Carpea...
Carval...
Casas...
Cout...
Cou...
C...
D...
D...
Eg...
Fer...
Fonse...
Franc... lo, 24, ...
Freitas, Leop...
Frieiro, Edu...
Galvão, B...
Gomes, Al...
Gomes, Lindolfo, 58, 67
Gomes, Perilo, 11
Grieco, Agripino, 17
Guimarães, Argeu, 2
Jornal do Brasil, 15
Le Gentil, Georges, 47
Lima, Alceu de Amoroso, 4, 63
Lima, Augusto de, 41
Lima, Mário de, 8
Machado Filho, Aires da Mata. 69
Martins, Mário R., 21
Matos, Mário, 5, 54
Matos Filho, Manuel Paulo T. de, 71
Medeiros e Albuquerque, 46
Miranda, João Pedro da Veiga, 12
Oliveira, José Lourenço de, 60
Oliveira Júnior, Cândido Martins de, 26
Orban, Victor, 6
Peixoto, Afrânio, 16
Pereira, Lúcia Miguel, 22
Pires, Aurélio, 52
Proença, Ivan Cavalcanti, 70
Rabelo, Sílvio, 29
Silveira, Alípio, 68
Sousa, J. Galante de, 27
Velho Sobrinho, J. F. 2
Veríssimo, José, 36

NOTA

Êste subsídio para uma bibliografia de Affonso Arinos, não é selecionado.

Relaciona o que ... publicou — livros, folhetos e artigos de periódicos — sôbre sua vida e suas obras, que estiveram ao alcance do compilador examinar, com algumas exceções.

As publicações estão ordenadas cronològicamente, dentro de cada um dos gêneros em que subdividem as duas partes.

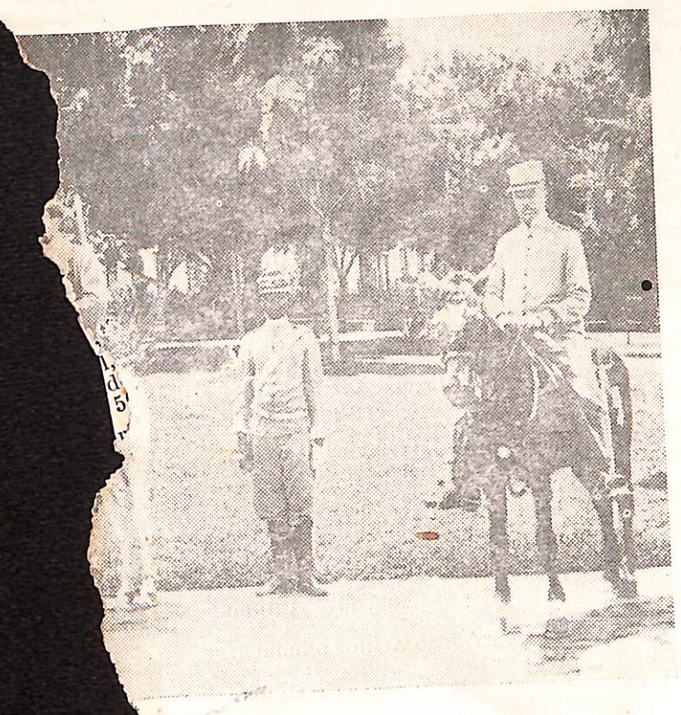
Trabalho desta natureza não é completo e por isso o compilador roga aos estudiosos da obra de Affonso Arinos, indicarem as omissões e os enganos, agradecendo antecipadamente. H.G.

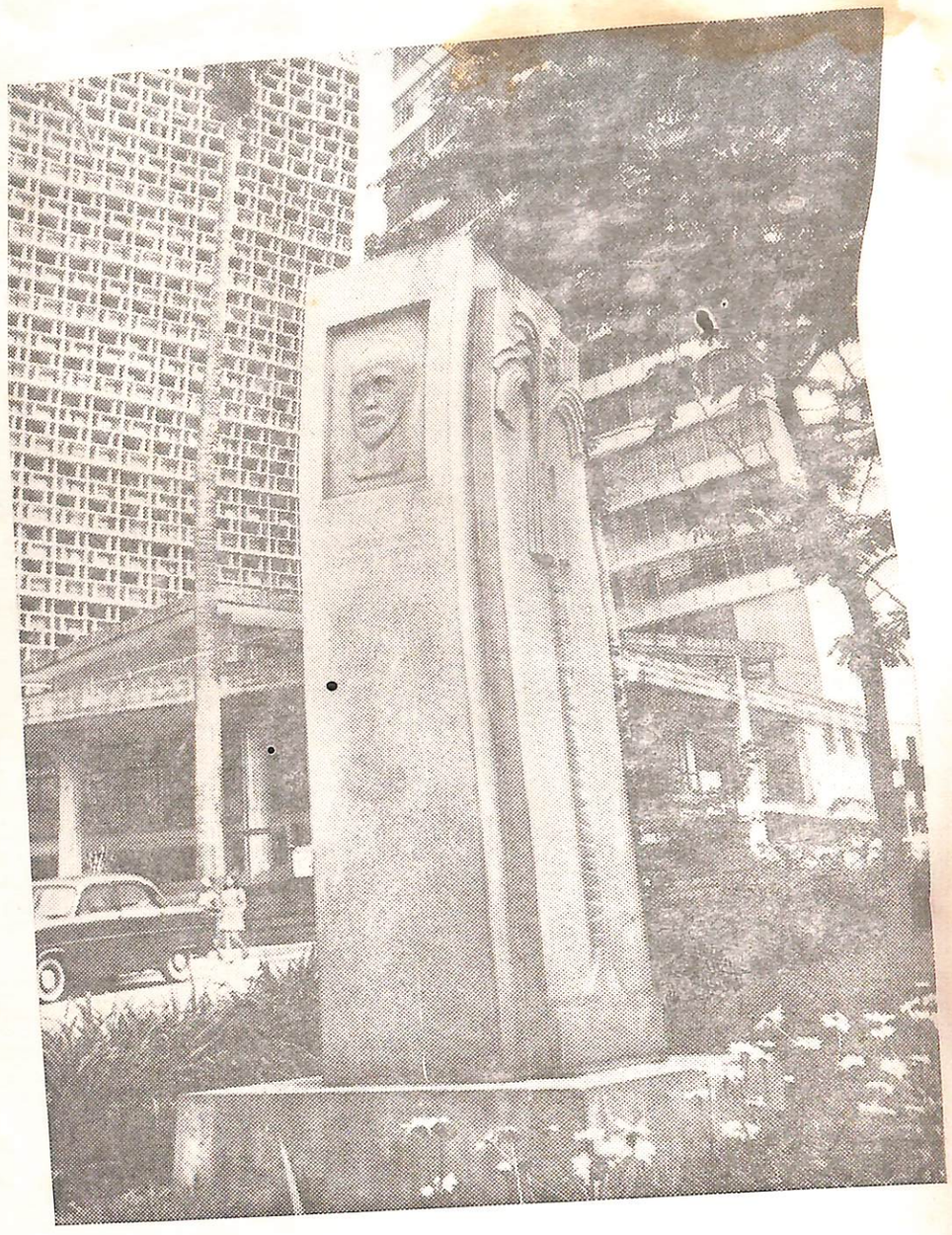
Fundo APM/MG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMGMG/Hemeroteca/Acerv. Dl/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Em 1º de agôsto de 1929, foi inaugurado, em Belo Horizonte, o monumento a Affonso Arinos, nos jardins da antiga Praça da República, em frente à Faculdade de Direito e que hoje tem o nome do escritor. Mandado erigir pelo Conselho Deliberativo da capital mineira, representou não só a homenagem do nosso povo ao autor de Pelo Sertão, *mas ainda um ato de reconhecimento pela divulgação de nossas coisas, pela lição profunda de sua vida, pelo exemplo de amor à terra que representa a sua obra vigorosa. Participando da solenidade de inauguração, estiveram presentes ao ato as figuras mais representativas do mundo intelectual de Belo Horizonte da época, entre as quais se encontravam membros da Academia Mineira de Letras, diretores e professôres de estabelecimentos de ensino, a sociedade, autoridades e populares. Vindos do Rio de Janeiro, ali se encontravam também o então deputado Afrânio de Mello Franco e seus filhos Caio de Mello Franco, Affonso Arinos Sobrinho e senhora; d. Sylvia Amélia de Mello Franco, bem como outros membros da família do escritor, deixando de comparecer a viúva de Affonso Arinos, por motivo de moléstia.*

O Presidente do Estado, Antônio Carlos, iniciou a cerimônia e inauguração, convidando o deputado Afrânio de Mello Franco o Professor Mendes Pimentel a descerrar, com êle, a cortina velava a herma. Descoberto o monumento, tomou a palavra o Cristiano Machado, então Prefeito de Belo Horizonte, que nciou breves palavras, antes de ser chamado a falar o oracial da solenidade, escritor Mário Mattos.





rinos com o primo, Capitão Henrique de Melo Franco, no mesmo lugar onde se encontra hoje o monumento em sua homenagem.

ARINOS

Azevedo AMARAL

Belo Horizonte ainda não se contaminou com a febre de glorificação escultural, que tem povoado as ruas do Rio de Janeiro com tantos atestados monumentais de mal gôsto e de deficiência de descriminação no julgamento dos valôres humanos. Diante da multidão estatuária dispersa pela metrópole carioca, é difícil concluir se pior é a arte dos escultores incumbidos da imortalização promíscua de vultos ilustres e de figuras medíocres, ou se o critério dos promotores de tais homenagens. Tolere-se, entretanto, ao amor próprio dos naturais da cidade da Guanabara, lembrar que o *record* do absurdo em tal matéria foi batido além das fronteiras do Distrito Federal com a outorga da glória monumental aos que ainda podem ser contemplados na sua autêntica efígie humana, como o atual Presidente da República, já estabilizado em bronze pelos seus conterrâneos de Macaé. (1) A estátua tornou-se, numa forma discutível de consagração dos que viveram honrando a sua terra e fazendo o bem. Mas a capital mineira não barateou ainda a celebração cívica de que todos os povos são tão avaros e pode levantar numa das suas ruas o monumento a Affonso Arinos, imprimindo a êsse preito de reconhecimento uma significação digna do ilustre mineiro, em que se exprimiu com tão original vigor o espírito da mais pura brasilidade.

No desenvolvimento da cultura de uma nação aparecem, de quando em vez, personalidades cujo papel não se restringe à simples manifestação dos primores do espírito, do apuro da sensibilidade e da opulência erudita do aparelhamento intelectual. São artistas ou pensadores que adquirem direito à posição especial entre as categorias dos valôres nacionais pela afinidade profunda com o ambiente da sua pátria, tornando-se por essa identificação misteriosa com os homens e as coisas do seu meio, reflexos vivos de uma consciência indistinta na alma dos seus compatriotas. O característico dêsses verdadeiros expoentes de uma nacionalidade, dêsses homens que são, por assim dizer, encarnações do gênio da sua raça e do espírito da sua terra, é uma transcendência às contingências do momento histórico em que vivem e que os coloca em plano onde os elementos essenciais da existência nacional se movem, seguindo as grandes diretrizes dos destinos do seu povo, independentemente das limitações do tempo e do colorido peculiar de uma época.

Parece-me que sòmente quando um povo se torna capaz de produzir êsses homens representativos, está êle entrando no período de definição das suas características nacionais. Durante quatro séculos de formação histórica a nossa literatura não apresenta nenhum exemplo dessas mentalidades que surgem de cepa materna, vestidas com os elementos essenciais e diferenciadores do grupo humano a que pertencem e das condições peculiares do meio em que atuam. Nos nossos escritores de mesmo nos nossos poetas transparecem apenas os reflexos de uma cultura alheia e as repercussões criadoras do espírito longínquo de civilizações exóticas. Sente-se, em tôda essa obra, a influência nostálgica das metrópoles étnicas e espirituais dos homens que vieram colonizar a terra brasileira.

Os lavores, que a inteligência trabalha no nobre material da língua histórica da raça, são os ornamentos decorativos com que se procura imprimir à nova cidade a fisionomia estética da colméia donde emigraram os recém-chegados.

As próprias tentativas de dar a essa obra estranha um aspecto de harmonia e de afinidade com o nôvo ambiente foram de um artificialismo ingênuo, em que comprometedoramente se revela a sua insinceridade. A busca do índio, para criar em tôrno dêle uma arte brasileira, era trabalho arqueológico em que a falta de destreza indicava a ausência de espontaneidade do esfôrço criador.

Com Affonso Arinos iniciase uma orientação nova na apresentação de valôres literários, que exprimem formas autênticas do sentimento brasileiro. As fortes manifestações atuais de brasilidade, com que a geração môça vem encaminhando a nossa literatura nas linhas fortes e bem definidas de um nacionalismo intelectual, têm tôdas a sua origem na obra do escritor, a quem Belo Horizonte acaba de prestar a homenagem, que representa também um preito de todo Brasil.

A consciência nacional de um povo é a resultante da harmonia entre a sua mentalidade e as condições do ambiente físico, que o destino lhe marcou como cenário da sua atividade histórica. A Affonso Arinos coube tornar-se o primeiro órgão de expressão literária da realização dêsse trabalho de adaptação do brasileiro ao meio americano.

Ninguém antes do original e vigoroso escritor mineiro havia dado forma artística ao conjunto de expressões recebidas das paisagens da nossa terra e às emoções em que revivem as aluviões da formação nacional, mantidas no subconsciente como base do desenvolvimento sociológico da nacionalidade. Affonso Arinos, não apenas compreendeu a concatenação lógica dos nossos antecedentes históricos apreciados em função do cenário natural, como sentiu profundamente as vibrações emotivas dêsses quadros, em que se estende a continuidade da vida brasileira, transmutando-os em formas artísticas que nos revelaram alguns dos traços essenciais da nossa personalidade coletiva. Assim, a sua obra marca o alvorecer de uma autonomia literária, que deve ser a afirmação intelectual da nossa emancipação.

Um povo só se converte verdadeiramente em nação, quando a sua independência política e econômica vem a culminar na individualização dos seus valôres espirituais pela exploração intelectual dos filões em que se contém as possibilidades do seu gênio peculiar.

Affonso Arinos, coordenando o homem e o solo em uma síntese cuja expressão estética ilumina encantadoramente a sua obra, foi o pioneiro dessa emancipação intelectual do Brasil e o primeiro libertador do nosso gênio nacional, antes dêle ainda vinculado às correntes de uma estesia de além mar, que nos deixava como hóspedes e intrusos no cenário em que temos de levantar a esfera autonômica de uma civilização e de uma cultura originais.

(1) N. da R. — Presidente Washington Luiz, deposto em 1930.

"Minas Gerais", 6 de agôsto de 1929.

MINAS GERAIS
suplemento literário

Comissão de Redação:
Ayres da Matta Machado Filho
Murilo Rubião
Laís Corrêa de Araújo

Secretário:
Murilo Rubião

passagens, fazendo-lhe referência. Falei, especialmente, do poeta como precursor do romantismo e aproveitei para passar alguns diapositivos que tirei quando da minha estada em Ouro Prêto.»

GERSON DE BRITTO MELLO BOSON,

Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais: "...ao agradecer o envio do SL, quero cumprimentá-lo pelo magnífico trabalho que vem sendo desenvolvido para o aproveitamento da intelectualidade jovem de Minas — tão sàbiamente reunida neste Suplemento dos Novos.» (Carta dirigida ao Secretário do Suplemento).

GERALDO FRANÇA DE LIMA,

escritor: «Tenho recebido o Suplemento do «Minas Gerais», que hoje é dos melhores suplementos que temos; ótimo. Não só pela qualidade, como, principalmente, e sobretudo, pelo bom gôsto que o preside.»

MOACY CIRNE,

escritor: «Grato pelos números especiais do Suplemento Literário do «Minas Gerais». Vocês merecem a solidariedade do nosso movimento — a poesia de processo.»

JOSÉ CARLOS LISBOA,

escritor e professor da Faculdade Nacional de Filosofia (GB): «É uma alegria ver o Suplemento chegar ao número 70, com a mesma alta qualidade com que começou, e com a mesma mineiridade superior, da Marília ao Frieiro, ao Mário Matos, ilustrações, poemas, ensaios, crítica, artes plásticas, desenho — o diabo! — tudo a sacudir a alma dos *desterrados*. Parabéns, com abraços abundantes, calorosos, a Você e à sua equipe, e os votos para que o Govêrno entenda o que significa essa posição tomada de assalto por Vocês, dentro do País, com essa obra.» (Carta dirigida a Murilo Rubião).

BRAULIO SANCHEZ SAEZ,

escritor espanhol: «Toda la colaboración es excelente y, en la cual la figura de Mário Matos, queda estudiada em sus más mínimos detalles. Tuve relaciones con tan ilustre ensayista y crítico profundo, cuya obra sobre Machado de Assis, mucho me enclareció para mi trabajo sobre el autor de «Don Casmurro», publicado ya hace algunos años, como también para mis modestos trabajos en mi libro «Vieja y Nueva Literatura del Brasil», que publicara la Biblioteca de América en las ediciones «Ercilla» de Chile. Por lo tanto, dejo mi testimonio, al tan loable maestro».

TEREZINHA SPINOLA,

funcionária do Itamaraty: «O Suplemento que vem aqui, em meu nome, para o Itamaraty, tem inúmeros admiradores e é lido, religiosamente, por muita gente.»

BLANCA LÔBO FILHO,

professôra de português no Portland State College (USA): "Continuamos a receber com grande interêsse o SL, que achamos ótimo. Os meus alunos mostram cada vez mais entusiasmo pela literatura brasileira.»

JOSÉ DE OLIVEIRA VAZ,

da direção dos Diários Associados em Minas: «Você e os colaboradores dessas magníficas edições merecem o aplauso e a manifestação de entusiasmo de todos. É uma obra que dignifica a cultura e enobrece as letras, numa reafirmação da liderança dos mineiros na arte do pensamento.»

AMÉLIA DE [illegible]VEDO BUENO,

professôra: «Creio [illegible]o Rio não há nenhum Suplemento tão com[illegible]e tão atualizado: crítica literária de autores [illegible]e conhecem os estudos contemporâneos, artigos [illegible]portunos e profundos. Haja visto o número sôbr[illegible] Guimarães Rosa e já há tempos, sôbre Cecília M[illegible]reles.»

EMANUEL XAVIER,

escritor (Ceará): — «Tenho recebido regularmente o excelente SL do "Minas Gerais», o qual me ajuda a suportar a monotonia do meu exílio, aliás voluntário, nesta pequena cidade nordestina, minha terra natal».

MIGUEL JORGE,

ficcionista (Goiás): «Agradeço pela remessa do Suplemento do «Minas Gerais». Não houve surprêsa quanto ao excelente veículo de cultura que é o Suplemento, dirigido pelo admirável Murilo Rubião. Realmente, de Minas, nos chega um fato concreto, em se tratando de suplementos literários. Quanto ao nível, um dos melhores de todo o país, o mesmo se dizendo quanto à feitura e acabamento tipográfico[illegible]
seguiram se impor como[illegible]
continuem, para o bem da[illegible]

ELIAS J[illegible]

contista: «Vocês podem [illegible]
zendo o melhor suplem[illegible]
Um suplemento aberto [illegible]
tem valor, e não ape[illegible]
acontece nos demais»

VICENTE[illegible]

escritor: «Venho receb[illegible]
dadeiro campo de expe[illegible]
Vocês estão fazendo óti[illegible]
fornecem páginas onde[illegible]
peto da mocidade. Junto, of[illegible]
mações oportunas, bons exemplos literários e [illegible]
terial sério, para estudo e conhecimento. Boa tática. Alguns dos novos ficarão».

WILLIAM M. DAVIS

professor de Literatura Galega e Portuguêsa, Saint Louis, Missouri, U.S.A.: «Queira aceitar meus sinceros parabéns pela organização primorosa do Suplemento Literário do «Minas Gerais», cujas edições especiais são dos tesouros de minha biblioteca.»

SOLANGE GRECO

professôra: «De um suplemento dêsse gênero espero muito mais. Em primeiro lugar, porque sou professôra recém formada e sinto quão importante é um jornal literário na vida de um estudante, não só de letras, mas de um universitário realmente enga[illegible] em seu meio estudantil. Existem muita[illegible]stas e mesmo jornais literários: leio-os se[illegible]que posso. Porém com o Suplemento, algo de diferente acontece, espero ansiosamente pelos números especiais e n[illegible] só leio os semanais como também os coleciono.

Considero os números especiais [illegible]uma verdadeira obra prima no que diz resp[illegible]
plemento Literário e posso acrescentar q[illegible]
há no Brasil revista ou jornal tão atuali[illegible]
perdão pelo têrmo, «avançado» como ê[illegible]
segundo lugar, porque sou pintora [illegible]o-
me igualmente pela apresentação est[illegible]la-
térias que leio. Sinto-me mais uma v[illegible]lho-
sa de poder elogiar não só a encader[illegible]o dos
números especiais, como também os de[illegible]nhos e
gravuras que acompanham todos os números:
são verdadeiramente «geniais».

Fundo APMDMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo APMOMG/Hemeroteca/Arm. 01/Cód. 3182/Acervo Arquivo Público de Paracatu

GOVÊRNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
GOVERNADOR DO ESTADO: ISRAEL PINHEIRO DA SILVA
SECRETÁRIO DE ESTADO DO GOVÊRNO: RAUL BERNARDO NELSON DE SENNA
DIRETOR DA IMPRENSA OFICIAL: PAULO CAMPOS GUIMARÃES

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS
COMISSÃO DE REDAÇÃO:
AYRES DA MATTA MACHADO FILHO
MURILO RUBIÃO
CORRÊA DE ARAÚJO
ÁRIO: MURILO RUBIÃO
ÇÃO: LUCAS RAPOSO
ARO APOCALYPSE